

# ANÁLISE DE DISCURSO:

ABORDAGENS PECHÉUTIANAS

ORGANIZADOR  
ANDERSON DE ALMEIDA SANTOS





**ANÁLISE DE DISCURSO: ABORDAGENS  
PECHEUTIANAS**

### ***Comissão Editorial***

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

### ***Conselho Editorial***

Dr. André Rezende Benatti (UEMS\*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB\*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE\*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA\*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA\*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB\*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR\*)

\*Vínculo Institucional (docentes)

Anderson de Almeida Santos

**ORGANIZADOR**

**ANÁLISE DE DISCURSO: ABORDAGENS  
PECHEUTIANAS**



Catu, BA

2023

© 2023 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2023 Os autores  
Copyright da Edição © 2023 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
https://www.editorabordogrena.com  
bordogrena@editorabordogrena.com

*Projeto gráfico:* Editora Bordô-Grená  
*Capa:* Keila Lima de Assis  
*Edição:* Editora Bordô-Grená  
*Revisão textual:* Anderson de Almeida Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

---

A532

**Análise de discurso:** [Recurso eletrônico]: abordagens pecheutianas /  
Organizador Anderson de Almeida Santos. – Catu: Bordô-Grená, 2023.  
2269kb, 199fls.il: Color.

Livro eletrônico

Modo de acesso: Word Wide Web <[www.editorabordogrena.com](http://www.editorabordogrena.com)>

Incluem referências

ISBN: 978-65-80422-22-7 (e-book)

1. Análise do discurso. 2. Michel Pêcheux 1938-1983 I. Santos, Anderson de Almeida. II. Título.

CDD 410

CDU 41

---

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

# S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO	9
<i>Organizador</i>	
CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: UM PERCURSO TEÓRICO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE PÊCHEUX	14
<i>Gabriela Pacheco Amaral</i>	
A “AD” DE MICHEL PÊCHEUX: UM DEDO DE PROSA SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM	37
<i>Illa Pires de Azevedo e Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez</i>	
AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS E OS SENTIDOS OUTROS NO INSTAGRAM: UMA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE O CASAMENTO	67
<i>Anderson Santos</i>	
O POP NÃO POUPA NINGUÉM: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO NO ESPAÇO VIRTUAL EM SUA ARTICULAÇÃO COM A CULTURA POP	90
<i>Sarah Vicente C. da Silva e Bruna Maria de S. Santos</i>	
AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E A VERDADE: UMA DISCUSSÃO SOBRE O OBJETO INEXISTENTE	129
<i>Victor Hugo da S. Vasconcellos</i>	

“EM UMA SÓ VOZ ESCONDE A SUA VOZ”: O ENTRECRUZAMENTO DISCURSIVO NO PAGODE <i>Fernanda Araújo Dias M. Xavier</i>	155
A ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA TEORIA PECHEUXTIANA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS <i>Jannice Moraes de O. Cavalcante e Tayson Ribeiro Teles</i>	178
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	194
SOBRE O ORGANIZADOR	198

## APRESENTAÇÃO

A presente obra, com base no pressuposto teórico-metodológico da Análise de Discurso de base materialista, apresenta textos com resultados de pesquisas de diversos pesquisadores da área do discurso. Os artigos aqui apresentados desenvolvem-se sobre diversas materialidades discursivas, com foco entre a articulação da história e a língua para o funcionamento do discurso, sendo, assim, constituindo sentidos pelo funcionamento da ideologia.

Deste modo, cada pesquisador, por seu gesto de interpretação: identificará as formações discursivas em cada materialidade discursiva, para discutir os processos de produção dos sentidos, na posição sócio-histórico dada para a noção de formação discursiva, através da ideologia, determinando o que pode e deve ser dito; compreenderá, também, o funcionamento da memória discursiva, essa compreendida não como memória de um sujeito individual, mas como memória história que permite preencher as lacunas dos implícitos.

Portanto, para essa corrente teórica que considera a língua não só como estrutura, mas também como acontecimento a partir da materialidade histórica como um sistema relativamente autônomo e o discurso como efeitos de sentidos entre os pontos A e B, sendo esses pontos considerados a representação do sujeito na esfera discursiva, vejamos como a cada acontecimento o discurso com sentidos outros.

O primeiro artigo do livro está titulado como “CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: UM PERCURSO TEÓRICO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE PÊCHEUX” de

Gabriela Pacheco Amaral, que tem por objetivo discorrer sobre os conceitos de ideologia e de formação discursiva na perspectiva de Pêcheux, bem como apresentar, sucintamente, as três fases iniciais de sua Análise do Discurso. Assim, será considerado os trabalhos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade enunciativa para compreendermos que as formações discursivas não são homogêneas e fechadas em si, elas são heterogêneas e suportam em si múltiplas vozes e diversos discursos.

Por seguida, Illa Pires de Azevedo e Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez apresentará “A ‘AD’ DE MICHEL PÊCHEUX: UM DEDO DE PROSA SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM”, ao passar por alguns pressupostos teóricos fundamentais para a compreensão do trabalho de Michel Pêcheux, que muito contribuiu para os trabalhos nos estudos da linguagem, sobretudo, no âmbito dos estudos discursivos, como as noções de discurso, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso/memória discursiva, paráfrase, polissemia – considerados indispensáveis ao trabalho do analista do discurso, bem como algumas considerações acerca do dispositivo metodológico da teoria pecheutiana.

Com o trabalho intitulado “AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS E OS SENTIDOS OUTROS NO INSTAGRAM: UMA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE O CASAMENTO”, Anderson Santos dissertará sobre os significados de

casamento para os LGBTQIA+ que acionam a memória histórica sobre o casamento heteronormativo, seja para romper ou estabelecer relações entre ele e a cerimônia homossexual. Assim, interessa compreender o funcionamento da memória discursiva, o sentido vinculado à formação discursiva, as condições de produção do discurso e do interdiscurso, em relação ao sentido do casamento.

O artigo “O POP NÃO POUPA NINGUÉM: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO NO ESPAÇO VIRTUAL EM SUA ARTICULAÇÃO COM A CULTURA POP” de Sarah da Silva e Bruna Santos tem como objetivo analisar como o discurso religioso opera no espaço virtual e considera sua conexão com a cultura popular. Para a análise das sequências discursivas selecionadas, as autoras têm por âncora os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Pecheutiana, desenvolvendo os seguintes conceitos teóricos: espaço material (ORLANDI, 2009), rede social (RECUERO, 2009), ciberespaço (LEVY, 2010), discurso religioso (MIKLOS, 2012) e (SBARDELOTTO, 2012), e cultura popular (SOARES, 2015). Assim, a análise permite observar que o discurso religioso se reconfigura de acordo com o enquadramento/determinação do espaço virtual, valendo-se do empréstimo de elementos da cultura popular para gerar sentido e engajar, interagir e identificar-se com os sujeitos que constituem e movimentam nesse espaço.

Victor Vasconcellos no seu artigo intitulado “AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E A VERDADE: UMA

DISCUSSÃO SOBRE O OBJETO INEXISTENTE” abordará o jornalista Bob Fernandes ao ter como *corpus* trechos de seu vídeo “Jorge Furtado: No Government, Elites Tired of Election Losses, Criminalizing Politics and Kicking Buckets”, lançado em janeiro de 2022. A questão de pesquisa discutida é representada pela seguinte pergunta: Por meio dos discursos de Bob Fernandes e Jorge Furtado, segundo a análise do discurso de linha francesa, a “verdade” pode ser considerada como um objeto que não existe? As categorias discursivas são: formação ideológica e discursivas e interdiscurso. A base teórica provém principalmente de: Maingueneau (1998 e 2008) e Pêcheux (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

Em “*EM UMA SÓ VOZ ESCONDE A SUA VOZ*: O ENTRECRUZAMENTO DISCURSIVO NO PAGODE”, Fernanda Xavier procura examinar como é construída a relação entre as vozes polifônicas e as vozes dialógicas, entre a memória e o interdiscurso vistos no discurso do pagode, e o sentido atribuído à formação de identidades do povo periférico. Para tanto, este artigo discute os aspectos teóricos da AD e insere trechos de canções dos pagodeiros baianos na análise. Como parte de um estudo maior, este artigo propõe singularidades e peculiaridades que podem ser estendidas em futuras discussões.

O trabalho de Jannice Cavalcante e Tayson Teles abordará “A ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA TEORIA PECHEUXTIANA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS” revisitando os conceitos de discurso, condições de produção (de discurso), ideologia

e outros conceitos adjacentes a esses conceitos como significado, efeito de sentido, enunciado/enunciação, sujeito, formação do discursiva (FD), formação da ideológica (FI) e esquecimentos números 1 e 2, ao utilizar a abordagem teórica de Michel Pêcheux da análise do discurso francesa.

Por tudo isso, a obra é uma pequena contribuição para os estudos do discurso de base materialista com as lacunas para serem preenchidas.

## CAPÍTULO 1

---

# CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: UM PERCURSO TEÓRICO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE PÊCHEUX

Gabriela Pacheco Amaral

### CONCEITOS PARA ENTENDER A ANÁLISE DO DISCURSO

Dois conceitos são fundamentais para entender a Análise do discurso francesa (ADF): o de ideologia e o de discurso. Os estudos sobre a ideologia e os aparelhos ideológicos de Althusser influenciaram diretamente os trabalhos de Pêcheux na constituição dessa disciplina, o que pode ser visto, mais especificamente em seu livro *Ideologia e aparelhos ideológicos* (1971). Neste, o autor distingue os *Aparelhos (repressivos) do Estado* dos *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Nos primeiros, o funcionamento ocorre pela violência, física ou mental. Nos segundos, o funcionamento é impulsionado pela ideologia dos seres-comunicantes.

Vale destacar que as ideologias que interpelam os sujeitos são produzidas nos *Aparelhos Ideológicos do Estado* (doravante AIEs). De onde surge tal conceito? Ele surge do filósofo francês Althusser, em 1970. Melhor explicando:

[...]o conceito de aparelho ideológico do Estado (AIE), se apresenta, na época [1970] como uma tentativa para salvar o marxismo do reducionismo economista, segundo o qual a economia seria a única base de leitura para analisar e compreender as relações sociais. [...] Para Althusser, as ideias que pensamos ter

escolhido livremente seriam apenas o reflexo dos aparelhos ideológicos do Estado. (YOUSFI, 2016, p. 52)

Entre as instituições que produzem tais aparelhos podemos citar a igreja, a escola, a família, o sistema jurídico, entre outras. A igreja, com seus dogmas acaba por influenciar a mente dos indivíduos que a frequentam e levam demasiadamente a sério tudo o que ouvem de padres, pastores, rabinos, etc.; a escola, por sua vez, também tende a reproduzir um sistema inibitivo ou na melhor das hipóteses, uniformizado, que visa passar conhecimentos, mas, se houver por parte dos alunos, obediência e disciplina, para melhor apreensão das ideias transmitidas. O sistema jurídico dita leis que regulam o Estado e os cidadãos. A família é também um local onde se produzem AIES que podem marcar seus membros, de maneira positiva ou negativa, conforme os casos.

Uma ideologia, enfim, seria uma forma de pensamento, um credo, que visa influenciar/dominar um indivíduo ou um grupo de indivíduos. Ela pode ter um aspecto religioso, moral, jurídico, político, de posição de classe etc. Com o intuito de explicar o funcionamento da ideologia, Althusser (1970, *apud* BRANDÃO, op.cit., p. 24) formula três hipóteses que serão absorvidas pelas reflexões e estudos de Pêcheux:

1. A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência.
2. A ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas.
3. A ideologia interpela indivíduos como sujeitos.

A função da ideologia é a de transformar indivíduos em sujeitos. Essa constituição se estabelece pela interpelação e pelo (re)conhecimento. Assim, o sujeito insere em si mesmo e, em suas ações, crenças e saberes que se transformam em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Por conseguinte, a ideologia só existe através do sujeito e no sujeito.

Em consonância com Orlandi (2001, p. 15), podemos afirmar que a palavra “discurso” traz a ideia de percurso e de movimento. De tal maneira, o discurso é representativo das palavras em movimento, das palavras na prática da linguagem. A ADF considera que o discurso é uma mediação necessária entre o homem e a realidade social, e é por meio dele que se torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e/ou a transformação do homem e da realidade na qual está inserido. De modo geral, a ADF nos permite refletir sobre o vínculo da linguagem com o mundo. Com isso, o discurso se torna a prática da linguagem e representa, em alguma medida, a mediação do homem com a realidade social, pois nele é possível perceber a língua e a ideologia produzindo sentidos para/pela pessoa.

O discurso, para Foucault (1969, *apud* BRANDÃO, 2004, p. 32), é concebido como uma dispersão, ou seja, por elementos diversos. Acreditamos que todo analista do discurso deve estar ciente dessa dispersão e estabelecer as *regras de formação* que vão determinar os elementos que compõem o discurso. Esses elementos são constituídos pelos *objetos* que se transformam e coexistem em um *espaço comum* discursivo; pelos diversos *tipos de enunciação* que podem perfazer o

discurso; pelos *conceitos* em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, que são relacionados por meio de um sistema comum; pelos *temas* e pelas *teorias* que são os sistemas de relações entre as diversas estratégias capazes de identificar uma *formação discursiva*. Assim eles dão origem às regras que determinam uma *formação discursiva*, em que o discurso passa da dispersão para a regularidade.

Nas considerações de Foucault, as formações discursivas podem ser compreendidas como “[...] os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, [que] formam um conjunto quando se referem ao mesmo enunciado.” (FOUCAULT, 1987, p. 36). Para o filósofo, a questão se dá quando se tenta entender como apareceu tal enunciado para tal situação ou fato e não um outro em seu lugar. A preocupação está no objeto, na reflexão sobre como surge uma formação de conceitos, como são feitas as escolhas e qual é a sua subjetividade.

Cabe explicitar que, em contraste com Pêcheux, Foucault não trabalha com as lutas de classes nem com a interpelação do sujeito pelas formações discursivas. Mas, isso é compreensível pois cada um dos dois homens tinha ideologias políticas diferentes e, além disso, caminhos teóricos/práticos diferentes. Pêcheux estava a fundar uma nova disciplina, a Análise do Discurso e Foucault não estava ligado diretamente a esse trabalho, ainda que, mais tarde, Pêcheux tenha aproveitado alguns conceitos de Foucault, enquanto pensador do fenômeno discursivo.

Assim, Pêcheux desenvolve uma crítica marxista e articula esse pressuposto com uma teoria materialista do discurso. Ele elabora então (com a ajuda de Fuchs) um quadro epistemológico geral da ADF que engloba três dimensões de conhecimento:

[...]o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; a teoria do discurso, com a determinação histórica dos processos semânticos. (Pêcheux e Fuchs (1975) *apud* BRANDÃO, 2004, p. 38)

A ADF não ignorou que o discurso e sua prática tinham muito a ver com o social, evidentemente. Assim,

Considera-se que o discurso é a linguagem em interação, a linguagem em suas condições de produção, ou seja, a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto são constitutivos da significação do que se diz. Com essa noção de discurso estabelece-se que o modo de existência da linguagem é social e fica entre a língua (geral) e a fala (individual): o discurso é o lugar social. Daí poder-se considerar a linguagem como trabalho. (ELICHIRIGOITY, 2007, p. 6)

É possível compreender por que, em certo momento, Pêcheux e seus seguidores foram buscar em outras disciplinas noções e pensamentos que os auxiliassem a analisar o funcionamento do discurso em sua prática social. O resultado foi a plena percepção de que a língua não é um sistema abstrato: ela só pode ser entendida em seu pleno funcionamento na sociedade. Dessa maneira, não se pode excluir o contexto social e histórico em que um discurso foi produzido, pois, assim, não conseguiríamos perceber os efeitos de sentido que um enunciado adquire.

Como bem já o afirmava Volochínov (1981, p. 79), antes da instituição da ADF, a palavra por si só é um signo neutro, ela adquire sentidos no decorrer da história, na maneira como as pessoas a concebem e, por meio dela, criam crenças. Assim, as questões sociais e históricas são determinantes do teor ideológico das palavras e do discurso.

Em suma, o objetivo principal da ADF é o de entender como o sentido é produzido pelo/no discurso. Nessa esfera, torna-se fundamental compreender o funcionamento da tríplice aliança entre discurso, sujeito e ideologia, em que um está interligado ao outro, sendo cabível compreender e estudar o discurso levando em consideração o sujeito que o produz e as ideologias nele presentes.

Veremos a seguir como Pêcheux relaciona esses três elementos e exporemos os conceitos principais que os regem.

## OS TRÊS MOMENTOS DA AD E DE PÊCHEUX: ALGUNS CONCEITOS PRINCIPAIS

A ADF, como sói acontecer em diversas disciplinas, desde o seu início, passou por diversas contradições que a levaram a evoluir. Assim, desde os primeiros estudos e pensamentos que a fundaram até o presente momento, houve e haverá sempre um processo de evolução teórica a ela ligado. Ainda sob o domínio de Pêcheux, a ADF passou por três fases teóricas que lhe foram determinantes.

Na primeira fase, quando ela se constituiu como disciplina, Pêcheux (1983, p. 311) considerava que a produção do discurso era realizada por uma estrutura ou máquina discursiva. Desse modo, os

traços de um enunciado podiam ser determinados por apenas uma máquina discursiva — o que logo se revelou ser nada mais que um mito, uma utopia. A análise do *corpus*, nessa fase, buscava selecionar sequências discursivas que seriam dominadas por condições de produções estáveis e homogêneas. Quanto às noções sobre o sujeito, havia a crença de que ele era totalmente assujeitado pelo discurso e, dessa forma, não possuía liberdade nem poder de criação.

De acordo com Pêcheux (ib., p. 316), a análise linguística na ADF se limitava a supor que havia uma homogeneidade enunciativa em cada sequência analisada. Ou seja, não se pensava, ainda, em uma natureza dialógica e contraditória da linguagem e do discurso.

As máquinas discursivas, que eram concebidas como uma estrutura fechada nelas próprias, paulatinamente foram sendo revistas.

Na segunda fase, ao fazer entrar em sua teoria o conceito de Foucault sobre as formações discursivas, Pêcheux pôde reavaliar a perspectiva que tinha sobre os processos discursivos. A partir daí ele passou a considerar que as formações discursivas são atravessadas por outras formações discursivas (doravante FD). Assim, uma FD mantém uma relação paradoxal com seu exterior, uma vez que ela é “invadida” e atravessada por elementos oriundos de outras formações discursivas.

A FD, na ADF, consiste em determinar o que, numa dada formação ideológica, estipula aquilo que pode e deve ser dito. A formação ideológica, por sua vez, pode ser localizada no âmbito dos *Aparelhos Ideológicos do Estado*, ou seja, quando existir um confronto, uma aliança duvidosa ou uma dominação entre uma posição e outras.

Basicamente, a FD pode ser interpretada como um conjunto de crenças e saberes que são produzidos e reproduzidos dentro de um AIE, como a formação ideológica religiosa, por exemplo. Dessa maneira, uma FD comporta uma posição determinada e uma conjuntura que está “[...] no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes” (ELICHIRIGOITY, 2007, p. 3). Por conseguinte, trata-se de uma condição de produção específica, que ocorre em um contexto social, histórico e ideológico particular.

Nas formações discursivas – e no uso geral da língua – o sentido de uma palavra não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas que atuam no processo social e histórico no qual as palavras são produzidas. As mesmas palavras podem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e, do mesmo modo, as palavras “literalmente diferentes” podem ter o mesmo sentido no interior de uma mesma formação discursiva. De acordo com Orlandi (2001, p. 43), o discurso adquire algum sentido na medida em que o dito do sujeito se inscreve em uma formação discursiva e não em outra. Por consequência, será a ideologia que determinará o sentido de um enunciado.

Consideramos, como Pêcheux (1995, p. 133-159), que ideologia não é algo constituído somente por ideias; ideologia implica também uma prática, uma prática significativa que aparece como o efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história. A ideologia, segundo o criador da ADF, fornece os saberes por meio dos quais os sujeitos conhecem “o que é/ quem é” e “como deve ser” algo ou alguém

que ocupa uma posição social. Será por meio da ideologia que determinará esses lugares, que o sujeito saberá distinguir as diferenças entre patrão e funcionário, entre professor e aluno, bem como saberá que, neste mundo, há uma exigência de base: cada lugar exige um tipo de comportamento. Por exemplo, em casa, com a família, um profissional não irá adotar o mesmo comportamento e repetir os mesmos assuntos que são habituais em seu local de trabalho. Em suma, diante dessas reflexões, consideraremos que a ideologia, toda ideologia, carrega consigo um conjunto de conhecimentos que se referem às questões de identidade, comportamento, posição social e assim por diante.

No entanto, concordamos também com o pensamento de Charaudeau (2006, p. 192-196), quando o linguista considera que a ideologia poderia ser vista em termos de *imaginários socio discursivos*, já que o sintagma “ideologia” traria em si um sentido histórico marxista ligado à luta de classes. Na perspectiva charaudiana, os *imaginários sociodiscursivos* podem ser compreendidos por meio dos mais diversos saberes compartilhados nas representações socioculturais de um grupo sobre o mundo, o espaço, o tempo, os indivíduos, os comportamentos e os valores.

As crenças e os costumes de uma cultura, de um povo são muitos e variados e fazem parte do dia a dia desse determinado conjunto de pessoas. Mais que isso: eles permitem identificar a identidade de um povo, de um país, de uma classe social. E ainda: crenças e costumes são portadores de ideologias, isso é lógico, conforme a visão de mundo de

um dado conjunto de sujeitos. Por conseguinte, existem diversas ideologias, e o sujeito se enquadra naquelas que ele considerar compatíveis com sua identidade, ou em algumas situações ele é interpelado por elas. Assim, as ideologias têm sentidos para os sujeitos, uma vez que elas representam as identificações que o sujeito tem de si e do mundo.

Pêcheux (1995, p. 157), à luz de Althusser, afirma que a ideologia recruta os indivíduos para que estes se tornem sujeitos. Seguindo este raciocínio, poderíamos ver a presença da ideologia no conjunto de características que respondem ao sujeito: “-Quem sou eu?”, no qual somente o “eu” poderia afirmar e dizer “sou eu”. Nesse sentido, o indivíduo é desde sempre interpelado pela ideologia a se tornar um sujeito.

Na constituição do sujeito há o esquecimento da causa que o determina. Para explicar isso, Pêcheux (ib.) utiliza algumas metáforas, como o “efeito Münchhausen”, em que um barão imortal se elevava puxando-se pelos próprios cabelos, e um desenho em que há duas mãos e que uma desenha a outra no mesmo papel. Essas metáforas são destinadas a fazer entender o apagamento necessário, ou seja, que o sujeito é uma “causa de si” um “sempre-já-sujeito” (ib.).

Citemos outro exemplo da interpelação da ideologia reproduzida por Pêcheux (1995, p. 157): o comportamento de um soldado. Segundo ele, é de conhecimento da maioria das pessoas que o soldado “precisa” ser corajoso, sério, comportado e não pode recuar diante do perigo e da guerra. Assim, é por meio do *hábito* e do *uso* desses saberes sobre a

atitude/o modo de ser do soldado que a ideologia determina *o que é e o que deve ser* de algo ou alguém (ib.).

Compreendemos que essa interpelação pode ocorrer desde o nascimento do indivíduo, a partir do qual os costumes são passados à criança por seus familiares ou por aqueles que a cercam e criam. As escolhas de roupas, brinquedos e passeios representam, em alguma medida, uma interpelação/imposição de crenças. Mesmo que a criança, ao se tornar adolescente ou adulta, mude seu modo de pensar e venha a realizar escolhas diferentes daquelas feitas por seus pais, ela não estará isenta de uma ideologia, segundo Pêcheux, ou de um imaginário sociodiscursivo, segundo Charaudeau. Haverá, desse modo, um deslocamento de uma ideologia para outra. A identidade de um sujeito ocorre por identificações com um exterior, com um conjunto de características, comportamentos e pensamentos que determinam as diferentes nuances da identidade. Destarte, a identidade é um processo contínuo e incompleto.

Por vezes, será esse processo de identificação com ideologias adquiridas e conservadas no âmago de um sujeito que delineará sua identidade e poderá gerar conflitos no interior do mesmo sujeito.

A ideologia configura, pois, o sentido das palavras. De acordo com Pêcheux (1995, p. 146), a palavra sozinha não traz em si um sentido único e inalterável, já que uma mesma palavra poder adquirir sentidos diferentes em formações discursivas opostas. Como também palavras diferentes podem ter o mesmo sentido conforme uma formação discursiva determinada.

Como já vimos, o sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina, isto é, a ideologia interpela o indivíduo a se tornar sujeito. Sempre segundo Pêcheux, é com as formações discursivas que o indivíduo se transforma em sujeito do seu discurso. Diante da interpelação da FD, o sujeito é exposto a dois esquecimentos no âmbito do discurso. O primeiro se dá na dimensão ideológica, na qual o sujeito tem a ilusão da originalidade de suas palavras, sem ter a percepção de que o discurso é uma retomada de diversos outros já ditos. O segundo ocorre na dimensão discursiva e produz a ilusão de que o que é dito só pode ser realizado de uma maneira, e não de outras formas ou com outras palavras (PÊCHEUX, 1995, p. 161-163).

Dito isso, compreendemos a relação complexa do sujeito com o discurso. Ademais, diante da FD, segundo Pêcheux, o sujeito tem três modalidades de tomadas de posição. Nessas modalidades, o sujeito se desdobraria em sujeito individual e sujeito universal. O universal pode ser compreendido como *forma sujeito*, que é determinada pelos saberes de uma dada época, a saber: sujeito capitalista, sujeito de direito, etc. Ele é fruto das ideologias da formação discursiva. Pensemos, dessa forma, como o sujeito “modelo” que representa a prática da FD.

Na modalidade do “bom sujeito”, o sujeito individual se identifica plenamente com a forma sujeito da FD e só teria a liberdade de “reduplicar” a identidade do sujeito universal dela. Na modalidade do “mau sujeito”, por sua vez, o sujeito individual se contrapõe ao universal da FD e pode levantar dúvidas, questionamentos, distanciamentos e contestações. Assim, não ocorreria uma identificação

com a FD em questão, mas com outras (ib., p. 175 – 177). Em resumo, podemos compreender que o sujeito sofre uma tensão entre a liberdade e a submissão que a FD desencadeia em seus pensamentos e discursos. Não há um assujeitamento total de um sujeito a uma FD. Isso porque há sempre uma margem de liberdade para o sujeito, uma liberdade para criar, evoluir e contestar.

Para se pensar nos efeitos de sentido da FD, há que se levar em conta a posição do sujeito e as condições de produção. E aqui já estamos na 3ª. fase da ADF. Mas antes de prosseguirmos, apresentamos de modo resumido, as três fases da ADF, aqui resumidas por Machado:

1. A chamada AD1, com a exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural (PÊCHEUX, 1990, p. 311).
2. A AD2, que trata da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual (ib., p. 313).
3. A AD3, com a emergência de novos procedimentos da AD, pela desconstrução das maquinarias discursivas (ib., p.315) (MACHADO, 2014, p. 78-79)

Segundo a supracitada pesquisadora, a primeira fase (Análise Automática do Discurso) mostra como proceder para uma análise de arquivos,

[...] com base em uma compilação de enunciados que determinaria a incidência dos sentidos produzidos em dado discurso, considerando aspectos de suas condições de produção, associados à recorrência desses enunciados nos arquivos. (op.cit., p. 79)

Já a segunda fase ocorre quando Pêcheux introduz em sua teoria as noções de formação discursiva e de interdiscurso.

Na terceira fase, sempre segundo Machado (op.cit.), Pêcheux adota noções de heterogeneidade e de espaços da memória discursiva. Tais elementos passam a ser constituintes do sujeito e de sua emergência nos discursos.

A Teoria de Pêcheux sofre, pois, reformulações que lhe trazem uma maior amplitude de conceitos e que a tornam mais manejável, para os diferentes *corpora* que a ela serão submetidos por diversos pesquisadores. Entre estes, não podemos deixar de destacar, entre outros, o trabalho da linguista Eni de Lourdes Puccineli Orlandi, no Brasil.

Assim, para esta pesquisadora, a posição social e a identidade do *sujeito-falante* podem determinar a relação de força do discurso entre os sujeitos presentes na comunicação (PÊCHEUX, 1995, p. 141-149). As condições de produção são constituídas por duas dimensões: uma restrita e a outra, ampla. Na dimensão restrita, vemos o contexto de enunciação imediato, em que temos os *sujeitos-falantes* em uma dada situação. Na dimensão ampla, por outro lado, são inseridos elementos relevantes no que diz respeito aos dados sociais, aos históricos, aos imaginários sociais e aos ideológicos (ORLANDI, 2001, p. 30-31). Em suma, para interpretar os sentidos de uma FD, faz-se necessário levar em consideração a identidade do sujeito, o explícito e o implícito do enunciado, bem como as informações contextuais da produção do discurso.

Para o precursor da ADF, a FD (seja ela qual for) dissimula “[...] pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência

com respeito ao ‘*todo complexo com dominante*’ das formações discursivas[...]” (Orlandi, 2001, p. 148). Esse “todo complexo com dominante” é o interdiscurso. Ele representa algo que já foi dito antes e em outro lugar (ib.). Orlandi vê o interdiscurso como a memória acionada na produção do discurso, ou seja, ele é

[..] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído”. (ORLANDI, 2001, p. 31)

O interdiscurso é reproduzido pelos sujeitos através de paráfrases, que representariam a mesma concepção e formulação discursiva de um mesmo tema. São palavras ou formulações diferentes para se dizer a mesma coisa. Com o uso discursivo da polissemia, há uma ruptura e um deslocamento sobre o tema. Trata-se, portanto, de um caminho inverso ao da paráfrase. Poderíamos considerar que são palavras parecidas que, nem alguns enunciados, inscrevem-se em formações discursivas diferentes.

Com esse pressuposto de que o interdiscurso consiste em ditos já evocados em outros discursos, lembramos os estudos de Bakhtin sobre a linguagem. Ao apresentar a noção de dialogismo, o autor corrobora a ideia de que os já-ditos compõem o discurso. Nesse âmbito, é possível compreender que os discursos não são originais e homogêneos, mas, sim, constituídos de diversos dizeres que foram e são proferidos em diferentes situações e épocas.

Ao refletir sobre a natureza dialógica do discurso, Fiorin (2006, p. 18), afirma que o discurso ocorre pelo entrelaçamento de dois ou mais

enunciados. Dessa maneira, ele sempre é atravessado pelo discurso alheio. Quando o *sujeito-falante* produz um discurso, automaticamente são evocados diversos outros *já ditos* sobre o assunto, tema ou problematização. Por conseguinte, todo enunciado é heterogêneo, já que é transpassado de múltiplas vozes.

## A HETEROGENEIDADE DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Se o discurso é dinâmico e dialógico, assim também são as formações discursivas, pois elas não são fechadas em si. Pelo contrário, elas dialogam e se contradizem, de modo a não existir uma formação discursiva pura que não se contamine ou não seja atravessada por diversas outras perspectivas, como bem afirma Pêcheux:

É necessário [...] definir a relação interna que ela [*formação discursiva*] estabelece com seu exterior discursivo específico, portanto, determinar as invasões, os atravessamentos constitutivos pelas quais uma pluralidade contraditória, desigual e interiormente subordinada de formações discursivas se organiza [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 254). (Complemento nosso)

Se na primeira fase da AD, Pêcheux considerava que as formações discursivas eram fechadas e homogêneas, neste fragmento vemos que ele já dotava sua teoria da complexidade heterogênea que constitui uma formação discursiva (FD).

Assim, perceber como outras vozes transpassam as FDs nos levará a compreender que “[...] uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambiguidade ideológica, de divisão, de resposta pronta e de réplica ‘estratégicas’ [...] (PÊCHEUX, 1983, p. 314)” podem estar presentes em uma FD.

Com a evolução e o desenvolvimento das pesquisas na AD, é possível investigar os pontos de vista e os lugares enunciativos que estão presentes no discurso. Os discursos não são concebidos mais como um círculo fechado, mas, sim, como uma interação em espiral, na qual interagem diversos entrecruzamentos, associações e dissociações de pontos de vista (ib. p. 318) no processo discursivo. Nesse sentido, no interior de uma FD, existem discursos pertencentes a outras FDs e que, em algumas vezes, são contraditórios.

Como já vimos, o sujeito ocupa modalidades de tomada de posição referente a uma FD, nas quais pode haver uma identificação plena ou uma contraposição ao sujeito universal. Há também uma terceira modalidade, — que não citamos anteriormente — na qual ocorre um deslizamento e uma não-identificação com uma FD, para depois ocorrer uma identificação com outra FD (ELICHIRIGOITY, 2007, p. 10). Cabe lembrar ainda que, na ótica da heterogeneidade da FD, não se pode pensar em uma homogeneidade em tomadas de posições, pois o sujeito sofre um desdobramento ao se relacionar com as ideologias. Assim, podemos pensar em uma fragmentação na forma de o sujeito se posicionar diante de uma FD.

Em síntese, no íntimo de um sujeito, compreendemos que há uma oposição, uma luta de pensamentos, de ideologias, de pontos de vista. No discurso, podemos analisar essa heterogeneidade e a presença de discursos que, ora se assemelham, ora são conflitantes, visto que não há um ponto de vista ou uma posição ideológica unificada e homogênea.

O discurso, por consequência, é tomado e atravessado por posições e ideologias semelhantes e contraditórias.

Segundo Mesquita e Rosa (2010, p. 131-139), a heterogeneidade das formações discursivas pode ser analisada pelo funcionamento dos elementos interdiscursivos. Chegamos, assim aos estudos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade enunciativa.

As vozes que permeiam e contaminam o discurso foram objeto de estudo da linguista Authier-Revuz, a partir dos anos 80. Para a teórica, na relação entre o sujeito e a linguagem, o exterior se torna essencial para a prática discursiva, já que “[...] o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Consideramos que o exterior do sujeito é formado pelos *outros ditos já ditos*.

O exterior constitui o discurso e “[...] sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditos: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso [...]” (Ib. p. 28). O discurso é naturalmente entrecruzado de outras vozes, outros dizeres.

Para desenvolver o conceito de heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz baseia suas pesquisas no dialogismo bakhtiniano e na psicanálise. No primeiro, o discurso é construído e atravessado por diferentes outros discursos que podem convergir ou divergir. Ou seja, é com base em diversos outros discursos já ditos que o discurso do sujeito se constitui; esses outros discursos funcionam como um “exterior constitutivo” para tal (ARAUJO, 2015, p. 17). Desse modo, nenhum

discurso é homogêneo, já que todo discurso é perpassado por diversos outros dizeres que se assemelham ou se contradizem.

A psicanálise, por outro lado, sustenta o conceito de heterogeneidade na perspectiva da releitura lacaniana de Freud, que aborda a relação do sujeito com a linguagem, na qual o discurso é permeado pelo inconsciente. As manifestações do inconsciente são identificadas nos atos falhos, nos sonhos, na fala do corpo por meio de palavras, metáforas, alusões, intertextualidades, humor e ironia. A fala do sujeito é, pois, heterogênea por ter ideias do discurso consciente permeadas pelo discurso do inconsciente. Além do mais, é recorrente que o sujeito esqueça a heterogeneidade de seu discurso, acreditando que ele seja o criador de seu enunciado (ARAÚJO, 2015, p. 18–32).

Authier-Revuz (1990) divide a heterogeneidade enunciativa em duas: a constitutiva e a mostrada. A constitutiva refere-se ao fato de que não há um discurso único, individual; todos eles se imbricam e se fundem no âmbito dos usos languageiros. Todo discurso assim é formado por outros, pelo *déjà dit* ou por discurso *já ditos*, imaginados ou a serem ditos. No entanto, há a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, pois, de maneira geral, ele desconhece a natureza heterogênea do discurso.

A heterogeneidade mostrada é a forma explícita da presença de outros discursos no que se enuncia. O sujeito-falante tem a consciência que há dizeres de outros em suas palavras. Nessa perspectiva, a voz do outro se apresenta por meio de marcas visíveis no fio do discurso, tais como a utilização das aspas, do discurso direto, de itálico, dos

parênteses, entre outros. Estes empréstimos da “voz” ou da “palavra” do outro, fica visível na superfície do texto e revela sua alteridade que, por conseguinte, cria um mecanismo de distância com os dizeres alheios.

Ao lado da heterogeneidade marcada existe também a não-marcada, ou seja, aquela em que os enunciados do outro não apresentam visibilidade explícita, tais como o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, a metáfora e a imitação. Essa forma de heterogeneidade demanda ao receptor o reconhecimento e/ou a interpretação da presença do outro no fio do discurso (MESQUITA; ROSA, 2010, p. 134-135).

Ambas as formas de heterogeneidade, a constitutiva e a marcada (e, também, não-marcada), não se excluem, pois elas são indivisíveis e estão atreladas umas às outras. Em um discurso em que há a heterogeneidade marcada, o sujeito tem o objetivo e a certeza de que alguns enunciados não são de sua autoria ali e agora, e, por isso, atribui e marca a voz do outro. Contudo, há o esquecimento de que todo o seu discurso é um conjunto de interação de diversos outros discursos já ditos.

No entanto, acreditamos que a heterogeneidade marcada seja necessária para se evitar plágios e criações do outro em nossos discursos. É por isso que um trabalho como o desta dissertação tem tantas citações que creditamos a outros autores. Enfim: vivemos em um mundo onde o discurso é construído por diversas vozes que se interpelam o tempo todo, mas guardamos ainda a ilusão – mesmo ao usar a heterogeneidade marcada – de que temos uma certa originalidade...

Esse estudo sobre a heterogeneidade passa a fazer parte na noção de formação discursiva, na já citada fase três da ADF, pois admite a presença do outro no discurso e no sujeito. Desse modo, o sujeito que era nas fases anteriores da ADF, considerado como puro efeito do assujeitamento, passa a ser um sujeito clivado, dividido e perpassado pelo exterior.

Enfim, percebemos que o discurso, em geral, mostra-se sempre perpassado por diversos outros, que trazem o eco de outras vozes, de outras ideologias, de outras crenças, de outras atitudes face ao mundo da linguagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum discurso é essencialmente único e original, uma vez que todo e qualquer enunciado é influenciado por diversos outros dizeres. Dizeres esses que podem ter sido produzidos em diferentes espaços, épocas e regiões. Contudo, não podemos simplificar o dialogismo ao afirmar que todos os discursos são iguais. Não se trata disso, afinal, por mais que os discursos não sejam totalmente unívocos e sejam embebidos de outros enunciados, o contexto de produção é que vai delimitar e constituir um sentido particular para cada discurso.

Enfim, são milhares de fios ideológicos que sustentam uma posição, um ponto de vista e/ou uma FD. Daí, compreendemos o todo complexo do dialogismo que é constitutivo do discurso. Seria impossível pensar na linguagem como um sistema fechado em si mesmo, pois toda palavra é carregada de sentidos e ideologias que o outro transporta.

A subjetividade do sujeito é construída pelo/no conjunto da interação social do qual ele participa. Assim como o discurso, o sujeito é essencialmente constituído pelo outro, ou seja, o sujeito e o discurso são naturalmente heterogêneos. O sujeito é instituído pelas múltiplas vozes que interagem no meio social que o circunda, e impregna-se não somente de uma voz, mas de diversas delas. No âmago do sujeito há uma heterogeneidade de vozes sociais que podem estar em relação de concordância ou discordância. Todavia, ele não é totalmente assujeitado a essas vozes, visto que cada sujeito tem seu modo único de interagir e participar do dialogismo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, de Lúcia Mara Boin Menossi. *Discurso político, derrisão e heterogeneidade dissimulada na mídia contemporânea*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. Orientador: Professor Dr. Roberto Baronas. São Paulo, 2015.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade enunciativa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 128p.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

- BAKTHIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py. Análise do Discurso na área de Letras. *Cadernos do IL*. Edição 34 Estudos Linguísticos. Jun. 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas. In: *Análise Automática do Discurso*. 1983.
- PÊCHEUX, Michel. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990, p. 245 – 260.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- YOUSFI, L. Louis Althusser, le dernier des caïmans. In: *Sciences Humaines* número 283, p. 50-55.

## CAPÍTULO 2

---

# A 'AD' DE MICHEL PÊCHEUX: UM DEDO DE PROSA SOBRE OS ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE MATERIALISTA DO DISCURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Illa Pires de Azevedo

Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez

### INICIANDO A CONVERSA...

Neste trabalho, buscamos apresentar alguns pressupostos teóricos fundamentais para a compreensão do trabalho de Michel Pêcheux, filósofo francês, que muito contribuiu para os trabalhos nos estudos da linguagem, sobretudo, no âmbito dos estudos discursivos. Trazemos à baila, de maneira didática, algumas considerações sobre a epistemologia dos estudos pecheutianos, bem como as noções de discurso, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso/memória discursiva, paráfrase, polissemia – considerados indispensáveis ao trabalho do analista do discurso, bem como algumas considerações acerca do dispositivo metodológico da teoria pecheutiana.

Historicamente, a Análise do Discurso de Linha Francesa de base pecheutiana (doravante AD) constituiu-se como campo disciplinar em meados da década de 60 do século XX, na França, e tem como seu fundador o filósofo Michel Pêcheux, cujo objetivo era propor uma transformação da prática nas ciências sociais, de maneira a torná-la uma prática verdadeiramente científica. Para isso, seria necessário fornecer a

essas ciências um instrumento apropriado, daí o seu objetivo de desenvolver uma análise automática do discurso (HENRY, 2010). Michel Pêcheux instaura, dessa forma, nos estudos da linguagem, a possibilidade de associar o linguístico ao sócio-histórico: língua e ideologia.

### “NASCEU, E É MATERIALISTA!” - O BERÇO DA ANÁLISE DO DISCURSO PROPOSTA POR MICHEL PÊCHEUX

Epistemologicamente, a análise do discurso proposta por Michel Pêcheux emerge da articulação de três áreas do conhecimento científico: o materialismo histórico, a Linguística e a teoria do discurso. Pêcheux e Fuchs (2010, p. 160) justificam-nas da seguinte maneira:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Vale ressaltar que, segundo os autores supracitados, essas três regiões do conhecimento são, de certa maneira, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade, isto é, de natureza psicanalítica. Sendo assim, é basicamente desse raciocínio de que se vale Orlandi (2012a) para afirmar que a AD se constitui pela relação entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Dito isso, em seu quadro epistemológico geral, pode-se conjecturar que a AD, ao considerar o materialismo histórico como

teoria das formações e transformações sociais, entende que é na história e pela história que se podem observar as condições de produção do discurso e, portanto, o momento em que o linguístico e o ideológico se encontram.

A Linguística (tradicional) tem sua importância pelo fato de que são os elementos linguísticos que materializam o discurso, isto é, fazem parte do processo de produção dos efeitos de sentidos. Dos estudos saussurianos, Michel Pêcheux compartilha da ideia da não transparência da linguagem. Nota-se que, embora cada um disponha de suas especificidades, ambos (Pêcheux e Saussure) corroboram com o fato de que não há uma relação direta entre linguagem e realidade. E, por fim, da teoria do discurso interessa-se pelo sujeito, constituído na relação com o simbólico, na história, referindo-se, ainda, como os sentidos decorrem dos fenômenos históricos. Na perspectiva da análise do discurso pecheutiana, importa a forma como a língua é praticada: produzindo sentidos, dentro da sociedade e da história. Constitui-se, dessa maneira, o trabalho pela contradição das três áreas supracitadas e não pela soma delas.

O projeto de Michel Pêcheux passou por algumas fases e, por conseguinte, modificações. Como resultado, foi definido em três épocas, a saber: AD-1, AD-2 e AD-3. Nessa perspectiva, ambas refletem as revisões teóricas e mudanças no pensamento de Pêcheux e não seguem precisamente uma divisão cronológica. Trata-se basicamente da elaboração e reelaboração dos conceitos que compõem o dispositivo teórico e metodológico desse campo do saber.

O primeiro momento (AD-1) foi marcado pela noção de maquinaria discursiva. Preocupava-se com a análise de discursos mais “estabilizados”, ou seja, aqueles que permitiam uma menor abertura para a variação do sentido, produzidos a partir de condições de produção mais estáveis e homogêneas (MUSSALIN, 2012). Na segunda fase (AD-2), o conceito de máquina estrutural fechada começa a explodir. Tem-se a noção de formação discursiva (FD), conceito trazido por Pêcheux dos estudos de Michel Foucault, para modificar a ideia de máquina discursiva fechada, visto que o espaço de uma FD não é homogêneo, ao contrário, é heterogêneo, composto por elementos de outras FDs. Poucas inovações nos procedimentos de análise surgem nessa fase.

Na AD-3, por sua vez, o conceito de maquinaria discursiva fechada é desconstruído. Os vários discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação; mas, se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso. A relação interdiscursiva estruturará a identidade das FDS em questão. Pêcheux traz para seus estudos o primado do *outro* sobre o *mesmo*, com o estudo da heterogeneidade. Os discursos são constituídos a partir de outros discursos (MUSSALIN, 2012). É, também, nesse período que Pêcheux considera a imagem como discurso: opaca. A noção de formação discursiva sofre mudanças durante os processos de reformulação da teoria e pode ser considerada como um ponto fulcral nos estudos pecheutianos.

## UMA JOVEM CHEIA DE PREDICADOS (E QUESTIONAMENTOS!)

Como versa o próprio nome, o objeto de estudo da AD é o discurso. Não é a língua, nem o texto, nem a fala, embora necessite desses elementos linguísticos para existir materialmente. Como disse Pêcheux: “[...] o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B.” (PÊCHEUX, 2010b, p. 81).

Na análise de discurso fundada por Michel Pêcheux, a concepção de discurso acarreta toda uma declinação teórica do que se entende por sujeito, sentido, memória, história, sociedade, língua, ideologia, dentre outras (ORLANDI, 2012b). Harris, estruturalista norte-americano, foi o primeiro a utilizar o termo “discurso” e o concebia como conjunto de frases. O discurso, entendido neste trabalho como efeito de sentido entre os interlocutores (definição apresentada por Pêcheux em sua AAD/69, por sua vez, é exterior à língua, encontra-se no social e envolve outras questões não necessariamente linguísticas. A noção de discurso está, pois, ligada à noção de sentido e para falar em discurso devem ser considerados, ainda, os elementos que existem no social, as ideologias e a História. Isto porque:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e

proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 2009, p. 146)

Daí, então, dizer-se que os sentidos não são fixos, prontos e acabados, bem como não são construídos de forma ingênua e aleatória, sendo, porém, ideologicamente construídos. É delicado precisar, portanto, qual o sentido de determinado texto ou mesmo o que alguém quis dizer. A AD não corrobora com o sentido exato, dicionarizado, denotativo, imutável, visto que não há um sentido central, apenas margens (ORLANDI, 2012c). O que se concebe como literal é ideológico, há nos enunciados os pontos de deriva: o lugar em que sentido pode ser outro, o efeito metafórico. De acordo com Pêcheux (2009, p. 239-240),

[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não *tem* um *sentido* que lhes seria próprio, preso a sua literalidade; *nem*, acrescentaremos, *sentidos* deriváveis a partir dessa literalidade por meio de uma combinatória lógico-linguística que domaria sua ambiguidade [...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão, ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição [...]. De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (grifos do autor).

### **O assujeitado da AD pecheutiana: que sujeito é esse?**

Ser assujeitado - isto é, sempre constituído por formações discursivas e ideológicas - é a primeira característica que se pode atribuir ao sujeito da análise do discurso pecheutiana, e é também o que a

diferencia, dentre outros aspectos, de outras teorias e correntes de estudo, como a Pragmática e a Análise do Discurso Crítica. Ao invés de considerar o sujeito como origem e dono do dizer, a AD o concebe como um sujeito que é submetido tanto a regras sociais, como à língua e a ideologias, o qual não controla os sentidos (embora tenha a ilusão de que o faça) e, sendo assim, não é intencional. É “livre” apenas para escolher a qual formação discursiva se filiar quando enuncia, uma vez que sempre fala de algum lugar. Como bem descreve Grigoletto (2005, p. 1):

O sujeito da AD não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser fonte do sentido. A teoria do discurso trabalha a ilusão do sujeito como origem, através dos processos discursivos, mostrando que linguagem e sentido não são transparentes.

De acordo com Indursky, a primeira noção de sujeito formulada por Pêcheux remonta aos escritos datados de 1969, em que entendia o sujeito não como um “organismo humano individual” (GADET; HAK, 1990, p. 82), mas como “um lugar determinado na estrutura social”. Posteriormente, em trabalho conjunto, Michel Pêcheux e Cathérine Fuchs acrescentam mais um traço essencial a esse entendimento: fala-se de “uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica”. Mais adiante, em 1975, Pêcheux propõe “uma teoria não subjetiva da subjetividade” e inicia a articulação das noções de inconsciente e ideologia, essenciais para a compreensão da tal subjetividade que havia proposto. Indursky (2008, p. 2), reportando-se a Pêcheux, argumenta:

[...] ele pretende, naquele passo da teoria, refletir sobre a subjetividade, porém busca uma subjetividade que não se centre no indivíduo plenamente consciente de suas motivações e propósitos. Vale dizer: o sujeito que o fundador da Teoria da Análise do Discurso convoca é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na construção de sua psiquê, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir deste laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da AD produz seu discurso. E esta é a natureza da subjetividade convocada por Pêcheux: uma subjetividade não subjetiva.

Pode-se dizer que do ponto de vista discursivo, pelo fato de serem constituídos pela metáfora, sujeitos e sentidos não se incidem juntamente, antes se movem, se deslocam. E é justamente nesse ponto que os sentidos se dispersam (ORLANDI, 2014).

### **Formação discursiva e Formação ideológica: inseparáveis?**

Em linhas gerais, acerca das formações discursivas, diz-se que essas são componentes das formações ideológicas, as quais podem comportar uma ou várias formações discursivas interligadas. A noção de formação ideológica está, pois, ligada às posições sociais que o sujeito ocupa. Michel Pêcheux pega a noção de FD já abordada por Michel Foucault e faz alterações, incluindo a questão da ideologia, abandonada por Foucault. Vale ressaltar, contudo, que, para a análise materialista do discurso, a ideologia não é vista como ocultação da realidade, nem recebe um sentido negativo (ORLANDI, 2012b): Michel Pêcheux resignifica essa noção e trabalha o discurso associado à ideologia.

Partindo da ideia althusseriana de que “a ideologia existe senão por e para os sujeitos, e que não existe prática senão sob uma ideologia”, como bem pontuou Henry (2012, p. 36), Pêcheux (ano), em sua teoria, “se colocou entre o que se poderia chamar de ‘sujeito da linguagem’ e ‘sujeito da ideologia’”, pois, diferente de Althusser, que particularmente não se interessava pela linguagem, Pêcheux idealiza essa ponte (linguagem e ideologia) e a introduz a partir do que define como discurso. Sobre o papel da ideologia Pêcheux explica:

[...] É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2009, p. 146- grifos e aspas do autor)

A ideologia seria, então, o imaginário que nos relaciona com as nossas condições de existência, e não a ocultação desta. A própria interpretação evidencia a questão ideológica. Por exemplo: a palavra “terra” significada por um índio e significada por um senhor de terras tem sentidos muito diferentes e isso não se deve à própria terra. Empiricamente, é a mesma terra; mas, simbólica, histórica, política e socialmente, são sentidos diferentes, porque a ideologia, isto é, a relação imaginária desses sujeitos com as condições de existência é diferente. Daí, a possibilidade de sentidos diversos (ORLANDI, 2014).

De acordo com Orlandi (2012a, p. 46-47), “a ideologia é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos”; os sentidos, por sua vez, são “uma relação determinada do sujeito – afetado pela

língua – com a história.”. É, portanto, no discurso que observamos a relação entre a língua e a ideologia, ao passo que esta tem no discurso a sua materialidade específica. Nas (poéticas) palavras da autora supracitada:

[...] a materialidade específica da ideologia é o discurso e a do discurso é a língua, podemos dizer que, sem o discurso, não há materialidade específica. [...]. Assim, não se pode pensar o real sem a relação discurso/ língua. E a ordem própria da língua, sua não transparência liga-se à materialidade do discurso (e a fecundá-la decorre). (ORLANDI, 2012b, p. 76)

Nas palavras de Gregolin (2011, p. 162):

O conceito de FD é central para o desenvolvimento do edifício teórico da AD. Ele sinaliza a constante refacção a que a teoria do discurso foi submetida na obra de Pêcheux, já que, por meio das reconfigurações desse conceito, ele trabalha a linha tênue entre a regularidade e a instabilidade dos sentidos no discurso.

Em Pêcheux e Fuchs (2009, p. 147), lê-se que uma formação discursiva deve ser entendida como:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura.

Dessa maneira, entende-se que o sujeito, ao enunciar, não é livre para dizer o que quer, visto que se insere em um lugar, é interpelado pela ideologia e se apropria de discursos que estão disponíveis na formação discursiva com a qual se identifica no processo de enunciação. Os indivíduos, segundo Pêcheux (2009), são interpelados em sujeitos

pelas formações discursivas, as quais representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes; e o sentido de suas palavras é oriundo da formação discursiva onde são produzidas. Desde então, há a possibilidade de uma mesma palavra mudar de sentido ao passar de uma FD para outra; ou de palavras distintas, no interior de uma FD, terem o mesmo sentido.

As formações discursivas são heterogêneas; conforme destacamos, apresentam aspectos de outras formações discursivas, e a relação entre ambas, dentro de um mesmo texto, por exemplo, pode ser de confronto, de sustentação mútua, de exclusão etc. (ORLANDI, 2012c). Em suma: “A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos) [...]” (ORLANDI, 2012c, p. 78). Sendo assim:

O sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas a relação que ele estabelece com essa formação dominante e com as outras formações discursivas que aí se entrecruzam, a relação que ele estabelece entre as várias formações discursivas, é própria da história de cada sujeito e não pré-existe a esse sujeito. Cada história produz um discurso diferente. (LAGAZZI, 1988, p. 25)

Na esteira dessas discussões, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166) consideram que “[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. De acordo com Pêcheux (2010), faz-se necessário entrar na ordem do discurso para se constituir sujeito. Os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia.

Ideologia e inconsciente vêm juntos, se apresentam juntos. Não há anterioridade de um em relação ao outro (ORLANDI, 2012b).

De acordo com Lagazzi (1988), a formação ou as formações discursivas só podem ser atingidas através da noção de condições de produção, que, segundo a autora, foi definida por Michel Pêcheux como sendo “ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar no interior das quais se encontra inscrito o sujeito, e a “situação” no sentido concreto e empírico do termo [...]”. Lagazzi salienta que, quando as condições de produção do discurso não são consideradas, a análise se torna incapaz de explicar o funcionamento discursivo. As condições de produção, assim como o contexto, são constitutivas do sentido, explica Orlandi (2011).

### **Condições de produção: que história é essa?**

Sumariamente, as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, assim como a memória (ORLANDI, 2012a). Repetindo Pêcheux (2010a, p. 50): “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas, explica Pêcheux (2010b, p. 75-76):

[...] por exemplo: o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado na *relação de*

*forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz [...]. (grifo e aspas do autor)

As condições de produção compreendem o sujeito, o contexto mediato e imediato, a memória, a qual retrata uma realidade através dos discursos. Segundo Pêcheux (2010b, p. 78), “*é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (grifos do autor).

Vale pontuar que não é possível definir uma origem das condições de produção: para Pêcheux (2010b, p. 87), “é, pois, impossível definir uma origem das condições de produção, pois esta origem, a rigor impensável, suporia uma recorrência infinita. Por outro lado, é possível interrogar sobre as transformações das condições de produção a partir de um estado dado dessas condições”. No que se refere às condições de produção, pode-se dizer também que elas implicam o que é material, isto é, a língua, que é sujeita a equívoco e a historicidade; o que é institucional – a formação social; e o mecanismo imaginário (ORLANDI, 2012a). As condições de produção são constitutivas do processo de significação, não sendo, pois, um simples complemento.

As formações imaginárias, por sua vez, funcionam nos processos discursivos e designam o lugar que dois sujeitos se atribuem e atribuem ao outro, bem como a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do

outro. Para Orlandi (2012c), situar-se no lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de locutor constitui-se parte da estratégia discursiva, e esse mecanismo regula a possibilidade de respostas e dirige a argumentação: trata-se das antecipações. Assim, a nível das formações imaginárias, antecipar o que o outro vai pensar é constitutivo do discurso. Pêcheux ([1969], 2010b, p. 82) afirma que “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias”.

Por conseguinte, tem-se a chamada relação de forças. De acordo com essa noção, é possível inferir o lugar a partir de onde o sujeito fala. Por exemplo, o padre fala de um lugar, de modo que suas palavras soam como autoridade perante os fiéis. Semelhantemente, fala-se do lugar de professor, de prefeito, de juiz, de promotor, de escrivão, de réu, de vítima etc. Sobre este aspecto, Orlandi (2012a, p. 39-40) acrescenta: “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno”. Ou ainda: pensando-se a relação de forças no discurso jurídico, por exemplo, tem-se a fala do delegado, do juiz, da vítima, da testemunha. Nota-se, a esse respeito, que os diversos mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias.

Destarte, como bem pontuou Lagazzi (1988), o sujeito se conecta com o mundo por meio de imagens, a partir de um imaginário que se mostra pelo simbólico: as crenças, as palavras, as próprias relações interpessoais significam pela ordem simbólica.

## Interdiscurso e memória discursiva: *ça parle, sempre!*

Outra concepção, sobremaneira importante para se compreender o funcionamento do discurso, bem como sua relação com os sujeitos e a ideologia, segundo Orlandi (2012a), é o fato de que há um interdiscurso, um já dito, que também faz parte das condições de produção, definido pela autora, com base nos escritos de Pêcheux, como “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2012a, p. 33). Nas palavras de Pêcheux: “[...] ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). É o que se denomina memória discursiva. Orlandi (2012a, p. 31), em harmonia com Pêcheux, afirma:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Dito de forma mais incisiva: “[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-

construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita.” (PÊCHEUX, 2010a, p. 52).

De acordo com Pêcheux (2009, p. 151), o ‘pré-construído’ (ou “aquilo que todo mundo sabe” – o discurso universal, ou que em uma situação dada, pode ser e entender, sob as formas das evidências do “contexto situacional”) corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (“o mundo das coisas”).

Segundo Indursky (2013, p. 53), “[...] o pré-construído, por não ser assertado no discurso do sujeito, não é por ele assumido, aí se encontrando como um objeto do mundo do qual ele se apropriou, um “já-lá”, preexistente a seu próprio discurso”.

Com relação ao “discurso transversos”, seu funcionamento remete ao que, classicamente, entende-se por metonímia: relação da parte com o todo, da causa com o efeito etc., pontua o referido autor. O discurso transversos possui relação direta com a articulação, entendida aqui como aquela que constitui o sujeito em sua relação com o sentido. É, pois, um elemento do interdiscurso. É o discurso do outro que é visivelmente identificado no discurso do eu, na materialidade do discurso.

O interdiscurso enquanto discurso transversos atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. (PÊCHEUX, 2009, p. 154)

A noção de interdiscurso é, pois, basilar nos estudos pecheutianos, visto que se parte do princípio de que os discursos surgem

a partir de já-ditos e não de forma aleatória. Há, porém, neste campo do saber, controvérsias sobre a concepção da referida noção. Segundo Michel Pêcheux (2009, p. 148-149), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”.

De modo correlato, denomina interdiscurso o “todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação [...]” (PÊCHEUX, 2009, p. 149 – aspas do autor). O interdiscurso resulta do complexo de formações discursivas e, sendo assim, comporta todos os dizeres, todos os sentidos. É, pois, a base do dizível. Para Orlandi (2012a), conforme observamos, interdiscurso e memória discursiva são considerados<sup>1</sup> sinônimos. Courtine (1981), por sua vez, trabalhando com a noção de memória em análise do discurso, estabelece algumas diferenças entre os dois elementos. Indursky (2009), dialogando com este autor, pontua que:

o trabalho de Courtine (1981) que revisita a Arqueologia do Saber de Foucault e retorna para a AD com a noção de memória. Inspirado na reflexão de Foucault a propósito dos enunciados, vai entender “que toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos”. (idem, ib., p. 52) (INDURSKY, 2009, p. 5)

---

1 Vale ressaltar que Michel Pêcheux não deixa clara essa relação.

Segundo Indursky (2009, p. 53), é a partir dessa reflexão que Courtine introduz a noção de *memória discursiva* nessa teoria e a formula da seguinte maneira: “a noção de *memória discursiva* diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos”. A autora ressalta que Courtine (1981) questionava-se acerca da maneira como se dava, no âmbito de uma FD, o trabalho de uma memória coletiva e como esta autorizava a lembrança, a repetição, a refutação, assim como o esquecimento destes elementos de saber, que são os enunciados (INDURSKY, 2009, grifos da autora).

Consoante Indursky (2009), a memória funciona como pano de fundo para que se perceba que houve ruptura com os sentidos estabelecidos, cristalizados e que novos sentidos foram produzidos. Articulando de maneira mais explícita: tomemos, por exemplo, as expressões “mata virgem” e “menor virgem”. Sem a intervenção da memória social, poder-se-ia dizer que a reescrita da última expressão não fora interpretada como uma retomada da primeira formulação. Trata-se da memória social, que ressoa e trabalha por trás deste deslizamento e faz o primeiro sentido reverberar por trás dos novos sentidos. Desse modo:

[...] constata-se que uma FD é regulada por uma memória discursiva que faz aí ressoar os ecos de uma memória coletiva, social. Por outro lado, nem tudo pode ser dito no interior de uma FD, de modo que a memória discursiva não é plena, não é saturada, pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma FD. Dessa forma, percebe-se que, assim como a FD é de natureza lacunar, a memória discursiva também o é. (INDURSKY, 2009, p. 5)

Com efeito, Indursky (2009), pautando-se nos estudos de Courtine (1984), considera que a memória discursiva e o interdiscurso, apesar de integrarem uma memória coletiva, não devem ser confundidos ou superpostos, visto que a primeira comporta em si os já-ditos possíveis de serem retomados em uma FD específica, ao passo que o interdiscurso seria o representante da memória social, referindo-se a todos os já-ditos que compõem as formações discursivas; logo, comporta todos os dizeres. Desse modo, Freda Indursky (2009) repensa a noção de memória, chegando à relação desta com a formação discursiva do sujeito. Nas palavras da autora:

Por tudo quanto precede, entendemos que tanto a *memória discursiva* como o *interdiscurso* dizem respeito a uma memória coletiva, social, mas não se superpõem, não se confundem. A memória discursiva está circunscrita a uma FD específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as FD que compõem o complexo com dominante. (INDURSKY, 2009, p. 8-9, grifos da autora)

Nos estudos discursivos, há uma relação entre o já-dito e o que está sendo dito, trata-se do interdiscurso (já mencionado) e do intradiscurso. Respectivamente, a constituição do sentido e sua formulação. Segundo Orlandi (2012a), é a constituição que determina a formulação, visto que só é possível formular, isto é, dizer, se nos colocarmos na perspectiva do dizível, ou seja, da memória, do interdiscurso, já que todo dizer se encontra na confluência desses dois eixos e, a partir desse jogo, extrai seus sentidos.

Courtine (1984), segundo a autora supracitada, explica a diferença de interdiscurso e intradiscurso da seguinte maneira:

considera a constituição (interdiscurso) representada como um eixo vertical, local, onde estariam todos os dizeres já-ditos e esquecidos, representando o dizível. E o eixo horizontal, o intradiscurso, seria o da formulação, ou seja, o que está sendo dito em um momento dado, em condições dadas.

Contudo, ressalta Orlandi (2012a), não se deve confundir interdiscurso com intertexto. Apesar de os dois mobilizarem relações de sentido, o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer; ao passo que o intertexto se restringe à relação de um texto com outros textos, aqui o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso.

### **Esquecer para lembrar: os esquecimentos e as posições do sujeito na teoria pecheutiana**

Tratando-se de esquecimento no discurso, observam-se, nos estudos pecheutianos, duas formas: o esquecimento número dois, da ordem da enunciação; e o esquecimento número um, conhecido como esquecimento ideológico.

Concordamos em chamar *esquecimento n° 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*. Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o *esquecimento n° 1*, que dá conta de o sujeito-falante não pode,

por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. (PÊCHEUX, 2009, p. 16 - grifos e aspas do autor)

O esquecimento número dois se refere ao momento em que enunciamos: ao falarmos, fazemo-lo de uma forma e não de outra e, enquanto isso, formam-se famílias parafrásticas, as quais mostram que o dizer sempre pode ser outro. Pois, é esse esquecimento que produz nos sujeitos a impressão da realidade do pensamento, fazendo-os acreditar que há uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo, de maneira que os leva a pensar que o que fora dito só poderia ser com aquelas palavras e daquela maneira (ORLANDI, 2012a). Trata-se de um esquecimento parcial, pré-consciente, visto que, dentro de uma FD, o sujeito pode selecionar (escolher) uma palavra em detrimento de outra(s) do léxico, por exemplo, “ocupação” ou “invasão”.

Já o esquecimento número um é da instância do ideológico e resulta da maneira como o sujeito é afetado pela ideologia. Através desse esquecimento, tem-se a ilusão de ser a origem do dizer, quando, na realidade, retomam-se sentidos já existentes. Ilustra-se pelo sonho adâmico: ser o primeiro homem a proferir as primeiras palavras, cujos significados fossem controlados.

Como fora dito, o sujeito é constituído daquilo que o determina, bem como os indivíduos são interpelados em sujeito por formações discursivas que representam, na linguagem, as formações ideológicas. As FDS estão sempre em contradição, mantendo relações com outras FDS, ora de aliança, ora de confronto, e os sujeitos, por sua vez, sempre inscritos em uma ou outra FD. Na esteira dessas discussões, Pêcheux (2009) introduziu a questão do discurso na forma-sujeito, o que

conceituou de modalidades da tomada de posição. Nas palavras do autor:

*A primeira modalidade* consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a tomada de posição do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma de *“livremente consentido”*: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos “em plena liberdade”). (PÊCHEUX, 2009, p. 199 – grifos e aspas do autor)

Na primeira modalidade, o sujeito, totalmente interpelado, identifica-se plenamente com a forma-sujeito da FD na qual está inscrito. Na segunda modalidade, o sujeito contraidentifica-se com os saberes da FD, isto é, não há uma identificação total e o sujeito não concorda com “tudo” que indica a forma-sujeito de uma FD e acessa o discurso-outro, a alteridade, tornando a FD heterogênea, de maneira que:

*A segunda modalidade* caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”* [...] Essa reversão apresenta traços linguísticos: “aquilo que você chama de crise do petróleo”, “suas ciências sociais”, “tua santa Virgem” [...] etc. (PÊCHEUX, 2009, p. 199 – grifos e aspas do autor).

A terceira e última modalidade caracteriza-se pelo modo da desidentificação do sujeito com a FD. A discordância é tamanha que o sujeito pode romper completamente com a FD e identificar-se com outra FD, pois o fato de ter havido a desidentificação não significa que o sujeito seja “livre” ao enunciar, já que, como observa Pêcheux (2009, p. 199):

A ideologia “eterna” enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos – não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo *às avessas*, isto é, *sobre e contra si mesma*, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo) (grifos e aspas do autor).

### **Paráfrase e Polissemia: qual o sentido delas?**

De modo correlato ao que já fora dito, duas outras noções também são fundamentais nesta teoria: paráfrase e polissemia. Ambas se constituem, segundo Orlandi (2011), como dois grandes processos da linguagem: a matriz e a fonte do sentido, respectivamente. A paráfrase, salienta Orlandi (2003), é definida na Análise de Discurso pecheutiana de modo diferente do da Linguística.

Michel Pêcheux, em sua AAD69, definiu a paráfrase de maneira composicional: “duas frases estão em relação de paráfrase se a soma de suas partes constitui um mesmo sentido por identidade ou equivalência lexical”, contudo o próprio Pêcheux conclui que deve haver uma relativização no lugar da paráfrase, pois reconhece que, dentre outras

questões, um discurso não se limita à produção de significações por substituição lexical (PÊCHEUX et al, 2010b, p. 275).

Orlandi (2011, p. 136), num estudo acerca dessas noções, pontua:

De acordo com a perspectiva da análise de discurso, é criticável o modo de se considerar a linguagem, ou como produtora (e o mundo é dado) ou como produto (e a linguagem é dada). Pode-se, então, optar por uma forma de considerar a linguagem no momento de sua existência como tal, ou seja, justamente como discurso. Nesse caso, pode-se observar sua dinâmica através do jogo que existe entre os seus processos de constituição. De nossa parte, destacamos dois desses processos: a polissemia e a paráfrase.

Na concepção da referida autora: "A polissemia se define como multiplicidade de sentidos e paráfrase como sendo formulações diferentes para o mesmo sentido. À articulação entre polissemia e paráfrase é que atribuo o jogo entre o *mesmo* e o *diferente* na linguagem [...]" (ORLANDI, 2011, p. 84, grifos da autora). Dito de outra maneira: é no processo parafrástico que se encontra a produção do mesmo sentido a partir de formas variadas e, ainda que proferido por diferentes enunciadores, reafirma o mesmo sentido. No processo polissêmico, por outro lado, tem-se o deslocamento, a ruptura dos processos de significação, ou seja, diferentes movimentos de sentidos no mesmo objeto simbólico.

Orlandi (2012) salienta que se trata da paráfrase pensada em relação à configuração das formações discursivas e que está na base da noção de deriva, que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico, este explicado por Pêcheux (1969) como fenômeno

semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido.

De um modo geral, pode-se dizer que Michel Pêcheux (ano), ao propor a Análise do Discurso, buscava romper com os moldes linguísticos formais daquela época: era preciso trabalhar as ciências considerando não apenas o seu conteúdo, mas como estes funcionavam. Em Henry (2010b, p. 24-25) lê-se que:

Pêcheux, tendo em vista provocar uma ruptura no campo ideológico das “ciências sociais”, escolheu o discurso e a análise do discurso como o lugar preciso onde é possível intervir teoricamente (a teoria do discurso), e praticamente construir um dispositivo experimental (a análise automática do discurso).

Michel Pêcheux chamou a atenção, ainda, para o fato de que não há neutralidade nas ciências, devido à impossibilidade de o sujeito dissociar-se da ideologia; contudo, como bem pontua Lagazzi (1988), a partir dos escritos desse autor:

Ainda que “não possamos jamais encontrar um puro discurso científico, separado de toda ideologia” (Pêcheux, 1975b), já que “todo discurso é discurso de um sujeito” (Pêcheux, 1975b) e todo sujeito é ideológico, um método de análise, dentro de seus limites, deve procurar sua 'cientificidade', sua sistematicidade, para que não torne o 'achar' de cada pesquisador. (LAGAZZI, 1988, p. 51)

Na Análise do Discurso proposta por Michel Pêcheux, os métodos analíticos se diferem de outras metodologias (sobretudo, das de caráter positivista), de modo que a AD possui um dispositivo analítico próprio, considerando sempre o histórico e o ideológico. Nas palavras de Indursky (2011, p. 329):

[...] é preciso sinalizar que não há uma metodologia universal para todos os campos que se inscrevem nos Estudos da Linguagem, e o que sucede com a Análise do Discurso não é diferente. Por ser ela uma disciplina não-positivista, sua forma de lidar com a metodologia lhe é muito peculiar.

Dentre as especificidades metodológicas da Análise do Discurso pecheutiana, pode-se destacar a ideia de que esta não visa à descrição da língua, embora se utilize de conhecimentos linguísticos formais, os quais são considerados no momento das análises, mas tidos como insuficientes para contemplar o discurso. Ora, para a AD faz-se necessário ultrapassar o *funcionamento linguístico* (que leva em conta a forma linguística e suas funções) para chegar ao *funcionamento discursivo* (que considera as propriedades discursivas do referido funcionamento, bem como os processos semânticos que decorrem das práticas discursivas em que o funcionamento se inscreve) (INDURSKY, 2011, grifos da autora).

Quantidade e exaustividade também não fazem parte do projeto da AD. Segundo Indursky (2011, p. 329-330): “O que está em jogo nesse campo é a *representatividade* discursiva da marca a ser analisada. Não se trata de quantificar dados, mas de verificar como a repetição e/ou suas rupturas fazem discurso e, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e significam.” (grifo da autora).

A relevância para a AD, então, reside em verificar quais os efeitos de sentido que um dado funcionamento linguístico pode produzir em determinadas condições de produção. O objeto empírico, por sua vez, consoante Orlandi (2012, p. 62-63), é inesgotável, haja vista que “[...] por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso

anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes.” Segundo a referida autora, a exaustividade que se busca deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática.

Com relação ao texto, cabe lembrar que este não é visto na AD como um documento que mostra ideias pré-concebidas, todavia é vislumbrado como construção na qual são possíveis múltiplas leituras, afinal não é sobre o texto (código linguístico) que falará o analista, mas sobre o discurso (ORLANDI, 2012).

Indursky (2012, p. 330) pontua ainda que: “Nesse campo, também, não se trabalha com a linearidade de um texto. São certas *marcas linguísticas* que, pelos efeitos de sentido que produzem, se transformam em pistas que o analista segue em busca das propriedades discursivas do discurso para o qual elas remetem” (grifos da autora). Desse modo, não são as marcas formais que interessam ao analista, mas a maneira como elas aparecem no texto (ORLANDI, 2012a).

Outra questão essencial à metodologia da AD é o fato de que não existe análise de discurso sem a mediação teórica durante todo o trabalho. É um ir e vir constante da teoria. Há, segundo Orlandi (2012), a necessidade de que a teoria esteja continuamente mediando a relação do analista com o seu objeto e, não obstante, com os sentidos, com a interpretação.

## FINALIZANDO A PROSA...

Michel Pêcheux, por sua vez, ao trazer a ideologia para os estudos linguísticos, preocupa-se em analisar a língua em sua heterogeneidade e não, apenas, como puro sistema. Na AD, está em jogo um sujeito determinado, que diz apenas o que a sua posição-sujeito lhe permite dizer, bem como uma história impregnada de memória e o silêncio que significa. Conforme pontuam Piovezani e Sargentini (ano, p. 15): “Se outras vertentes dos estudos linguísticos se debruçam sobre vários aspectos dos usos da língua, somente a Análise do Discurso busca descrever e interpretar a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos na sociedade, mediante a articulação necessária e indissociável da língua com a história.”

Por fim, consoante Orlandi (1990, p. 7), grande representante dos estudos pecheutianos no Brasil: “o que se pode apreender do percurso de Michel Pêcheux na elaboração da Análise do Discurso é que ele propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios.” Acerca da singular AD, seu fundador pontua: “[...] antes da análise de discurso, a linguagem era um apêndice no estudo das ciências humanas. Depois da análise de discurso, nenhuma ciência se pensa sem pensar o discurso. Essa é a força desse objeto discurso e do que pode fazer uma boa teoria.”. Nós reiteramos: Michel Pêcheux deixa seu grande legado ao propor uma teoria singular que não se reduz aos limites formais da língua, mas traz à baila o processo que envolve a produção de sentidos,

considerando, pois, a história, a ideologia, o sujeito e suas condições de produção, bem como questionando a evidência destes.

## REFERÊNCIAS

- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise de Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- GRIGOLETTO, E. A Noção de Sujeito em Pêcheux: uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação (La Notion du Sujet en Pêcheux: une Reflexión sur Le Mouvement de Desidentification). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 61-67, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.978. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/978>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. (1969). In: GADET, Françoise; Hak, Tony. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- INDURSKY, Freda. *Memória, interdiscurso: limites e contrastes*. (Texto xerocopiado apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, evento realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, junho de 2009).
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias: Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaios, 22).

- LAGAZZI, SUZY. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- MUSSALIN, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004. v.2. p. 101-142.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 9ª ed, São Paulo: Cortez, 2012c.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na História e no Simbólico. In: *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012d.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito de uma análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; Hak, Tony. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

## CAPÍTULO 3

---

# AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS E OS SENTIDOS OUTROS NO *INSTAGRAM*: UMA DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE O CASAMENTO

Anderson de Almeida Santos

### INTRODUÇÃO

O trabalho ora desenvolvido tem por base teórico-metodológica os pressupostos formulados por Michel Pêcheux e seu grupo que culminaram com a elaboração da Análise de Discurso (AD). Portanto, compreendemos que o objeto de estudo dessa teoria é o discurso, visto que analisamos não “um objeto linguístico mas um objeto sócio-histórico” (PÊCHEUX, FUCHS, 2014, p. 191), e que este objeto é entendido como “efeitos de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2014a, p. 81), sendo tais pontos as posições do sujeito na esfera discursiva, ou seja, a inscrição material do sujeito na história.

Para tanto, consideramos o sujeito não como um sujeito empírico, mas um sujeito interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, que ao produzir discurso e sentido crê ser a origem do dizer, o que não passa de uma ilusão. A ilusão constitutiva da subjetividade. Assim, pelo viés da teoria do discurso, vamos nos debruçar nos discursos produzidos em uma postagem da página @doisiguais do *Instagram*, para pensarmos como as postagens sobre casamento e família constituem sentidos outros, moldados por sujeitos interpelados pela ideologia da formação discursiva homoafetiva.

Deste modo, considera-se que a página @doisiguais é espaço de constituição de sentidos que rompem com a ideologia dominante fazendo retomar espaços de memória seja para refutar os sentidos normalizados em relação ao relacionamento heteronormativo, seja para retomá-los, deslocando-os dentro da formação discursiva (FD) homoafetiva. Uma vez que a página é destinada ao público LGBTQIA+, suas postagens são uma forma de lutar por direitos e conquistas para os seus seguidores, e espaço de troca de afeto, fazendo ecoar vozes que implicam num deslocamento dos sentidos ligados à FD heteroafetiva.

Assim, ao deslocar os sentidos da FD heteroafetiva estamos diante do ato de resistência e de um acontecimento discursivo. Segundo Pêcheux, (1990, p. 17) resistir é “não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio”. O processo de resistência se relaciona ao modo como o sujeito interpelado pela ideologia se movimenta dentro do discurso, no processo de subjetivação deslocando-se da identificação para contraidentificação e posteriormente para a desidentificação, constituindo-se a partir da complexa relação com a ideologia.

A resistência instaura-se no discurso a partir da língua, uma vez que segundo a AD, ela é também o lugar do deslocamento, da possibilidade, do sentido outro. Ainda conforme Pêcheux (1990, p. 09), o espaço revolucionário pressupõe a existência de “um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história”.

Portanto, não se pode pensar em resistência sem levar em conta a historicidade que constitui o discurso e a língua.

Diante disso, iremos analisar, pelo viés discursivo, a linguagem verbal e imagética na postagem selecionada na página @doisiguais no *Instagram*, mobilizando conceitos da teoria ao estabelecer relações interdiscursivas pelo posicionamento de sujeitos homoafetivos, ao retomar efeitos de sentidos preestabelecidos, visto que as postagens funcionam como veículo de ideologias.

Como não será possível fazer análise de todas as postagens, o presente trabalho terá por recorte uma postagem, que será analisada estabelecendo relação do acontecimento discursivo com a condição de produção. Sairemos da superfície linguística e iremos perpassar os enunciados pelo processo discursivo, de forma a compreender o funcionamento ideológico dos discursos.

Assim, é preciso, de início, chamar atenção para o nome da página no *Instagram* de onde essa materialidade foi retirada: @doisiguais. Tal denominação já indica à necessidade de se afirmar a existência de amor entre duas mulheres ou entre dois homens, reivindicando um espaço de visibilidade há muito negado para os casais homossexuais.

Tal nomeação não é aleatória, mas antes de tudo indica a posição do sujeito enunciativo no discurso (neste caso, o sujeito que fez a postagem): ele fala a partir de uma formação discursiva que permite dizer que existe amor homoafetivo, que gera por resultado, novos sentidos para casamentos.

## UM POUCO DE TEORIA: O INTERDISCURSO E A MEMÓRIA DISCURSIVA

A Análise de Discurso trabalha com o discurso em funcionamento, e não com a mensagem ou apenas transmissão de informação. Para isso, Michel Pêcheux (re)elabora e adota discursivamente conceitos de outras teorias para observar e analisar o funcionamento da ideologia nas práticas discursivas. Devemos que considerar, segundo Orlandi (2020), a AD como uma antidisciplina, uma desdisciplina, que se faz na contradição das relações entre a Linguística, o Materialismo histórico e a Psicanálise.

Assim, como uma crítica, “a análise de discurso inclui – como não o faz a linguística – o sujeito” (ORLANDI, 2008, p. 35), introduz, o Materialismo histórico, em que “a ideologia tem, pois, uma materialidade, e o discurso é o lugar em que se pode ter acesso a essa materialidade” (ORLANDI, 2008, p. 20), e essas materialidades são “atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX, FUCHS, 2014, p. 160), em que Pêcheux fez uso da noção de inconsciente proposta por Lacan em sua releitura de Freud.

Desse modo, nós, analistas de discurso, não trabalhamos com a noção de sujeito empírico, com o ser de carne e osso, ou como a noção de sujeito é proposta pela teoria estruturalista, que considera o sujeito como “um suporte da linguagem; [...] um sujeito abstrato [...] aquele que pode tudo compreender e dizer” (ORLANDI, 2008, p. 197), e nem com a ideia de que o sujeito seja fonte origem do seu dizer. Nós

trabalhamos com a noção de sujeito, pois em “toda proposição há um sujeito” (PÊCHEUX, 2014a, p. 39), que é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, e que tem relação com a linguagem, e esta linguagem tem relação com a exterioridade, com as condições de produção, que, por sua vez implicam em diferentes formações discursivas nas quais o sujeito se inscreve, resultando em diferentes efeitos de sentidos no dizer.

Logo, o sujeito da postagem selecionada para análise, é o sujeito inserido em uma formação discursiva que, segundo Pêcheux e Fuchs (2014, p. 164), “determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura”. Portanto, o sujeito das postagens presentes na página @doisiguais pode e dever dizer sobre casamento de determinado modo e não de outro.

Como a Análise de Discurso originou-se do entremeio, o sujeito assim também o é. O sujeito seria também parte das lacunas não preenchidas pela linguagem, pela ideologia e pelo inconsciente. O sujeito na linguagem deixa marcas do equívoco, uma vez que, segundo Orlandi (2012, p. 129), a língua é capaz de falhas, e a linguagem não é transparente. Sendo, também, esse sujeito determinado pelo exterior, numa relação de exterioridade e de contradição.

Ao usar o conceito de ideologia proposto por Althusser, Pêcheux dá espaço ao sujeito assujeitado, interpelado ideologicamente, responsável por controlar o sentido, atravessado por diversas formações discursivas, posicionado dentro de formações ideológicas. Assim, o

sujeito na ideologia deixa marcas da contradição, pois a ideologia tem falhas.

E o sujeito na Psicanálise deixa marca manifestada pelo inconsciente, por “considerar o sujeito como um ser faltoso por natureza” (FERREIRA, 2019, p. 23). Portanto, a AD trouxe a noção de sujeito clivado, numa crítica à existência do sujeito uno, dono do dizer. Agora, sendo o sujeito constituído também pelas vozes que o interpelam, as quais estão marcadas no inconsciente, ele não é completamente a origem de si.

Por tudo isso, se faz necessário entendermos o conceito de condição de produção. Assim, a noção de condição de produção designa

ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a ‘situação’ no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo etc. (PÊCHEUX E FUCHS, 2014, p. 169)

Diante do que já foi exposto, se faz necessário explicitar que o discurso é entendido como espaço de sentidos que estão veiculados em conjunturas sócio-históricas, em dada condição de produção. E estes sentidos são constituídos “a partir do modo como o sujeito interpreta determinada palavra, sob o viés de seu posicionamento ideológico” (HEINE, 2017, p. 13), logo, os sentidos estão à deriva.

O discurso da Análise de Discurso, o qual é objeto de estudo, é determinado pelo social e pela história, e que a condição de produção é responsável por sustentar o modo que a história se inscreve na língua. Assim, podemos considerar que o material linguístico estabelece relação

com o exterior ao sujeito, a língua e a memória discursiva, pela historicidade que as palavras já receberam em um já-lá e passam a serem retomadas em um novo discurso com re-atualização de sentidos. Dado isso, em um discurso há outros discursos, que já foram proferidos na história, e Pêcheux denomina essa prática como interdiscurso. Portanto, entende-se que o interdiscurso é “todo complexo com dominante” de formações discursivas (PÊCHEUX, 2014a, p.149) que representam a possibilidade de todo o dizer.

Assim, o discurso é heterogêneo. O discurso sempre se remete a outro. O discurso é proveniente de outros discursos. Em outras palavras, o interdiscurso é responsável por esse funcionamento, pois “compreende todo o conjunto dos já ditos que dominam o discurso” (HEINE, 2012, p. 49). Por ser o conjunto de já-ditos que constitui o dizer, o interdiscurso é irrepresentável, pois não dá para apresentar tudo o que já foi dito, isto é, ele não é acessível ao sujeito, tampouco o sujeito tem controle sobre essa relação daquilo que fala antes em outro lugar independentemente com o que é dito agora. Ao contrário, essa relação é constitutiva dele enquanto sujeito histórico e simbólico, e é inconsciente, pois é da ordem da interpelação ideológica.

Com base nas ideias de Indursky (2009) é possível afirmar que enquanto o interdiscurso representa o conjunto de todos os já-ditos, a memória discursiva se relaciona com as fronteiras dos discursos disponíveis em uma formação discursiva, não sendo, portanto, saturada, mas se circunscrevendo às fronteiras da formação discursiva.

Segundo Indursky (2009, p. 8):

Se a memória discursiva se refere à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos, isto significa que ela diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FD, no interior das quais eles recebem seu sentido. E mais: se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, isto significa que ela não cobre todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas apenas os sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma formação discursiva. Mas não só: a memória discursiva também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados.

Assim, a noção de memória se refere aos enunciados inscritos numa FD, mas também àqueles que devem ser refutados, não comportando todos os dizeres, mas aqueles autorizados pela FD que são retomados ou não no processo discursivo. Desse modo, a retomada de elementos do interdiscurso é feita através de uma formação discursiva que pressupõe por sua vez uma memória, que nos possibilita acessar o conjunto de dizeres permitidos por uma formação discursiva em um dado acontecimento. De acordo com Courtine (1981) “a noção de memória discursiva, diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos.” A noção de memória discursiva, portanto não diz respeito à memória cognitiva de um sujeito empírico, mas de um conjunto sócio-histórico de enunciados, como salienta Pêcheux:

Sob essa perspectiva, a memória se reporta não aos traços corticais dentro de um organismo, nem aos traços cicatriciais sobre este organismo, nem mesmo aos traços comportamentais depositados por ela no mundo exterior ao organismo, mais sim a um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços. (PÊCHEUX, 2015, p. 142)

Portanto, a memória discursiva é desde sempre histórica e não uma memória individual, pessoal, cognitiva, mas articulada em campos diversos, por diferentes sujeitos sociais, a partir dos enunciados discursivizados que determinam o dizer. E assim, a memória é materializada através de repetições e deslocamentos estabelecidos em diferentes condições de produção, operados no decorrer da história.

## UM OLHAR NA MATERIALIDADE DISCURSIVA: UM GESTO DE ANÁLISE

Ao sabermos que o discurso é a materialização da ideologia, e que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, tomamos também como noção teórica a questão da interpretação. A interpretação é o gesto que o analista mobiliza para fazer análise discursiva da materialidade que significa de modos distintos, porque, segundo Orlandi (2020), o espaço simbólico é marcado pela incompletude.

Para isso, entendemos que a “incompletude não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas antes em relação a algo que não se fecha” (ORLANDI, 2020, p. 11). Portanto, o discurso na Análise de Discurso é algo incompleto, muito já foi dito e ainda pode-se dizer. Logo, no viés discursivo, consideramos a materialidade discursiva, seja ela o texto, a imagem, o corpo, a *hashtags*, ou qualquer outro elemento a ser analisado, como materialidades discursivas que mobilizam dessemelhanças nos processos significativos.

Por saber que as postagens da rede social *Instagram* são compostas por imagens, não podemos deixar de analisá-la. Segundo Devallon (2015, p. 25), a imagem é uma representação da realidade. O

analista deve produzir significação, em que “esse estado de coisas abre, como aliás, insistem em nos fazer observar, a uma liberdade de interpretação” (DEVALLON, 2015, p. 26), ou seja, a imagem representa e produz sentido, pois, por ser incompleta, é discurso, em que estão marcados aspectos históricos e ideológicos que fazem com que ela se abra à interpretação.

Se a imagem é discurso, ela reatualiza a memória para retomar o já-dito. Assim, “a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, percurso escrito discursivamente em outro lugar” (PÊCHEUX 2015, p. 45). Desse modo, nos interessa compreender e interpretar as imagens, compartilhadas na rede social *Instagram* da página @doisiguais, como discursos que operam memória e historicidade sobre relacionamentos homoafetivos.

Pretendemos observar a “relação entre a materialidade específica da ideologia e a materialidade da língua” (MALDIDIER, 2017, p. 12), através das postagens dessa rede social, que são o *corpus* desta pesquisa, da página “@doisiguais”, considerando-as como materialidades discursivas: o verbal e o imagético.

A interpretação da materialidade discursiva, do material que o analista se debruça para compreender os efeitos de sentidos, é um ritual com falhas, pois indica uma ligação intrínseca com a ideologia. Assim, Pêcheux define materialidade discursiva como um

nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as mentalidades de uma época, mas remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos,

ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada. (PÊCHEUX, 2015a, p. 151)

Deste modo, para analisar a materialidade discursiva é necessário compreender suas condições de produção sócio-histórica, em um acontecimento dado. Por tudo isso, como já foi mencionado, uma das condições de produção é o texto feito para postagem na rede social específica, que aqui é o *Instagram*, logo, postar

estaria entre a escrita e o meio. O postar inclui o percurso, o envio, a espera, a chegada, a saber, o meio, é uma forma de escritura que implica o compartilhamento, a viralização, mas também o textão ou as hashtags ou as imagens, os memes, vídeos, etc. O teclar é com alguém, o postar é para alguém. (DIAS, 2018, p. 158)

Como a Análise de Discurso, com base nos postulados de Michel Pêcheux, é uma disciplina de entremeio, como o sujeito também é constituído do entremeio, as materialidades discursivas também o são, pois “resultam ae heterogeneidade entre a história, a língua e o inconsciente” (ORLANDI, 2016, p. 09).

Nessa perspectiva, o *Instagram* produz discursividade e novas formas de assujeitamento do sujeito, constituindo sentidos em uma nova mídia. E por isso, os discursos produzidos nas redes sociais, especificamente no *Instagram*, tendem a fornecer uma versão construída sobre fatos diversos a partir de sentidos naturalizados aos quais o sujeito se identifica, contraidentifica ou desidentifica.

Segundo Gregolin (2007), a AD se debruça sobre o discurso das mídias para compreender os modos como os sentidos são gerados na instância midiática. Assim, a mídia, pelo *Instagram*, é um acontecimento discursivo. E o *Instagram* é um suporte textual que

apresenta condições de produção político-ideológicas do discurso por sujeitos que assumem posições na luta de classes. Portanto, as postagens presentes no *Instagram* ajudam a “compreender as formas históricas de assujeitamento na sociedade atual” (ORLANDI, 2018, p. 11).

Cabe lembrar, que o espaço enunciativo do *Instagram*, segundo Gallo (2019, p. 186), “tem sua normatização específica, na qual todo dizer deve se submeter para aí fazer sentido”. E essa normatização se dá pelos processos de produção dos discursos, a constituição, a formulação e a circulação, pois

a circulação é a grande recompensa que se tem nessas redes. Ela pode levar um texto a milhões de leitores, em um único dia. Para isso, há um preço a pagar: submeter o texto à normatização da rede em que ele circulará, ou seja, formulá-lo segundo essa normatização. (GALLO, 2019, p. 188)

As postagens circulam, pois “uma postagem tem que circular. É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia” (DIAS, 2018, p. 158), ou seja, é pela circulação da materialidade discursiva que a produção dos sentidos se formula e se constitui.

O *corpus* é resultado de uma construção do próprio analista e sua delimitação segue os critérios teóricos pressupostos pela Análise de Discurso. Pois, “decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 2012, p. 63), sendo o *corpus* descrito e interpretado a partir do arcabouço teórico-metodológico utilizado.

Para análise de dados, serão seguidos os procedimentos descritos por Orlandi (2015): sair da superfície linguística em direção ao objeto discursivo, momento em que caminhamos do texto ao discurso, mostrando que o que foi dito poderia sê-lo de outra forma, de modo que o que se diz sobre casamento e família, na página @doisiguais, não se diz apenas daquele modo.

Por tudo isso, a metodologia da análise não consiste na leitura de um texto por completo, considerando sua extensão, mas, sim, na “necessidade ‘prática’ de limitar o tamanho do objeto de estudo” (KUENTZ, 2016, p. 63), com a leitura de compreensão para poder compreender o que o texto diz, e até mesmo o que foi silenciado, verificando a posição do sujeito na esfera discursiva, as regularidades, e aqui neste trabalho, o verbal e o imagético presente na materialidade selecionada para análise.

O texto verbal será mobilizado através de análises das sequências discursivas (SDs). Para isso, as sequências discursivas estão sendo entendida como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (COURTINE, 2009, p. 55), levando em conta elementos linguísticos e elementos extralinguísticos, uma vez que teoria, metodologia e objeto não se separam, pois consideramos o “*corpus discursivo*, como dispositivo de agrupamento e de organização de sequências discursivas regulado pela noção de ‘condições de produção do discurso’” (COURTINE e MARANDIN, 2016, p. 36).

Desse modo, para essa pesquisa, podemos considerar como condição de produção: o *Instagram* (espaço em que as postagens são

feitas), o sujeito que as posta, o momento da futura posse do Presidente Jair Messias Bolsonaro, e o espaço digital que envolve a rede social em análise. Vejamos:

Figura 01: O casamento



Fonte: Instagram

Esse casamento ocorreu na cidade de Limeira - São Paulo, após a futura posse do Presidente Jair Messias Bolsonaro, no Brasil. Sem ter condições financeiras para realizar a cerimônia, as “dois iguais”, que já mantinham relação há 05 anos, fizeram uma campanha colaborativa e conseguiram realizar a festa em três semanas, graças ao apoio de vários profissionais da região. Ao observarmos a imagem, nos deparamos com duas mulheres vestidas com roupas brancas que remetem a cerimônia do casamento, segurando o buquê. Deparamo-nos com decoração de flores, uma mesa repleta de doces e um bolo no centro com os nomes das noivas.

Como já dissemos, a imagem é discurso, e nessa materialidade discursiva, ao analisarmos a imagem, observamos o rompimento do sentido de casamento que foge da formação discursiva da classe dominante, uma vez que, ao invés do noivo e da noiva, há duas mulheres segurando o buquê nas mãos. É pela memória que subjaz a FD homoafetiva que os sentidos de casamento entre dois iguais se constituem no deslocamento da representação do noivo e da noiva para a representação de duas noivas celebrando a união.

Assim, o sentido de casamento varia e desliza, e insere-se na formação discursiva da ideologia homoafetiva. Portanto, a imagem retoma elementos da memória histórica do casamento heteronormativo, uma vez que o buquê, os vestidos brancos fazem retomar o cenário destas cerimônias, mas também instaura novos sentidos, pois no lugar da união de um homem e uma mulher está deslocado para a união de duas mulheres.

A partir da análise dessa materialidade discursiva, o sentido derivado da formação discursiva homoafetiva indica que a união entre dois iguais é algo aceitável, feliz e natural, e não algo a ser rejeitado, como dita a formação discursiva heteronormativa, em que a união homoafetiva passa a ser considerada indesejável.

É, portanto, a partir da memória discursiva que o cenário de casamento heterossexual é ativado, mas também deslocado ao deslizar para duas mulheres que se casam. Assim, o sentido de casamento passa a ser outro: o que une duas pessoas do mesmo sexo pelo amor e afinidade e não apenas aquele em que um homem e uma mulher se casam para

construir uma família nos moldes tradicionais. As lacunas retomam do interdiscurso os sentidos de casamento da ideologia dominante para deslocá-lo, questioná-lo. A ruptura se dá com o casal constituído por dois iguais, duas mulheres.

A escolha da sequência discursiva não é aleatória, mas antes de tudo indica a posição do sujeito enunciator no discurso (neste caso, o sujeito que fez a postagem): ele fala a partir de uma formação discursiva que permite dizer que existe amor homoafetivo, que por resultado, instaura novos sentidos para casamentos.

Observemos, a seguir, a sequência discursiva.

*SD – 01: O casamento e as eleições*

Depois das eleições, com a recomendação da OAB [Comissão da Diversidade Sexual] para que os LGBTs se casassem até o final deste ano, tudo começou a tomar forma e virar realidade.

*Fonte: Instagram*

Para Pêcheux (2015b, p. 16) o acontecimento discursivo é um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, e caracteriza-se pela opacidade, o que demanda interpretação. Portanto, ao analisarmos o enunciado acima, o cenário político do Brasil foi a futura posse do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, que além de acontecimento discursivo, é acontecimento histórico.

Nesse sentido, o acontecimento histórico ‘consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica’ (LE GOFF, 1996 apud DELA-SILVA, 2008). Em outras palavras, o fato deve ser suficientemente significativo para ser lembrado ou ser registrado

em livros, fazendo parte da história de um povo, de uma sociedade, uma comunidade, como reflexo da cultura. (RASSI, 2012, p. 44)

O momento pré-eleição faz emergir, pela memória, a grave ameaça à democracia e a perda de direitos já conquistados pelos movimentos da comunidade LGBTQIA+, uma vez que o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro havia feito declarações homofóbicas que chocaram a comunidade LGBTQIA+. Assim, o sujeito inserido na formação discursiva homoafetiva sabe que essa futura posse pode significar retrocesso de seus direitos e suas lutas. Portanto, o acontecimento é inscrito no contexto da atualidade, pois o fato novo é duas mulheres (dois sexos iguais) se casando, possibilitando, devido ao acontecimento, novos sentidos inscritos nos já-ditos.

Dessa forma, “não dá para interpretar uma atualidade sem mobilizar a memória” (INDURSKY, 2011, p.86), e com isso, há toda uma retomada nos já ditos proferidos pela posição-sujeito presidente, que se insere em uma formação discursiva patriarcal, religiosa, opressora, que nega a relação homoafetiva, e, portanto, a cerimônia do casamento e a constituição familiar por dois iguais.

É preciso chamar atenção que “o acontecimento histórico pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (DELA-SILVA, 2008: 15). Portanto, as materialidades discursivas da página @doisiguais, no Instagram, indicam a necessidade de se afirmar a existência de amor entre pessoas de sexos iguais, reivindicando um espaço de visibilidade há muito negado para os casais homossexuais.

Cabe analisar as *hashtags* #doisiguais #casamentogay #casalgay #lesbicas presentes na materialidade discursiva, pois são elementos textuais das condições de produção dos textos digitais, sobretudo do *Instagram*. Assim, Fontana (2016, online) diz que as *hashtags* operam como interpretação de releitura que projeta um modo de dizer por meio de uma etiqueta de indexação.

Deste modo, as *hashtags* #doisiguais #casamentogay #casalgay #lesbicas traz uma memória discursiva que retoma a relação homoafetiva entre mulheres em diversas práticas discursivas, principalmente, nas mídias digitais, mas ao mesmo tempo que reafirmam o casamento lésbico, trazem eco das vozes que condenam tais práticas pois todo discurso traz em si o eco de outros discursos com os quais se põem em posição de embate ou aliança.

A *hashtag* também traz diversas formações discursivas, com as quais os sujeitos podem se identificar ou não, a depender de suas posições na luta de classes sociais e das formações ideológicas às quais se filiam. Essas *hashtags*, nesta materialidade discursiva analisada, relacionam-se a movimento político-social, como uma ferramenta de luta, de resistência, de visibilidade do grupo LGBT silenciado pela ideologia dominante, que é a ideologia patriarcal, em que o modelo de casamento é heterossexual.

Assim sendo, as *hashtags* possibilitam gerar novos sentidos sobre casamento, devido aos acontecimentos passados, resignificando já-ditos, o que indica sentidos outros, determinados pelo interdiscurso, no

funcionamento de uma memória discursiva que remete aos dizeres das mulheres que têm relações homoafetivas.

#### PARA POSSIBILIDADE DE SENTIDOS OUTROS...

É a materialidade discursiva que mobiliza a teoria. E a materialidade analisada mobilizou a noção do interdiscurso e da memória discursiva no discurso da postagem da página @doisiguais. Assim, interpretamos, pelo viés teórico, que é na formação discursiva que o discurso possui significância. E que há uma retomada e atualização do que é dito possibilitando sentidos outros para o casamento.

A repetibilidade, que não é repetir o mesmo dizer, mas (re)produzir sentidos, do discurso da formação homoafetiva, aceita o casamento entre dois iguais, e resulta no deslizamento do sentido cristalizado pela formação discursiva patriarcal, religiosa, opressora, que negam, não aceitam, rejeitam tais uniões.

Somos levados a compreender o funcionamento ideológico dos discursos, que o que foi dito, poderia ser dito de outra forma, o que resulta em sentidos outro ao termo casamento. E assim, longe de esgotar as reflexões que aqui podem ser ensejadas, chamamos atenção para o fato de que a materialidade analisada possibilitou uma leitura possível, mas, compreendendo o caráter polissêmico das materialidades que constituem a página analisada, há a possibilidade de outras leituras devido à abertura para o simbólico.

## REFERÊNCIAS

- COURTINE J.-J. *Analyse du discours politique*. Langages. 1981; 62.
- COURTINE, J. J. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUSCar, 2009.
- COURTINE, J. J. MARANDIN, Jean Marie. Que objeto para a análise de discurso?. In: CONEIN, Bernad [et al.]. *Materialidades Discursivas*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2016.
- DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008. 237f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Análise de Discurso) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- DEVALLON, Jean. A Imagem, uma Arte de Memória. In: ACHARD, Pierre. (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- FERREIRA, Maria C. L. *O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte*. In: GRIGOLETTO, Evandra. DE NARDI, Fabiele Stockmans. SOBRINHO, Helson Flavio da Silva (orgs.). *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 19-35.
- FONTANA, Mónica G. Zoppi. *Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer*. [Apresentação em Power point]. In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: <[http://octeventos.com/site/sediar/download/argu\(meme\)ntando.pdf](http://octeventos.com/site/sediar/download/argu(meme)ntando.pdf)> Acesso em: 20 out. 2019.

- GALLO, Solange Leda. *Sobre a materialidade digital*. In: GRIGOLETTO, Evandra. DE NARDI, Fabiele Stockmans. SOBRINHO, Helson Flavio da Silva (orgs.). *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 19-35.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção das identidades*. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo: ESPM, Vol. 4, nº 11, 2007.
- HEINE, Palmira. *Tramas e temas em análise de discurso*. Curitiba, PR: CRV, 2012.
- HEINE. *Discurso em materialidades diversas*. Curitiba: CRV. 2017.
- INDURSKY, Freda. *Memória, Interdiscurso: limites e contrastes*. Porto Alegre, 2009.
- INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, Mercado de Letras, 2011.
- KUENTZ, Pierre. Os “esquecimentos” da nova retórica. In: CONEIN, Bernad [et al.]. *Materialidades Discursivas*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2016.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5.ed. Campinas: Unicamp, 1996. 256 p.
- MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 2017.
- ORLANDI, E. *Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: Formulação e Circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2012.

- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni. Nota introdutória à tradução brasileira. In: CONEIN, Bernad [et al.]. *Materialidades Discursivas*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2016.
- ORLANDI, Eni. Prefácio. In: DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- PÊCHEUX, M. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Cadernos de Estudos Linguísticos, no. 19, Campinas, SP, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise. HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Traduzido por Bethania S. Mariani [et al.], 5ª ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi, Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Pontes Editora: Campinas – SP, 2015a.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015b.

RASSI, A, P. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. *Revista História*, Goiânia, v.1, n.1, p. 43-63, jan./jun. 2012.

## CAPÍTULO 4

---

### O POP NÃO POUPA NINGUÉM: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO NO ESPAÇO VIRTUAL EM SUA ARTICULAÇÃO COM A CULTURA POP

Sarah Vicente Cabral da Silva

Bruna Maria de Sousa Santos

#### INTRODUÇÃO

O discurso religioso (doravante DR) sempre esteve presente nas sociedades, marcando as eras e os povos, significando e condicionando as práticas sociais. No Brasil, especificamente, pelo que podemos constatar, a religião perpassa a história do país desde as épocas de colonização, fincando as raízes cristãs e ocupando uma posição significativa na cultura brasileira. Nas palavras de Silva e Nalini (2015, p. 65), essa posição foi perdendo a sustentabilidade à medida que “o século das luzes, com o privilégio da razão”, foi tomando espaço na sociedade e na mentalidade dos indivíduos.

Com isso, a religião e a igreja perderam consideravelmente o poder sobre a política e as práticas sociais, muito embora tenhamos observado nos últimos anos uma crescente de pautas religiosas no cenário político brasileiro, que demonstra a ascensão de práticas políticas sustentadas por um viés religioso.

Posta essa breve reflexão, destacamos que não há nesse estudo nenhuma pretensão em aprofundar teorias e discussões de cunho teológico e/ou da história da igreja/religião. Nossa preocupação está

focalizada na compreensão do funcionamento do discurso religioso na era virtual. Nesse sentido, observamos o modo como as práticas sociais, mediadas pela tecnologia, influenciam a (re)configuração do DR.

Tendo em vista que, com o advento do século das luzes, a religião perdeu posição central na sociedade, na era da tecnologia, ela encontrou, nos meios de comunicação, uma forma de (re)ascender suas influências, fazendo parte, em grande escala, do cotidiano e das práticas sociais, sem que fosse necessário deslocar os indivíduos até o ambiente eclesástico, já que, a princípio, a igreja podia permear a casa dos fiéis pelas ondas do rádio ou da TV.

Dessa forma, não é de se surpreender que esse movimento aconteceria também no espaço virtual, nas redes sociais e na era midiática na qual vivemos. É inegável que esse movimento entre o ambiente empírico e o ambiente virtual tem acontecido com grande potência, quando deslocamos o olhar para o funcionamento do discurso religioso na atualidade. Em tempos midiáticos, nos quais as práticas sociais passam a ser mediadas pelas plataformas virtuais, o discurso religioso, não isento de tempos como estes, é também tomado por essa nova maneira de se movimentar na conjuntura social. Nesse deslocamento no interior do espaço virtual, o discurso religioso fornece aos sujeitos-usuários uma experiência com o divino em um ambiente que não é necessariamente eclesástico; e é dessa forma que os sujeitos se significam em sua espiritualidade: por trás de uma tela e após um *click*.

A partir dessa percepção, ao notar a crescente presença desse discurso nas mídias, surge o questionamento que norteia a análise: de que modo as determinações do virtual, em sua articulação com a cultura pop, influenciam a (re)configuração do discurso religioso nas redes? Partindo desse questionamento, deparamo-nos com aspectos que condicionam a hipótese de que, atualmente, o discurso religioso é atravessado por determinantes impostas pelo espaço virtual, as quais permitem entrever a produção de efeitos de atualidade e de identificação pelo viés da cultura pop. Desse modo, para dar consequência à análise do discurso religioso nesse espaço, propomos investigar seu funcionamento, considerando os efeitos de atualidade e o atravessamento da cultura pop no interior desse discurso, o que constitui nossa categoria analítica.

Antes de adentrar às análises propriamente ditas, tecemos breves considerações sobre as noções teóricas que orientam o estudo e apresentamos o dispositivo metodológico construído para o empreendimento analítico aqui proposto.

## O DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM O VIRTUAL

Pensar o discurso fora de uma perspectiva cristalizada, que o concebe como a produção de enunciados restritos a um campo de comunicação rebuscado e eloquente, é pensá-lo em sua constituição a partir do entrelaçamento entre língua e ideologia. Concebido dessa maneira, o discurso ganha diferentes contornos, configurando-se enquanto materialidade da ideologia. A língua, por sua vez, passa de

sistema imanente, à materialidade específica do discurso (ORLANDI, 2020). É nessa perspectiva que a Análise do Discurso Pecheutiana concebe a relação entre língua, discurso e ideologia, percepção que permite observar como os processos ideológicos constituem sujeitos e sentidos em suas múltiplas maneiras de significar o mundo e a si mesmos.

Partindo dessa perspectiva materialista do discurso, tomamos a ideologia como meio que interpela o indivíduo em sujeito, concedendo-lhe a possibilidade de significar, tendo em vista que a ideologia é o mecanismo estruturante da significação (ORLANDI, 2020), ou seja, é a partir de nossa inscrição em determinada formação ideológica que podemos atribuir sentidos. Nessa perspectiva, não há o indivíduo em sua existência individualizada no mundo, mas um sujeito dividido, inserido em conjunturas sociais, históricas e ideológicas, instado a significar pela ideologia e atravessado pela sua relação com a história e com a língua e, assim, com o discurso, que é “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 15).

Partindo da premissa de que é na conjuntura sócio-histórica e ideológica em que se constroem as condições de produção de um dado discurso, a partir das quais é possível significar e produzir sentido, é preciso pensar no modo como o espaço de produção do dizer e dos sentidos influencia as práticas discursivas. De modo a elucidar as condições pelas quais se produz o discurso no espaço virtual, traremos a noção de *espaço significativo*, proposta por Orlandi (2009) para

observar as determinações impostas pelo espaço na constituição de sujeitos e de sentidos.

Face ao ambiente/espaço, o sujeito, tomado pelas formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014) que atribui sobre si, sobre o outro e sobre o lugar onde produz o seu dizer, é tensionado em suas práticas discursivas a produzir sentidos por meio das condicionantes que o espaço significativo impõe. Para Orlandi (2009, p. 16), o espaço é “parte do acontecimento discursivo”, por isso ele não é meramente físico, mas significativo, demarcando enquadramentos e determinações específicas para as práticas discursivas, em suas múltiplas formas de significar.

A maneira como as pessoas se posicionam em uma fila para retirar seu dinheiro no banco ou a maneira como as pessoas se posicionam em uma fila, desde a madrugada, para conseguir uma vaga para seus filhos em uma escola pública, são diferentes porque constituem espaços de significação urbanos diferentes, com diferentes efeitos de sentido. [...] Daí se conclui, portanto que o espaço significa, tem materialidade e não é indiferente em seus distintos modos de significar, de *enquadrar* o acontecimento. (ORLANDI, 2009, p. 16)

Nesse sentido, ao considerar o espaço enquanto condição de produção do discurso (CP), não podemos interpretá-lo como paisagem ou como espaço vazio de influências: o ambiente de produção é, portanto, “afetado pelo simbólico e pelo político dentro da história e da sociedade” (ORLANDI, 2009, p. 19).

Tomando, pois, o espaço como condição de produção do discurso, consideramos o espaço virtual como fator determinante das discursividades que se desdobram nas redes. Há de se considerar, no entanto, que o espaço virtual não se confunde com o espaço empírico,

apresentando funcionamento próprio. Para compreender esse funcionamento, recorreremos à noção de *ciberespaço*, atribuída por Lévy (2010) como “espaço de comunicação aberto” (LÉVY 2010, p. 94), que é independente de um espaço geográfico definido, possibilitando que “comunidades dispersas possam comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória, na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica” (LEVY, 2010 p. 96). Potentes o suficiente para encontrar-se desterritorializadas, como concebe o autor, as práticas discursivas, que se movem nesse ambiente virtual, não possuem um lugar e são capazes “de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estarem presas a um lugar ou tempo em particular.” (LEVY, 2010, p. 49).

Essa desterritorialização do espaço virtual<sup>1</sup> afeta os sujeitos e a produção de sentidos, conforme observam França e Grigolletto (2018), quando afirmam que, na relação imaginária de um espaço desterritorializado, os sujeitos conectados produzem significados condicionados pelo modo como a desterritorialização afeta a imagem de si, do outro e desse ambiente não localizado no tempo e no espaço (como é o caso das redes sociais). Afetado, portanto, pelo efeito de que o espaço virtual não pertence a ninguém, nem se pode encontrar em

---

<sup>1</sup> Tomamos o termo espaço virtual, segundo a perspectiva de Lévy (1996), que concebe o virtual como o que existe em potência, isto é, na potencialidade do que pode vir a ser. “O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual” (LEVY, 1996, p. 5), e é sob essa noção que adotamos o termo espaço virtual e não digital, já que o digital só acontece por meio de “uma série de códigos informáticos” (LEVY, 1996, p. 22) diferente do virtual, que é real por natureza e em sua potencialidade “eclode com a entrada da subjetividade humana” (LEVY, 1996, p. 23).

uma localização específica, o discurso produzido é tomado pela condicionante de um lugar “onde tudo é possível”.

Diante das reflexões postas, depreendemos que o espaço virtual atua como condição de produção dos discursos ali produzidos, determinando/enquadrando os modos de significar. Corroborando com esse raciocínio, Matta (*apud* NETO, 2008, p. 91) afirma que o virtual não atua “em seu caráter de transportador de algum sentido [...] ou como espaço de interação entre produtores e receptores, mas como [...] racionalidade produtora e organizadora de sentido.” Transpondo essa discussão para termos discursivos, entendemos que essa racionalidade produtora e organizadora de sentido constitui, na realidade, a instância das condições de produção, que não atuam como se fossem uma entidade dotada de intencionalidades, mas como o horizonte de possibilidades do dizer, determinado pela própria ideologia. Dessa forma, o espaço virtual como condicionante das práticas discursivas, produz sentidos e significados próprios, movendo o sujeito a produzir discursos, conforme as determinações e tensões do virtual.

## O DISCURSO RELIGIOSO E AS REDES SOCIAIS

Ao pensar o espaço virtual ou *ciberespaço*, como atribuído por Lévy (2010), como o lugar onde “tudo é possível”, somos levados a refletir sobre o modo de acesso a esse mundo das infinitas e livres possibilidades. Para nos levar a esse caminho de breve reflexão, embasamo-nos na noção de conectividade, construída por Dias (2016), definida como “um fator estratégico para o desenvolvimento das nações

e para o desenvolvimento humano”, transformando-se em condição de vida material (DIAS, 2016, p. 299). Assim, nesse mundo de livre possibilidades, a conectividade norteia a interatividade humana e a construção de suas relações, mas não somente norteia, como determina, agora, uma nova condição de vida, significando dizer que a falta dessa conectividade traz consigo uma associação à noção de isolamento. É nessa perspectiva que a autora defende a ideia de que “estar desconectado é estar isolado espacialmente” (DIAS, 2016, p. 308), ou seja, o espaço virtual invadiu a vida humana e as relações, ao ponto que a conectividade não é somente uma alternativa, mas sobretudo uma “condição de vida”, que tomou e condicionou os sujeitos, como quase que único modo de interação da humanidade.

Construída essa breve noção de conectividade, que aponta para uma sociedade que “depende” dela e conseqüentemente do espaço virtual como “condição de vida”, seguiremos refletindo sobre o modo como uma cultura tradicional, ligada ao religioso, rendeu-se a esse novo modo de vida e encontrou nele “um poderoso aliado de evangelização”, como elucida Miklos (2012, p. 10), reconfigurando seu discurso, movido pelas tensões que esse novo espaço de produção condiciona. Tomaremos, portanto, o conceito de ciber-religião, que o autor desenvolve, para apontar para esse movimento de migração que a religião trilhou ao sair estritamente dos templos, propagando, agora, uma mensagem em paredes de *pixels* e *gigabytes*.

A experiência religiosa no cyberspace implica um metabolismo. Da passagem da comunicação gestual, corpórea, para a imagem plana e bidimensional. Na ciber-religião, o corpo é sacrificado, abolido

da experiência religiosa. Esse fenômeno reflete “o espírito do nosso tempo”, pois nossa sociedade despreza cada vez mais os sentidos de proximidade, substituindo-os pelas tecnologias virtuais aplicadas à comunicação. (MIKLOS, 2012, p. 11)

Sbardelotto (2012) contribui com essa concepção do movimento que a religião produz, especialmente na defesa de que o protestantismo, ao deslocar-se do templo religioso – condicionado por suas regras e liturgias –, caminha rumo às regras e condições que o espaço virtual dispõe. Nessa perspectiva, o autor afirma:

Em síntese: a grandeza, a magnitude, a vastidão de Deus, do sagrado, do transcendente se ‘encolhem’, se compactam, se codificam em bits – decodificadas, relidas, ressignificadas, reapropriadas pelo usuário – voltam a se ‘expandir’ e a gerar sentido na vida e nas ações do fiel, por meio de complexas estratégias comunicacionais mediadas pelas tecnologias digitais. (SBARDELOTTO, 2012, p. 30)

Nesse contexto, o espaço virtual é o mediador da produção de sentidos no discurso religioso. Esse novo lugar de produção condiciona um novo modo de discurso, ainda que sem abolir a mensagem tradicional, se reconfigura para atender às exigências que o ambiente virtual impõe, funcionando em um ambiente agora não mais físico, mas como já dito, *desterritorializado*, o qual recebe fiéis ou até não-fiéis, todos conectados, condicionando a produção do discurso religioso – para e sob – um novo lugar e um novo tipo de fiel.

---

<sup>2</sup> Para Levy (1996) a *desterritorialização* se constitui sob a noção de que os movimentos e acontecimentos no espaço virtual não estão precisamente localizados, o autor afirma que “a empresa virtual não pode ser mais situada precisamente. Seus elementos são nômades, dispersos, e a pertinência de sua posição geográfica decresceu muito” (LEVY, 1996, p. 9) isto significa dizer que as práticas virtuais acontecem para além da temporalidade, “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam.” (LEVY, 1996, p. 10)

Nesse sentido, Borelli (*apud* SILVA e NALINI, 2015, p. 70) acentua que “o discurso religioso é adaptado para um discurso mais midiático, com mais visualidade, mais coloquialidade e menos aprofundamento”. Reconfigura-se portanto, em um discurso religioso-midiático, tomado pelos temas e linguagens que predominam no espaço virtual, condicionado a produzir pelo *outro* que acessa e acessará esse discurso, um *outro* não mais desconectado, isto é “o discurso do sistema se dirige e se refere a um determinado fiel: e assim constrói e atualiza um determinado tipo de fiel”, (SBARDELOTTO, 2012, p. 125) e “que muitas vezes assume a linguagem do espetáculo, para fazer aparecer o aspecto fantástico e capturar atenção” (MIKLOS, 2012, p. 40).

É necessário, portanto, deslocar a perspectiva para esse novo âmbito de conceber o discurso religioso, tomado pelo espaço virtual, e que inevitavelmente também condicionou os discursos produzidos nos templos de pedra e nos púlpitos de madeira, isto porque a potencialidade do *on-line* invadiu as práticas do “*off-line*”. Sobretudo, vale destacar que o espaço *on-line* não está desarticulado do espaço empírico, mas funciona refletindo mutuamente suas determinações, isso significar dizer que, se o *on-line* invadiu as práticas do “*off-line*”, as determinações do espaço empírico (*off-line*) acessou o espaço digital, recebendo suas influências, mas também, trazendo consigo suas próprias determinações. Miklos (2012) atribui a essa relação, *on-line* e *off-line*, uma relação de “interdependência”, afirmando que “meios de comunicação eletrônicos e religião passam a formar um conglomerado

complexo – uno e diverso – em uma relação de interdependência.” (MIKLOS, 2012, p. 10).

Agora, não somente tomada pelas delimitações do espaço empírico, a igreja/a religião, no comprometimento com o *Ide* da convocação cristã proposta na passagem bíblica de Marcos 12:15 – “Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” – “tiveram de se render à evolução dos meios de comunicação, buscando novas formas de se aproximar dos fiéis para difundir o discurso religioso” (SILVA e NALIDI, 2015, p. 66). Surge assim, um novo modo de produzir sentidos no campo ideológico-religioso, movido por uma nova “condição de vida” que une fé e *bits* por meio das Redes Sociais.

Segundo Recuero (2009, p. 24) a noção de rede social se constitui na metáfora que o próprio nome carrega, isto é, “[...]a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet [...]”. Se pensarmos dessa forma, pensaremos então na rede social como um emaranhado de grupos e/ou conexões que se originam por meio e a partir dela. Em Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999 *apud* RECUERO, 2009, p. 24) contribui-se com a noção de que a rede social é composta por dois elementos: “atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, e é nessa relação entre atores e conexões que se constituem e se movimentam as redes sociais.

De modo a pensar na constituição das redes sociais tomada pela relação atores e conexões, traremos a noção de interação, que Recuero (2009, p. 34) estabelece ao dizer que esta “pode ser compreendida como

uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem”. Dessa forma, o processo interativo que surge entre os grupos, pessoas e instituições se fundamenta por meio de interações que os conectam, mas não somente conecta como aponta para o tipo de relação específica que os unem. Nesse sentido, a autora afirma que “a interação ideal, implicaria sempre uma reciprocidade de satisfação entre os envolvidos e compreende também as intenções e atuações de cada um.” (RECUERO, 2009, p. 31). Se essa interação envolve satisfação entre os atores, diremos que na mais mínima realidade na qual se movimentam as redes sociais, o fator identificação é o ponto e a potencialidade que conecta os atores, isto significa dizer que “quanto mais parecidos e mais interesses em comum tiverem os atores sociais, maior a possibilidade de formar grupos coesos e com característica de comunidades.” (RECUERO, 2009, p. 138).

É nessa interação identitária entre os atores que se oriunda as possíveis comunidades virtuais, e a partir delas pode surgir “a base para formação de comunidades de interesses reais e duradouros” (RECUERO, 2009, p. 139) e assim, o que seria outrora uma resposta, um comentário, um *click*, um *like* ou um *follow*, pode tornar-se rapidamente uma comunidade consistente, que não se deterá estritamente ao ambiente virtual, mas “uma possível rede social que exista na vida concreta de um indivíduo” e “isso equivaleria dizer que a estrutura de comunidade tende a formar-se juntando nós cada vez mais próximos e tende a ficar cada vez mais densa” (RECUERO, 2009, p. 148). É assim então, que o *on-line* invade o *off-line*, os atores se

conectam no *on-line*, lá interagem, identificam-se, movimentam-se nas redes, congregam-se em comunidades e, finalmente, realizam-se no espaço empírico (*off-line*), gerando o que Recuero (2009, p. 136) denomina de laços sociais.

É, portanto, sob essa esteira da interação, que se produz e se compartilha o discurso religioso nas redes sociais, na finalidade de tornar o usuário identificado com a produção de sentidos que o discurso religioso produz no ambiente virtual. Para Sbardelotto (2012, p. 15), “a internet é um lugar de experiência”, e é nesse lugar de experiência que se acredita que o seguidor-fiel e o não-fiel encontrem identificação para além do que se sabe ou do que já ouviu sobre o discurso religioso produzido nos templos/espço empírico.

Miklos (2012, p. 47) afirma que a igreja, condicionada pela fusão mídia e religião, “[...] combina em um estilo inédito o sagrado com os elementos da indústria de entretenimento da comunicação de massa [...]”. Esse fator nos leva a inferir que a Igreja, em sua responsabilidade em propagar uma mensagem e diante de uma nova “condição de vida”, configura o discurso religioso, combinando fé e entretenimento, na busca pela interação, pela identificação em massa e pelo engajamento nas redes sociais. É justamente esse o ponto de articulação entre a religião e a cultura pop, uma vez que, ao se submeter ao virtual, o discurso religioso se abre às suas determinantes atravessadas pela cultura de massa, possibilitando assim, uma conexão entre o sagrado e o profano.

## A CULTURA POP ADENTRA O DISCURSO RELIGIOSO

Partindo do que Soares (2015) denomina de “cultura massiva”, deslocaremos essa noção para atribuir à cultura pop a ideia de um fenômeno que gera alcance em “massa”. Como um fenômeno, em sentido literal, pensar em cultura pop é pensar no alcance que o fenômeno abarca ao atingir toda uma dada conjuntura social, o que Becko e Amaral (2020, p. 3) consolidam, afirmando que “os elementos ‘pop’ só podem ser assim considerados em função de uma existência de um consumo expressivo a ponto que os tornem populares”.

Definir o que seriam elementos “pop”, é, antes de tudo, relacionar as escolhas de consumo que os indivíduos enquanto sujeitos sociais realizam. Becko e Amaral (2020, p. 3), afirmam que “as escolhas de consumo carregam significados sociais”, os elementos do “pop” são heterogêneos e diversos, variando desde os elementos midiáticos até literatura, esporte, jogos e games, significando dizer que na cultura pop “seus objetos mudam, seus públicos mudam, suas produções formas de propagações mudam” (BECKO e AMARAL, 2020 p. 15).

Vale refletir que, se a cultura pop é o fenômeno que se manifesta a partir de um alcance massivo dos consumos sociais que significam, essa cultura é então, retrato da sociedade e, ante esse fator, é válido elucidar que “a cultura pop é, sobretudo, cultura. E, assim sendo, é preciso enxergá-la como algo não consolidado, mas como um fenômeno que se altera com o passar das décadas” (BECKO e AMARAL, 2020, p. 17).

É possível perceber que, em primeira instância, o que se atribui sobre cultura pop é delimitado à noção de música pop, cinema e tudo o que envolve produção artística, mas como já dito, o consumo cultural mediatizado é que delinea os elementos da cultura pop, ideia defendida por Soares (2015) ao dizer que:

Como abreviação de “popular” (“pop”), a palavra circunscreve de maneira um tanto quanto clara, as expressões aos quais, de alguma forma, nomeia: são produtos populares, no sentido de serem orientados para o que podemos chamar vagamente de massa, “grande público”, e que são produzidos dentro de premissas das indústrias da cultura (televisão, cinema, música, etc.). (SOARES, 2015, p. 19)

Produzida pela mídia, “a cultura pop é a cultura do consumo midiático *per se*” (BECKO e AMARAL, 2020, p. 3). Podemos, então, dizer que a cultura pop abrange o alcance em massa que se produz nas mídias, mas vale destacar que o fenômeno “pop” eclode para além do fator de sua origem midiática, surgindo, sobretudo, a partir do consumo em massa dessas produções/criações no ambiente midiático. Nessa relação de produção e consumo, o sujeito social é parte constituinte no processo de considerar o que é elemento pop. Assim, Becko e Amaral (2020, p. 15) tensionam essa perspectiva ao dizer que “há casos de produtos que são criados dentro dessa lógica, mas que não fazem sucesso, não ganham o público, ou seja, não passam a compor a cultura pop em função da não aderência popular”.

Correm sob os trilhos da mídia a cultura pop e os seus elementos, de modo que ao pensar no alcance massivo que ela abarca, apreende-se que esse alcance condiciona as práticas sociais. Deslocando, portanto, o

nosso olhar para o objeto de pesquisa desse estudo, isto é, o discurso religioso, Martino (2015, p. 60) afirma que “as narrativas e atividades religiosas não parecem escapar [...] à presença constante da cultura pop em uma sociedade permeada pela cultura pop, pelo entretenimento e pelas mídias digitais.”. O autor considera que o uso dos meios condiciona o estilo, significando dizer que, quando a religião/a igreja faz uso dos meios comunicacionais, da mídia e de seus elementos, adere, assim, ao estilo que oriunda dos meios. Dessa forma, a cultura pop, enquanto elemento entremeado às redes, permeia o discurso religioso produzido no virtual a partir daquilo que Martino (2015) denomina de “negociação de sentidos” (MARTINO, 2015, p. 60). Segundo o autor, nessa negociação de sentidos, perante as particularidades da mensagem religiosa, é preciso existir limites nessa apropriação de sentido, indicando-nos que, no acesso aos meios midiáticos e conseqüentemente no uso dos elementos da cultura pop, o discurso religioso seleciona os aspectos que concordem com os pilares éticos-morais da religião. Exemplificando esse raciocínio, Martino (2015, p. 61) afirma que “as marcas e convocações do erotismo e da violência, por exemplo, uma das qualidades da cultura pop, parece ser sistematicamente excluída, enquanto modelo, da cultura pop religiosa”. Essa constatação, porém, pode ser tensionada, quando lançamos um olhar analítico-discursivo em certas materialidades do discurso religioso, as quais se apropriam da violência simbolizada em jogos de videogame, como veremos nas análises à frente.

Tais articulações entre elementos da fé cristã e elementos de múltiplas culturas se justificam pela busca secular de propagação dos preceitos religiosos. Assim, a Igreja, seus líderes e fiéis, ao longo da história, procuram relacionar as práticas religiosas às demais práticas e culturas da sociedade. Nas palavras de Martino (2015):

Os pregadores e missionários responsáveis pela cristianização da Europa a partir do século III eram largamente incentivados a promover uma ampla apropriação simbólica das práticas culturais e religiosas dos povos aos quais eram enviados. O sentido, mais do que estabelecimento de um sincretismo, era facilitar a identificação a partir da utilização ostensiva de símbolos – uma linguagem, portanto – já conhecidos dos potenciais convertidos. Desse modo, se por um lado a ortodoxia doutrinária era um ponto fora de questionamento, por outro, procurava-se uma adaptação constante dessa mensagem doutrinária aos meios disponíveis no momento. (MARTINO, 2015, p. 63)

Nesse sentido, se a cultura pop se origina nos trilhos da mídia, gerando alcance em massa e, tornando-se, portanto, popular/cultura massiva, o discurso religioso encontra nesse fenômeno “uma vitrine particularmente eficaz” (MARTINO, 2015, p. 64), e mesmo perante negociações de sentido, tensões e pontos divergentes, relaciona-se com ele, superando as incompatibilidades. Se em outros tempos, o discurso religioso comunicava-se em um estilo por vezes estanque, agora, comunica com representações significativas e atuais, sob as tendências da cultura pop, que atingem o alcance em massa, de modo que nos dias de hoje a fé também é pop.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DISCURSIVAS

No campo da Análise do Discurso, o analista não dispõe de um aparato metodológico dado, uma vez que todo objeto discursivo demanda especificidades próprias de seu funcionamento. Para proceder às análises, portanto, é necessário construir uma metodologia própria, considerando princípios teóricos e procedimentos analíticos (ORLANDI, 2020). Desse modo, os procedimentos analíticos desse trabalho obedecerão a um primeiro tratamento metodológico, que se refere à construção de um arquivo, que, conforme Pêcheux (2014), consiste em um conjunto de documentos que reúne materialidades a respeito de uma dada questão. O analista, portanto, deve construir o arquivo de modo a reunir materialidades significantes que contribuam para os gestos de leitura que ele faz do seu objeto de análise e, a partir dele, começa a observar as regularidades desse objeto.

Nessa perspectiva, a composição do arquivo não é neutra, uma vez que, já nessa fase do percurso metodológico, o analista imprime inevitavelmente suas primeiras leituras e interpretações. De modo a compor o arquivo dessa pesquisa, dedicamo-nos a reunir materialidades significantes do discurso religioso no espaço virtual em vídeos, especificamente no Instagram. Para proceder à análise, selecionamos vídeos publicados no perfil do Instagram de líderes/pastores. O primeiro vídeo, publicado pelo Pastor Cláudio Duarte, tem como título “Acredite no leão que tem dentro de você”, em que é possível observar referências ao clássico filme/animação infantil “Rei Leão” para

construção do sermão. O segundo vídeo, que tem como título “Oração é igual a teia do homem aranha”, publicado pelo Pastor Lucinho no Instagram, faz referência ao filme norte-americano Homem-Aranha; nele, o pastor relaciona a oração à teia do herói na finalidade de construir sentido para a mensagem emitida. Por fim, no terceiro vídeo, também publicado pelo Pr. Lucinho, com o título “Passando de fases”, há uma menção ao mundo dos *games* e dos jogos para referenciar as fases da vida.

Após a seleção dos vídeos, recortamos sequências discursivas (SD) dessas materialidades, tomando-as como porções indissociáveis do processo discursivo em análise. As SD serão, portanto, observatório do funcionamento do discurso religioso no espaço virtual, o que nos permitirá compreender o processo de construção dos efeitos de atualidade e de identificação pelo viés da cultura pop.

#### ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NO ESPAÇO VIRTUAL: PRODUÇÃO DE EFEITOS DE ATUALIDADE E DE IDENTIFICAÇÃO PELO VIÉS DA CULTURA POP

Partindo do princípio de que o espaço condiciona as práticas e é parte do acontecimento discursivo (ORLANDI, 2009), compreendemos o espaço virtual como o ambiente pelo qual movimentam-se alguns discursos contemporâneos, favorecendo a constituição de sentidos, bem como de a constituição de sujeitos identificados/desidentificados/contraidentificados com determinadas formações discursivas, haja vista que são nessas constituições em que sujeito, por meio das evidências de sentido fornecidas, encontra

identificação que lhe uma a uma dada formação discursiva ou uma desidentificação que lhe afaste dela. São, pelos recursos da cultura pop, entendidos aqui como parte das condicionantes discursivas no espaço virtual, que o efeito de atualidade é ativado no interior das formações discursivas, produzindo ampla possibilidade de identificação dos sujeitos com o discurso religioso ante suas manifestações no virtual, bem como tomando em consideração que a cultura pop é, por excelência, cultura massiva (SOARES, 2015) que atinge um todo.

É com essa ótica que percorremos o trajeto analítico a seguir, buscando observar os efeitos da atualidade, por meio dos elementos da cultura pop no discurso religioso, bem como compreender a produção de sentidos nesse novo modo de produzir esse tipo de discurso.

Pensaremos nesses efeitos da atualidade, tendo em vista que a cultura pop permeia esse âmbito atual de produção massiva, que acompanha o tempo presente. Por vezes, percebemos que o discurso religioso posto em lugar de antiguidade, tem feito uso das produções atuais (populares/pop) para se aproximar com esse novo modo de experiência por meio dos espaços virtuais, com um público – em grande parte – jovem e, que consome, significativamente, os elementos da cultura pop.

Reativando a noção de cultura pop compreendemos tal noção como “cultura massiva” (SOARES, 2015), que se manifesta a partir dos consumos expressivos numa dada conjuntura social, a qual perpassa, desde elementos midiáticos até a literatura, as produções cinematográficas, a arte, a música, os *games*, jogos e entre outros.

Ressaltamos que são considerados elementos da cultura pop, produções que se originam na mídia, mas que, para além de sua origem, ganham expressividade nos consumos. Retomada essa noção, partiremos para a primeira sequência discursiva (SD1) a ser analisada. Vejamos:

**SD1:** Quem assistiu o Rei leão? Lembra dele? Lembra quando Simba vê Mufasa, seu pai, morrer numa estourada de gnu? Ele é o herdeiro do trono e seu tio, Scar, diz a Simba que a culpa é dele e Simba foge. Na fuga de Simba, ele encontra um porco e um suricato, Timão e Pumba, que quando vê o leão, diz: Esse cara vai nos comer, então vamos convencê-lo de que ele não é leão. Hakuna Matata! Vamos viver de qualquer maneira. E o leão começa a comer larva, lembra disso? O tempo passou e um macaquinho com um cajado, que devia ser pastor, chega no ambiente e diz a Simba, que agora já é um leão mas que vive de maneira soluta, e diz pra Simba: Eu conheço você, você é Simba filho de Mufasa. Tem um reino te esperando. E ele diz: Não, isso é passado. E o macaquinho pega o cajado e dá uma pancada na cabeça e aí o leão rugiu. Porque por mais que tentem convencer você de que você não é quem Deus disse que você é, tem um leão aí dentro de você rugindo. Você é alguém que foi chamado para vencer. Desperta! E quando Simba vai beber água no riacho e ele olha pra o riacho, ele vê a imagem de quem? Do pai. Porque é a imagem do pai que nós devemos refletir.

A SD1 é um recorte de um sermão do Pr. Cláudio Duarte, sob o qual ele publica em seu perfil do *Instagram* especificamente esse trecho, alvo de nossa análise. O vídeo é intitulado: “Acredite no leão que tem dentro de você”, e essa é a mensagem sob a qual o uso dos elementos da cultura pop servirão de base para a produção de sentidos. A animação cinematográfica clássica da Disney, *O Rei leão*, é um forte elemento da cultura pop, que perpassa gerações e tem um alcance expressivo em massa.

No primeiro instante, produz-se uma ativação da memória do público concernente ao filme: “Quem assistiu o Rei leão? Lembra dele?”. É muito provável que grande parte dos espectadores, em algum momento da vida, tenha consumido essa animação, e, de modo unânime, os sentidos são ativados para todos os que ouvem o sermão: o drama da história dos personagens que envolvem a trama, significa no imaginário do outro e nas produções de sentido. É a partir desse ponto que podemos afirmar que um sujeito religioso ou não, alguém que consome o conteúdo cristão ou não, se identificará, quase que em primeira instância, com a esteira pela qual correrá a mensagem compartilhada, isto porque a cultura pop atinge em massa, todos públicos.

Na sequência, o pastor reconta o drama que envolve o filme, trazendo a memória do seu seguidor a narrativa em questão, ele reconta estrategicamente retomando os eventos da animação que contribuirá para a produção de sentido. Como em uma escala de altos e baixos, ele reconta apontando para a trajetória que o personagem principal vivencia, isto é, desde a sua jornada como filhote de rei leão, as fases enquanto um filhote “órfão” em uma vida aquém da sua identidade, até ao ponto alto da sua retomada de consciência de quem é. Esse passeio pela jornada de Simba serve como elemento figurativo pelo qual, mais a frente, aparecerá como objeto de comparação.

Na continuidade, produz-se um gesto de interpretação inesperado pelo público, ao dizer: “Porque por mais que tentem convencer você de que você não é quem Deus disse que você é, tem um

leão aí dentro de você rugindo”. O seguidor que ouve essa mensagem nesse ponto do discurso, se enxerga em Simba e em sua jornada.

Estrategicamente, o dizer em destaque produz o efeito de identificação por meio da comparação, e é somente pelas condicionantes do espaço virtual que se torna possível encontrar novas maneiras de se identificar e produzir sentidos, sentidos que, segundo o nosso objeto de análise, nascem sob um novo deslocamento que determina os acontecimentos discursivos, construídos a partir de condições de produção específicas e “é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas maneiras e variadas maneiras.” (ORLANDI, 2020, p. 34).

Figura 1: Elementos de “O Rei leão” no discurso do Pr. Cláudio Duarte.



Fonte: Página do *Instagram* do Pr. Cláudio Duarte, 2019<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/B0g6S09g3Bk/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/B0g6S09g3Bk/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 14 set. 2021.

A figura divina de Deus é associada no discurso à imagem de Mufasa, pai de Simba, que por partes da vida se esqueceu ou quis esquecer que era o herdeiro do reino. A relação de Deus pai com o homem, na imagem de Mufasa e Simba, acontece por meio da “negociação de sentidos” (MARTINO, 2015, p. 60), que o discurso religioso produz a partir do uso de elementos da cultura pop, valendo-se de empréstimos para produzir novos sentidos: “E quando Simba vai beber água no riacho e ele olha pra o riacho, ele vê a imagem de quem? Do pai”.

A negociação de sentido possibilita um estreitamento nas relações de identificação do sujeito face ao discurso religioso; os efeitos de atualidade que a cultura pop fornece na construção de sentido no discurso religioso, permitem que a identificação supere os pontos de contraidentificação, os quais Pêcheux (2014) assegura que são nesses pontos que os sujeitos se encontram ligados ou não a uma dada formação discursiva.

Ao dizer: “Porque é a imagem do pai que nós devemos refletir.”, o discurso recebe por meio da construção de sentidos uma carga significativa que aponta para os sentidos de filiação e paternidade na relação divina de Deus com o homem, que corre sob a esteira da figura dos personagens da animação. O seguidor perante os sentidos que recebe ao ouvir o discurso, insere-se inevitavelmente na história do clássico, colhendo dela os novos sentidos que contribuirão para o seu conceito de fé e divindade.

Compreendemos, portanto, que no interior das formações discursivas, os sentidos significam conforme um imaginário pré-existentes. Na sequência discursiva analisada, os recursos da cultura pop, no caso, a produção cinematográfica de “O Rei leão”, ativa memórias que retomam sentidos, e as condições de produção que articulam o discurso religioso no espaço virtual, produzindo novas maneiras de significar, à medida que, na SD4, se constrói a relação imagética do divino em relação aos personagens da animação.

Como pudemos perceber, ante a era virtual, o discurso religioso não ficou imune às determinações das práticas e consumos da contemporaneidade e rendeu-se aos elementos da cultura pop/cultura massiva, apropriando-se desses recursos para produzir sentidos. Trazemos à memória, as vezes em que as produções cinematográficas da Disney eram consideradas profanas pela religião e, nos estendemos a dizer, que eram até tidas como diabólicas. Em especial, essa produção infantil, que se encontra na SD1, foi alvo de críticas por diversos líderes religiosos nos tempos em que animação foi lançada (1995), por conter supostas cenas indevidas e mensagens subliminares que se opõem à mensagem cristã.

Anos depois, o recorte no sermão publicado pelo Pr. Cláudio Duarte, trazendo como referência o filme da Disney, ganhou expressivo espaço nas redes sociais, ressignificando os sentidos para o público religioso. E é sob essa análise que consideramos o espaço virtual como o espaço que reconfigura os discursos e as práticas, de modo que o discurso religioso tomou nova forma a partir das determinantes e

enquadres do espaço virtual. Não se opondo ao secular, o discurso religioso, agora, o abraça para que, com ele, seja possível produzir essa aproximação entre religião e público. Sigamos para a próxima análise:

**SD2:** A oração, gente, é como a teia do Homem Aranha. Quem já viu o filme do Homem-Aranha? Também quem não viu Homem-Aranha, não dá pra assistir pregação não. O Homem-Aranha ele joga uma teia, que ele puxa as coisa pra perto dele. Quando você ora, você vai lá na pessoa assim, busca ela e traz ela pra cá. Nossos parentes podem resistir aos nossos argumentos, mas eles não têm defesa nenhuma contra as nossas orações.

Na sequência discursiva (SD2), o pastor Lucinho publica em sua rede social um recorte de seu sermão que recebe o título de “Oração é igual a teia do Homem-Aranha”, um filme clássico da Marvel, que serve como elemento da cultura pop para a construção de sentidos no discurso em destaque. Já nas primeiras palavras, articula-se diretamente o hábito religioso da oração com o poder de um super-herói (Homem-Aranha), no dizer: “A oração, gente, é como a teia do Homem Aranha.”, trecho que buscaremos apreender os sentidos mais à frente; mas antes, analisaremos o seguinte recorte dessa sequência: “Quem já viu o filme do Homem-Aranha? Também quem não viu Homem-Aranha, não dá pra assistir pregação não”.

Nesse processo de reflexão que estamos construindo, encontramos um novo modo de produzir o discurso religioso. Evidencia-se aqui o grau de atravessamento da cultura secular/cultura pop na (re)configuração do discurso religioso, de modo que se condiciona a compreensão do sermão às referências de um filme popular. No dizer em destaque, são exigidos do fiel conhecimentos do

mundo pop, demonstrando, assim, o reconhecimento de que junto à reconfiguração desse discurso está também a reconfiguração do fiel, o qual consome conteúdos pop e interage nas redes para além dos enquadres formais da religião.

Nas palavras de Sbardelotto (2012, p. 25), esse novo fiel é um “fiel-internauta”, que compartilha e acessa diversas referências midiáticas para produzir sentidos nos discursos que consome nos espaços virtuais. É em função desse novo tipo de fiel, que as mensagens religiosas são recortadas e publicadas nas redes sociais dos líderes religiosos, na busca de fisgar a atenção e produzir sentidos que acessem as referências midiáticas dos fiéis-internautas.

Retomando o trecho em que o pastor faz uso da comparação para relacionar a oração ao superpoder do Homem-Aranha, percebemos na comparação com o elemento da cultura pop a “isca” para produzir o efeito de atualidade e consequente identificação do público jovem, (re)significando as temáticas religiosas para um novo público, que como já mencionamos, é um público cujas fontes e referências são midiáticas. Por isso, “a religião é sempre sentida e praticada em um contexto cultural específico, [mas hoje] articula-se com o ambiente contemporâneo saturado pela cultura pop” (MARTINO, 2015, p. 59).

Os sentidos de superpoderes e heroísmo são ativados quando a oração é comparada ao clássico do mundo *geek*. Pensar oração agora é pensar em superpoder; as condicionantes do espaço virtual permitem e predispõem noções e sentidos como esses, que são originados a partir dos elementos pop. O fiel-internauta é aquele que transita entre as

fronteiras dos dois mundos (religião e pop), que se conectam e fornecem sentidos que interagem com a atualidade, possibilitando um novo modo de conceber os pilares da doutrina religiosa para além das paredes tradicionais da religião. Diante dessas fronteiras que se conectam, Martino (2015) contribui afirmando que há um senso comum que aponta para a relação entre religião e cultura pop, como distintas e separadas, mas, se observado essas práticas que configuram um novo discurso religioso, é possível perceber que há, muito mais um entrelaçamento que se constitui de tensões e articulações, do que uma divisão intransigente entre religião e pop.

Com a figura do Homem-Aranha posta como aquele que detém o poder, ao dizer: “O Homem-Aranha ele joga uma teia, que ele puxa as coisa pra perto dele. Quando você ora, você vai lá na pessoa assim, busca ela e traz ela pra cá.”, o discurso tensiona os sentidos para o seguidor, de modo que ele produza uma relação de autoimagem em relação à figura heroica, possibilitando que os sentidos que os ouvintes já têm construído por meio do que conhecem da produção cinematográfica, sejam agora ativados no campo do real e do possível.

Esse fator é a grande potencialidade que os artifícios das condicionantes do espaço virtual fornecem à religião e conseqüentemente, ao discurso religioso. O que outrora era afastado desse espaço e se movia em uma atmosfera espiritual e religiosa, com referências distantes do secular, do atual, agora é atravessado por esses elementos que fisgam os sujeitos a uma experiência que continua religiosa e espiritual, mas que na produção de novos sentidos, torna-se

para os fiéis-internautas, uma experiência mais próxima da possibilidade, à medida que transitam pela religião e o mundo pop (midiático). A religião é, portanto, metamorfoseada pela cultura pop, tornando possível a aproximação entre o sagrado e o profano.

Observamos na SD2 uma saturação de sentidos em torno do superpoder e do heroísmo: “Nossos parentes podem resistir aos nossos argumentos, mas eles não têm defesa nenhuma contra as nossas orações”. O uso de termos como “resistir” e “defesa” contribuem para a construção de sentido desenvolvida ao longo do discurso, tendo em vista que termos como esses, nos últimos anos, receberam sentidos na esfera política, que ativam na memória discursiva noções que remetem à oposição e resistência. Portanto, a oração como a teia do Homem-Aranha é, segundo a noção elaborada, irresistível e não há quem possa se opor.

Consideramos, portanto, que os recursos da cultura pop reconfiguram o discurso religioso de modo a produzir um efeito de atualidade e de proximidade com a realidade dos seguidores, estreitando as relações de sentido que os seguidores possuem, previamente, com os elementos do pop e com a noção religiosa. Prossigamos para a última análise da sequência discursiva (SD3):

**SD3:** Nós temos que aprender a andar na vida sem surtar. É engraçado que a gente vê as coisas acontecendo na vida do outro, a gente fala assim: É normal, “tá” colhendo as coisas que fez. Mas quando acontece com a gente, dá pulo dessa altura e fala assim: Oh, como que o Senhor deixou?. Ué, eu deixei porque você “tá” vivo e quem “tá” vivo tem que passar por... Não, eu quero jogar o primeiro vídeo game do mundo sem fase. Irmão, eu jogo vídeo game com o Davi. Vídeo game é a cultura mais inútil do mundo é

vídeo game. Você nunca viu uma pessoa jogar vídeo game e falar assim: Nossa, eu “tô” saindo daqui uma pessoa bem melhor nesse jogo, matei muitos aqui no Call of Duty, mas minha alma engrandece ao Senhor, meu espírito se alegra em Deus meu salvador. Mas tem uma coisa que o vídeo game te ensina: passar de fase. Até que chegue uma fase lá na frente onde você foi pegando tantas manhas ao longo do jogo que você pode encarar o chefão. Não queira encarar o chefão sem ter passado pelas fases, porque você não vai aguentar. A vida vai te treinando para desafios cada vez maiores. Quem quer grandes vitórias? Sabe de onde vem grandes vitórias? De grandes problemas.

Pensar nos recursos que a cultura pop dispõe é pensar em um campo que é bem mais abrangente do que se convencionou. Como já supracitado, no início dessa análise, os elementos da cultura pop são elementos que se originam nas mídias, mas que, para além da sua origem, consolidam-se como elemento pop a partir dos consumos expressivos sociais. Isso significa dizer que os *games* são, em grande escala, potentes recursos da cultura pop, de modo que Beck e Amaral (2020), em uma pesquisa que reflete o fenômeno midiático da cultura pop, identificam o mundo dos *games* como a terceira categoria mais influente nas produções e consumos da cultura pop, ficando atrás somente do cinema e televisão.

Entendido que há nos *games* uma influência significativa no pop, prossigamos para compreender em que medida o dizer construído na SD3 significa para um público que é tomado por elementos do pop. No dizer: “Não, eu quero jogar o primeiro vídeo game do mundo sem fase. Irmão, eu jogo vídeo game com o Davi. Vídeo game é a cultura mais inútil do mundo é vídeo game”, abrem-se possibilidades de interação e produção de sentidos com um outro universo que não é

propriamente o universo religioso, mas que assim o faz, na expectativa de integrar mundos que, unidos, produzirão significados que aproximam um público de perfil atual, contemporâneo, secular, mas que, perante o discurso religioso, que é por excelência, antigo e, por vezes, considerado ultrapassado, encontra meios de identificação.

Algo mais potente acontece quando um líder religioso, na figura de um pastor, como no caso da sequência discursiva em questão, se vale de referências de atualidade pelo viés da cultura pop para produzir um sermão. Orlandi (2020), ao delimitar as noções de “relações de força”, segundo as perspectivas dos estudos em análise de discurso, afirma que se o sujeito fala de um dado lugar, as palavras significam diferente do que se falasse de um outro dado lugar, como por exemplo, “o padre fala de um lugar em que suas palavras têm autoridade determinada junto aos fiéis etc.” (ORLANDI, 2020, p. 37), ou seja, nessa perspectiva das relações de força, os lugares valem na comunicação.

Essas relações de força entre a posição do pastor e a posição dos seguidores condicionam o modo como os sentidos serão produzidos. Quando, em um discurso, constrói-se uma posição de pastor que traz sua realidade cotidiana pessoal para os púlpitos e menciona que faz uso de vídeo game em sua rotina, tem-se como efeito não somente a aproximação à cultura pop, mas também produz-se uma carga significativa concernente à atualidade, à secularização. Ainda que, no dizer em destaque, sejam feitas menções que apontem para uma inutilidade dos *games*, o uso dessas referências dos elementos pop

contribui significativamente para a influência final que o sermão produzirá.

No dizer: “Vídeo game é a cultura mais inútil do mundo é vídeo game.”, surge um jogo contraditório em que o objeto da cultura pop é, ao mesmo tempo, “inútil”, mas tomado como referência para o sermão. Esse jogo aponta para os aspectos sobre os quais estamos refletindo, ao longo da análise, aspectos que nos fazem pensar sobre a relação constitutiva entre o discurso religioso, por natureza, tradicional, e um discurso tomado pelas condicionantes secularizadas do espaço virtual. No ambiente tradicional e eclesiástico, ainda há resistência a práticas excessivas que tensionam vícios, como práticas de jogos e games. Esse é o cerne da contradição que configura o discurso religioso, atravessado pela cultura pop. Nesse recorte da SD3, a inutilidade/perniciosidade dos games *versus* a utilidade que se sugere que haja ao fazer uso de vídeo game se confrontam, fazendo surgir os embates do discurso religioso no espaço virtual. Essa posição, no entanto, não anula as condicionantes que determinam as produções no virtual, de modo que o discurso religioso “esquece” esses confrontos e move-se, conforme as condições de produção do ambiente.

No ambiente virtual, essas referências que integram pop e fé, são quase que exigidas para as produções que se fazem nesse espaço. *Posts* e compartilhamentos de trechos de sermões que se imbricam com a cultura pop, na finalidade de produzir um discurso religioso atual, movimentam-se nas mídias como parte constituinte dela. Aos usuários desse espaço, resta tomar a forma dos enquadres e das condicionantes

dele, ainda que de modo autêntico e particular, cada um que, por trás das telas, consome produtos midiáticos, os consome de modo específico que somente um ambiente tomado por *clicks* e *bits*, os condicionará.

Um líder religioso pode, por exemplo, manter o discurso religioso nas formas que se enquadra em sua própria natureza, mas no ato de compartilhar no ambiente virtual, fará de modo estratégico, a fim de enquadrar-se nas condicionantes que o espaço impõe. Por essa razão, é comum que, em um sermão de 1 hora, por exemplo, recorte-se uma breve passagem engraçada ou que se utilize de elementos populares para que seja postada no *Instagram*. É o que ocorre com a SD6, publicada no *Instagram* do Pr. Lucinho: “Você nunca viu uma pessoa jogar vídeo game e falar assim: Nossa, eu “tô” saindo daqui uma pessoa bem melhor nesse jogo, matei muitos aqui no Call of Duty, mas minha alma engrandece ao Senhor, meu espírito se alegra em Deus meu salvador. Mas tem uma coisa que o vídeo game te ensina: passar de fase”. Notemos que, termos que outrora se “estranhariam”, no discurso produzido e publicado em um ambiente virtual, agora conversam e produzem sentidos ainda que colocados como contrapontos, “matei muitos aqui no Call of Duty” e “minha alma engrandece ao Senhor, meu espírito se alegra em Deus meu salvador.” juntos significam satisfatoriamente na relação que combina discurso religioso e cultura pop, essa relação se realiza somente sob as possibilidades que o ambiente virtual fornece.

Ainda que juntos signifiquem satisfatoriamente, identificamos mais um embate, como consequência das produções no espaço virtual,

um embate que se opõe à natureza do discurso religioso. Os jogos de *vídeo game*, são por vezes, criticados por líderes religiosos, pelo motivo expresso no dizer: “matei muitos aqui no Call of Duty”. O ato de matar, presente na maioria dos jogos, é religiosamente de natureza pecaminosa, ainda que seja em um ambiente de puro entretenimento, como é o caso dos jogos de vídeo game, e dessa forma, trazer referências de elementos da cultura pop que afligem a mensagem religiosa seria confrontante. Mas, pelos sentidos mobilizados nessa formação discursiva e no todo que constrói, há uma resignificação, tornando “aceitável” o uso de referências como essas, possibilitando estreitar as relações entre o religioso e o secular.

Ao dizer: “Até que chegue uma fase lá na frente onde você foi pegando tantas manhas ao longo do jogo que você pode encarar o chefão. Não queira encarar o chefão sem ter passado pelas fases, porque você não vai aguentar.” aqui, produz-se um imaginário no qual a posição do fiel é a de personagem do jogo. Há um efeito metafórico no qual deve-se jogar na vida, como quem joga Call of Duty e nos mais diversos jogos desse mundo dos games. É a produção de sentidos que significa para um público, cujo perfil se enquadra nas atualidades dos elementos pop.

Nessa sequência, há uma divindade que convoca para esse jogo, ao construir um possível diálogo entre Deus e o ser humano: “Oh, como que o Senhor deixou?. Ué, eu deixei porque você “tá” vivo e quem “tá” vivo tem que passar por...”, de maneira que no desenvolvimento da SD3 há uma montagem de referências que produzem sentidos que não

desassocia a vida cristã com os recursos da cultura pop, pelo contrário, as unifica.

São nessas articulações constituídas por embates e negociações de sentidos que o discurso religioso, no entrelaçamento com a cultura pop, reconfigura suas práticas ante a era midiática e as determinantes do espaço virtual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso que o discurso religioso tem feito ao longo história, movimentando-se entre meios e espaços que lhe fornecem possibilidades de se comunicar com o homem, destacamos, neste trabalho, o funcionamento do discurso religioso no espaço virtual, buscando observar os aspectos que atravessam a sua constituição.

Nos gestos de interpretação que realizamos, no zelo de nos mantermos afastados das evidências e dos seus efeitos ilusórios (ORLANDI, 2020), observamos a produção de efeitos de atualidade, pelo viés da cultura pop. Nossas análises apontaram para o fato de que esses efeitos são produzidos de modo a engendrar processos de identificação dos usuários ao discurso religioso. Compreendemos, sobretudo, que a produção desse discurso se movimenta do âmbito eclesial para o espaço virtual, constituindo-se de modo específico, tomado pelos enquadres das condicionantes desse espaço. Ao produzir efeitos de atualidade pelo viés da cultura pop, o discurso religioso se dirige a um fiel-internauta, que consome os elementos da cultura pop e, conseqüentemente, produções de origem midiática. Nessa interação

com esse novo fiel, produz-se um novo discurso religioso com sentidos movidos para a atualidade, tornando a cultura pop a esteira pela qual percorrem essas produções e geram engajamento e identificação.

Observamos, por meio das análises dos vídeos compartilhados nas redes sociais dos líderes religiosos, uma negociação de sentidos que acontece na relação dada entre religião e cultura pop. Essa negociação se fundamenta na expectativa de aproximar o fiel-internauta à mensagem religiosa, de modo que ele possa identificar no sagrado elementos que compõem e significam na atualidade e em suas vivências nos espaços empíricos e virtuais.

As análises nos levam a concluir que, nessa nova configuração que o discurso religioso assume nas redes, apresentam-se regularidades que remetem ao mundo cinematográfico, à cultura de massa e aos *games*, as quais relacionam a imagem divina com os recursos que a cultura pop fornece. Nessa mesma produção discursiva, identificamos ainda os embates e tensões constitutivos nessa nova configuração do discurso religioso, tensões que se movem entre o religioso e o secular, o sagrado e o profano. Nasce, portanto, uma nova experiência com o discurso religioso, ante a possibilidade de encontrá-lo para além dos púlpitos de madeira, com um novo modo de se movimentar entre as malhas do virtual.

Partindo das análises realizadas, consideramos que esse trabalho lançou luz a uma nova configuração do discurso religioso, que se encontra cindido, dividido entre os púlpitos de madeira e os púlpitos de *gigabytes*, entre o sagrado e o profano, entre o sermão na igreja e a

publicação nas redes sociais. Agora, o divino está *on-line*, já que o verbo se fez *post*, abrindo-se ao espaço virtual, possibilitando, assim, que seus seguidores (ou não) possam percebê-lo a menos de um *click* de distância.

## REFERÊNCIAS

BECKO, Larissa Tamborindenguy; AMARAL, Adriana. *“It’s a trap”*: reflexões acerca da cultura pop como fenômeno midiático. Mato Grosso Sul: Compós, 2020.

BORELLI, Viviane. *Mídia e religião: entre o mundo da fé e o do fiel*. Editora E-papers, 2010.

DEGENNE, Alain e FORSÉ, Michel. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

DIAS, Cristiane. Para uma compressão discursiva do digital. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockman (org.). *A análise do discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2016, p.297-309.

FRANÇA, Thiago Alves; GRIGOLETTO, Evandra. Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção de ódio no facebook. *In*: SILVA, Francisco Vieira; ABREU, Kélvya Freitas (org.) *O império digital: teoria, análise e ensino*. São Carlos: Pedro e João, 2018, p. 33-56.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, 3ª edição, 2010.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Ed.34, 1996.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Like a prayer: articulações da cultura pop na mediatização da religião. *In*: CARREIRO, Rodrigo. FERRARAZ,

- Rogério. SÁ, Simone Pereira de (org). *Cultura pop*. Brasília: Compós, 2015, p. 57-72.
- MATTA, Maria Cristina (1999). De la cultura masiva a la cultura mediática. In: *Diálogos*, n.56, Lima: Felafacs.
- MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2012.
- NETO, Antônio Fausto. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. *Matrizes, [S. l.]*, v.1, n.2, p.89-105, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 13º ed. Campinas: Pontes, 2020.
- ORLANDI, Eni. P. Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina; MIITTMAN, Solange (org.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz. 1ª ed., 2009, p. 13-19.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Unicamp, 2014.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).
- SILVA, C; NALINI, L.E.G. Religião e mídias sociais: a disseminação do discurso religioso no facebook. *Revista Panorama*. Goiás, v.5, n.1, p. 65-75, jan./dez. 2015.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida, SP: Santuário, 2012.
- SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. *Cultura pop*. Brasília: Compós, 2015, p. 19-30.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social network analysis: Methods and applications*. New York: Cambridge Press, 1994.

## CAPÍTULO 5

---

# AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E A VERDADE: UMA DISCUSSÃO SOBRE O OBJETO INEXISTENTE

Victor Hugo da Silva Vasconcellos

### PREÂMBULO

Roberto Fernandes de Souza, mais conhecido como Bob Fernandes, é um jornalista brasileiro com vasta experiência como repórter, colunista, redator e editor, sempre na área política. É fundador da Revista Carta Capital, atuando como seu editor por dois anos e seu redator chefe por oito anos. Publica vídeos sobre política, em seu canal do *Youtube* Bob Fernandes<sup>1</sup>. Seja sozinho ou acompanhado por um convidado, discute pautas recentes da política. O material de análise para este capítulo é oriundo do vídeo postado em 11 de janeiro de 2022, em que divide a cena com Jorge Furtado.

Jorge Furtado é um cineasta brasileiro. Esteve envolvido em muitos projetos de filmes e séries (tanto para o cinema quanto para a televisão) como roteirista e diretor. E junto de Bob Fernandes, enunciaram o discurso de 11 de janeiro de 2022 cujo título é “Jorge

---

<sup>1</sup> (<https://www.youtube.com/c/BobFernandesOficial>).

Furtado: Não há governo, elite cansou de perder eleição, criminalizou política e chutou balde” (Anexo I)<sup>2</sup>.

Nesse vídeo, constam pontos de vista de Bob e Jorge sobre a política e “a verdade” no cenário brasileiro em 2022, mais especificamente o governo de Bolsonaro. Há relações com os governos anteriores de Lula e Fernando Henrique Cardoso. O que me interessou nesse discurso fora a discussão acerca da verdade jornalística. Perspectiva cara aos estudos da análise do discurso.

Apresentando-se essa temática, o questionamento surgiu acerca da concepção de mundo que cada sujeito pode ter, a partir do atravessamento das ideologias. O problema da pesquisa é: por meio do discurso de Bob Fernandes e Jorge Furtado, à luz da análise do discurso de linha francesa, poder-se-ia considerar a “verdade” como um objeto inexistente?

Neste capítulo, discutirei as categorias de análise no universo da linguística do discurso, mais precisamente na linha da Análise do Discurso de linha francesa. As categorias principais para esta análise serão: interdiscurso e campo discursivo (MAINGUENEAU, 2012; 2013); formações ideológicas, formações discursivas e interdiscurso (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Dessa feita, a justificativa deste estudo

---

<sup>2</sup> Por se tratar de um texto oral, selecionei alguns trechos e os transcrevi para constituírem o *corpus* de análise. Como a base teórica é a análise do discurso, a transcrição limitou-se ao que foi dito pelos enunciadores, como feito em entrevistas para revistas e jornais, isto é, sem a preocupação de marcar pausas, truncamentos, trechos incompreensíveis ou repetidos. Cada trecho apresenta o momento exato do vídeo (minuto e segundo) para localização do leitor do capítulo. O link do vídeo completo consta no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=ovSpjxRx4rI&t=2187s>.

é a reflexão acerca da multiplicidade de interpretações de um mesmo objeto, por meio da interpelação das ideologias.

O meu objetivo geral é discutir a pluralidade de interpretações sobre um mesmo objeto, a partir das categorias da análise do discurso, a fim de se refletir sobre as regularidades discursivas.

A metodologia deste capítulo é interpretativista, pois parte da interpretação do discurso de Fernandes e Furtado e propõe uma discussão com a aplicação das categorias de análise mencionadas anteriormente.

## DISCURSO E CAMPOS DISCURSIVOS EM MAINGUENEAU

Para iniciar este estudo, começo com a definição de discurso. Para a linha francesa: “O discurso forma uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas, ou seja, dependente de um gênero de discurso determinado” (MAINGUENEAU, 1998, p. 44). A noção de gênero une a materialidade discursiva e sua prática social. O discurso constitui-se como textual e social. Textual é o que se apresenta como estrutura, sua materialidade; isto é, a organização morfossintática. Social é representada pelas condições de produção e circulação do discurso; isto é, todos os elementos envolvidos no processo enunciativo. Além disso, seu impacto na sociedade também é contabilizado, da gênese à circulação. A análise discursiva propõe-se observar a união do texto com sua circulação social.

Maingueneau (2012) considera os campos como agrupamentos de formações discursivas que estão em concorrência. Apresenta, pois,

um agrupamento acima dos campos e um abaixo: o universo e o espaço discursivo, sendo, este último, subconjuntos de formações discursivas recortados pelo analista, de acordo com seus propósitos.

O gênero discursivo apresentado no vídeo é uma conversa entre dois intelectuais. Essa conversa esbarra em outra questão problemática da análise do discurso francesa: as cenas da enunciação (MAINGUENEAU, 2012; 2013). Pois o discurso selecionado pode ser jornalístico, já que apresenta as referências típicas de colunas argumentativas, embora emerja com a cenografia de uma simples conversa; ampliando as possibilidades de estruturação e efeitos de sentido. É um gênero em que o autor pode expressar-se da maneira como achar pertinente. Há relativa liberdade nas condições de produção adotadas pelos enunciadores.

## CENA GENÉRICA E CENOGRAFIA

Em Maingueneau (2012; 2013), a problemática das cenas da enunciação é discutida. A fim de se estabelecer níveis de visualização do discurso, ampliando os efeitos de sentido, os recortes enunciativos são: Cena Englobante, Cena Genérica e Cenografia.

Por Cena Englobante, compreende-se o tipo de discurso, isto é, em qual campo discursivo esse discurso foi engendrado. Discursos como reportagem, notícia e artigos de opinião são engendrados e possuem formações discursivas concorrentes no campo jornalístico. Dessa feita, o tipo de discurso apresentado no *corpus* é o jornalístico.

A Cena Genérica é o próprio gênero de discurso. É a prática social exercida pela enunciação. A notícia tem como função social apresentar um fato aos leitores. A reportagem leva ao leitor detalhes de uma situação específica, uma investigação mais ampla do que a notícia. Um artigo de opinião expressa a visão de mundo do articulista acerca de um determinado assunto.

Por Cenografia, é que se entende pela apresentação do gênero textual-discursivo. Há gêneros que podem se apresentar com cenografias diversas. Um exemplo elucidador é a Cena Genérica propaganda, pois seu objetivo social é a venda de um produto. Entretanto, pode-se apresentar como uma entrevista de emprego, uma conversa em família, a prática de um esporte. A Cenografia mistura-se, em muitas vezes, com o Cena Genérica, tornando problemática a distinção do que é uma ou outra. No corpus deste artigo, posso questionar se é uma conversa amistosa transvestida de um debate argumentativo (uma resenha política) ou uma resenha política transvestida de uma conversa amistosa, ambas ancoradas na cena englobante jornalística.

## PÊCHEUX E A IDEOLOGIA

A análise do discurso idealizada por Michel Pêcheux parte de questões materialistas. A luta de classes (herança de Althusser) permeia a imersão do já-sujeito, pois a Ideologia (com “I” maiúsculo) atravessa o sujeito já antes de seu nascimento, logo “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167).

Dessa forma, só há sujeito quando este é interpelado pelas ideologias às quais está exposto. Essas ideologias estão com “i” minúsculo, porque elas seriam as partes menores do tecido maior que cobre a linguagem humana – a Ideologia.

Pela dependência da linguagem, para estabelecer a realidade, o sujeito está preso nesse tecido ideológico, e as diferentes representações da realidade são reflexos das diferentes ideologias, já que não há um Real em si. Portanto, “uma ideologia tem um ‘exterior’, mas este exterior é de outras ideologias” (HENRY, 1997, p. 33).

Com efeito, Pêcheux elabora o conceito de Formações Ideológicas;

cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166)

Cada formação ideológica é construída pelas formações discursivas, isto é, são atravessadas por componentes que determinam a relação da formação ideológica com a realidade interpretada por ela. Dessa feita:

se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence [...] ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto

é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166-167)

De acordo com a citação, o discurso emergirá como aspecto material da ideologia por meio das formações discursivas, que apresentam as regularidades e possibilidades do dizer na conjuntura estabelecida.

O “sentido” (ou efeitos de sentido discursivos) é materialmente possível quando se estabelece a relação entre o que foi enunciado e a formação discursiva a qual pertence. Dessa forma, os possíveis sentidos estão mais relacionados com a filiação desse discurso do que com a própria materialidade linguística; logo, “estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 172).

O sujeito não pode ser, pois, a origem dos processos discursivos e seus sentidos, embora esses mesmos processos e esse mesmo sentido sejam realizados nesse mesmo sujeito que enuncia.

O conceito de interdiscurso de Pêcheux é um pouco diferente do que concebe Maingueneau posteriormente. As relações entre formações ideológicas e formações discursivas são ordenadas pelo interdiscurso. O interdiscurso de Pêcheux é uma rede que “une” as formações discursivas estabelecendo fronteiras no interior e no exterior de cada uma delas. É o fio que conduz as possibilidades de recursos para alimentar as formações ideológicas. Sem o interdiscurso, não seria possível

estabelecer relações entre as formações discursivas, pois ele é o conjunto maior das possibilidades discursivas.

## REFLEXÕES ACERCA DA TEORIA DE PÊCHEUX

O recorte teórico apresentado é, em grande parte, da fase do desenvolvimento da análise automática do discurso. A teoria foi revista várias vezes pelo teórico a fim de aperfeiçoá-la. Entretanto, a percepção no tocante à Ideologia (e ideologias); às formações discursivas como componentes das formações ideológicas; às condições de produção são consistentes em perspectiva de processo discursivo.

As formações discursivas foram herdadas de Foucault (2012, p. 47):

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

E foram adaptadas para um contexto ideológico. Essas regularidades existiriam dentro de uma formação ideológica. O assujeitamento aconteceria num processo em que o sujeito teria à disposição apenas as formações discursivas às quais seria submetido. Pêcheux (1990, p. 56):

[...] A noção de "formação discursiva" emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um

apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora.

Esse raciocínio não foi total inválido, o problema que Pêcheux percebeu foi a submissão direta e homogênea a essas formações discursivas, o que, na comunicação real, não aconteceria. Não é possível determinar, com precisão, a gênese do discurso analisado. Isso ocorre por vários motivos, entretanto, o argumento de autoridade vem do próprio autor (PÊCHEUX et al, 1997, p. 277): “as questões formuladas pelo analista sobre seu corpus e as interpretações são por definição não-calculáveis”.

O analista, estando em “outro lugar” nas condições de produção, formulará diversos caminhos para interpretar o discurso. Isso me leva a pensar também nas relações interpessoais, na relação com o Outro. Desse mesmo desvio, sofrerá essas relações. Para Maingueneau (2008), essa incompreensão do discurso do Outro é denominada interincompreensão.

Outro ponto de divergência entre Pêcheux e Maingueneau é o interdiscurso. O modo como Pêcheux concebeu esse recurso discursivo é um todo dominante que regula a tecitura das formações discursivas.

Em Maingueneau (2008), são os diversos discursos que constituem um discurso principal. São os discursos de vários campos discursivos (áreas diversas que se complementam por escolha do enunciador) que estruturam o posicionamento de um sujeito no campo, portanto apresentam regularidade, já que são proferidos a partir de condições Sócio-históricas determinadas em uma conjuntura.

Nas palavras de Sírío Possenti (2009, p. 157): "o interdiscurso, como definido por Pêcheux, lembra bem a noção de universo de discurso, como definido por Maingueneau". E complementa: "outro aspecto da tese de Pêcheux, segundo o qual é o interdiscurso que assujeita. [...] Diria que é mais adequado propor que o que assujeita - se a tese for aceita - é uma certa formação discursiva." (p. 157).

## ANÁLISE DO CORPUS

A análise consistirá na discussão, à baila dos conceitos explicitados neste capítulo, dos trechos selecionados da conversa entre Bob Fernandes e Jorge Furtado. Por fim, haverá a reflexão sobre o objeto “verdade” e sua existência.

### 1º trecho

*Terça-feira, dia 11 de janeiro de 2022*

Essa informação da data consta na descrição do vídeo, no canal do Youtube que pertence a Bob Fernandes. A referência do “quando” está contida nas condições de produção do discurso. Por ser o ano de 2022, em se tratando de contexto político, é o último ano do governo Bolsonaro, no Brasil. Essa informação facilita as relações estabelecidas no discurso.

### 2º trecho

*Jorge Furtado: Os foras-da-lei é uma comédia escrita por mim e pelo Guel Arraes sobre o labirinto de leis que a gente vive no Brasil.*

*Especialmente a população de periferia, mais pobre, vive sob muitas leis. A lei do Estado, A lei da milícia, A lei da polícia, a lei da sobrevivência, a lei do tráfico... tem muitas leis. (37'' - 1'04)*

*Jorge Furtado: Mas é uma ficção. Uma comédia. Uma ficção. Sobre as trapalhadas e a dificuldade que é viver num país sob muitas leis. (1'45'' - 1'58'')*

Essa fala de Jorge Furtado representa a vida de muitos brasileiros. A maior parte da população brasileira é pobre, e essa posição social é estar sujeita a diversas leis, tornando a vida mais difícil. É possível inferir que os pobres sofrem mais porque não têm recursos financeiros para lidar com as adversidades, inclusive legais. Dando a entender que os ricos não vivem sob tantas leis assim. Talvez, até a lei do Estado pode ser burlada.

### **3º trecho**

*Jorge Furtado: Não sei viver sem jornalismo, sem ler. E a democracia depende inteiramente do jornalismo. A qualidade da democracia está relacionada diretamente com a qualidade do jornalismo. (8'10'' - 8'22'')*

*Bob Fernandes: O que o Brasil é hoje, (essa é a minha opinião, não sei qual é a sua) tem muito, mas muito a ver exatamente com o jornalismo (ou não jornalismo) de anos anteriores. (8'21'' - 8'34'')*

*Bob Fernandes: Todos nós sabemos (quem é minimamente do ramo) quem são eles, quem são elas que, conscientemente ou inconscientemente*

*ajudaram a criar o espaço para que isso acontecesse: que a extrema-direita, a escuridão, avançasse. (9'22''- 9'39'')*

Nesse trecho, a discussão atravessa dois campos discursivos (Maingueneau): político e jornalístico (mídia). Para Pêcheux, teríamos a formação ideológica de oposição ao governo atual, com suas respectivas formações discursivas.

As marcas linguísticas (democracia e jornalismo) remetem a uma relação de interdependência. Mas não qualquer jornalismo; mas, a qualidade do jornalismo (bom jornalismo), pois seria democrático enquanto o mau jornalismo seria contra a democracia.

O mote da conversa reflete o posicionamento dos dois quanto à atual situação (ruim, pois a referência semântica é “escuridão”) em relação ao jornalismo de anos anteriores: o jornalismo foi mal praticado, ferindo a democracia e elegendo um governo (de extrema-direita) que luta contra a democracia.

#### **4º trecho**

*Jorge Furtado: No momento em que a imprensa resolveu ser a oposição, ali, o negócio desandou completamente, porque a profissão de jornalista seja talvez uma das profissões mais simples de definir. A profissão de jornalista é uma pessoa encarregada de dizer a verdade. Mesmo que a verdade não exista, objetivamente, a busca é essa. (10'32'' - 11'01'')*

Essa fala de Furtado representa muito bem a condição em que se encontra a discussão da análise do discurso que eu proponho: se há

ou não verdade. O cineasta diz que a função do jornalista é simples: basta dizer a verdade, mesmo que essa verdade não exista.

Devemos nos lembrar de que o enunciador em questão (ou sujeito) apresenta seu discurso de um lugar social, com sua formação ideológica. Portanto, que verdade é essa? Que sentido, Furtado espera como verdade? Cito outra passagem teórica elucidativa:

na realidade, afirmamos que o "sentido" de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja "dotada de sentido" que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto para este último, pela ilusão de estar na fonte do sentido. (PÊCHEUX; FUCHS. 1997, p. 169)

Dessa feita, o entrevistado entende o que é verdade de acordo com sua perspectiva embora reconheça que verdade não exista. A formação dos objetos estão diretamente subordinadas às condições de produção, logo, o discurso emerge numa conjuntura X e é interpretado numa conjuntura Y.

O objeto histórico-ideológico, o discurso, é produzido de maneira social através da língua como base material. Por tratar-se de uma produção social, suas regularidades somente são apreendidas com a análise do processo de sua produção, jamais de seus produtos uma vez mais, pois é dispersão de textos, de sujeitos e de sentidos e seu funcionamento advém da própria noção de linguagem. É no discurso que se observa a determinação histórica dos sentidos, uma vez que não se trata de cronologia e sim da maneira como os sentidos são inscritos na história, como são formulados, constituídos e o modo de sua circulação. (BRASIL, 2011, p. 178)

## 5º trecho

*Jorge Furtado: coisas absolutamente sem sentido foram compradas, assim, como verdade (12'07'' - 12'13'')*

Essa fala complementa a discussão anterior sobre a existência ou não da verdade. O que consideramos como verdade, muitas vezes, é um objeto que detém um consenso social (uma grande maioria que apoia esse objeto) ou instituições de poder que endossam o objeto em questão (como o jornalismo acusado anteriormente).

Nesse enunciado, o cineasta está se referindo às *fake News* sobre ações, projetos e condutas do Partido dos Trabalhadores (PT), que (na visão dos dois enunciadores) prepararam o terreno para a subida da extrema-direita ao poder.

## 6º trecho

*Jorge Furtado: o que nós estamos vivendo hoje no Brasil é uma coisa, resultado diretamente de uma lógica teratológica que é qualquer coisa menos o PT. Bom, qualquer coisa menos o PT é PSL, por exemplo. Ninguém pensou "mas o que é o PSL? Que partido é esse?" (13'19'' - 13'33'')*

*Bob Fernandes: É mais ou menos o mesmo debate da terceira via, agora. A terceira via, não é que exista já uma terceira via, vão tirar do armário, ou da geladeira, ou do fogão, ou debaixo da cama, algo que seja qualquer coisa menos o PT. E quando se diz isso, eu digo isso... Dirão: "Ah, porque é comunista ou é petista, não sei o quê". (13'35'' - 13'54'')*

*Jorge Furtado: Agora a coisa ficou qualquer coisa menos o PT e menos o Bolsonaro (13'54'' - 13'57'')*

A discussão segue acerca da questão política e da escolha de terceiros (o voto do povo). A marca linguística “teratológica” (algo monstruoso) revela a posição que Furtado tem diante dos posicionamentos político-sociais em 2022. Isso se deve às falas anteriores, em que criminaliza o jornalismo por conta disso.

A visão ideológica defendida nesse contexto é a manipulação da população por uma mídia golpista que se uniu à elite para fazer política. A desconstrução do PT como um partido que defende o povo e a sua construção como partido mais corrupto influenciou diretamente o resultado das urnas em 2018; levando o Brasil a ser governado pela “escuridão”, a extrema-direita.

E continuam afirmando que esse controle midiático seguirá na busca pela “terceira via”, para eles, inexistente, até então. A “terceira via”, para quem fala de um posicionamento mais à esquerda, é nada mais do que a direita convencional. As relações estabelecidas para essas interpretações precisaram passar pelo tecido do interdiscurso (que regem as formações discursivas) em Pêcheux; para Maingueneau, as relações interdiscursivas entre os campos da política e do jornalismo (discursos anteriores) propiciaram tanto a enunciação quanto à interpretação pelo(s) coenunciador(es) e seus posicionamentos.

## 7º trecho

*Bob Fernandes: Você falou da verdade. Se tiverem cem pessoas assistindo à nossa conversa, você provavelmente terá cem versões da nossa conversa. O que não pode estar errado é que ela foi feita pelo streamyard, sua camisa era preta, a minha era branca (a não ser que alguém seja daltônico). O resto, você vai ter cem versões, quer dizer, o problema da nossa imprensa, me parece, é que não tem uma estrutura que permite economicamente a pluralidade de visões. É esse que é o problema. Porque verdade, cada um terá a sua. Desde que não minta no que é o fato básico. (15'50'' - 16'22'')*

Bob insiste no objeto “verdade” mesmo que coloque novamente a ressalva “porque verdade, cada um terá a sua”. Essa marca linguística nos leva a pensar que, de fato, há uma moderação no discurso do enunciador. Parece que não quer dizer com todas as letras que se trata de “mentiras” (dos outros).

Se cada um terá sua verdade, não há como moderar essa discussão, mas os enunciadorees insistem nisso, criando um relativo paradoxo. O paradoxo acontece porque há o entendimento sobre a pluralidade de verdades possíveis enquanto se defende que se fale a verdade, sem mentiras, ou seja, o paradoxo do objeto (in)existente. Não se fala nunca de um mesmo “objeto”, pois cada posição ocupada pelo sujeito irá configurar de forma diferente esse mesmo objeto.

Mesmo em situações de um apoio em massa a um objeto ou a imposição de poder (ciência, religião, leis etc.), não se há certeza de que o mesmo objeto está sendo “visualizado” do mesmo modo (ou se está

sendo visualizado de fato) por todos os participantes do evento discursivo, reafirmando o paradoxo.

## 8º trecho

*Bob Fernandes: Tem uma lei que diz que o Estado é laico, mas quando você liga a televisão, à noite, só tem uma matriz religiosa basicamente de manhã, de tarde, de noite. (17'22'' - 17'31'')*

*Jorge Furtado: A TV Record é de propriedade da Igreja Universal do reino de Deus, certo? Todo mundo sabe isso. [...] Só que não são. Porque é proibido pela Constituição que seja. É proibido que uma Igreja tenha uma TV comercial. O que que acontece? Acontece que tem alguém que é dono da TV, que é dono do jornal. E não é exatamente a Igreja, mas é alguém ligado à Igreja. (17'51'' - 18'22'')*

*Jorge Furtado: Então, no Brasil, é aquela coisa. Entrevista-se bicheiro. "Estamos entrevistando um bicheiro". Mas "bicheiro" não é proibido? (18'22'' - 18'25'')*

No último trecho selecionado, surge um ponto argumentativo para elucidar porque os mais pobres sofrem mais com as várias leis; já que são exemplificados casos em que a lei é burlada, pois se Igreja não pode ter TV ou Rádio, e se bicheiro é algo proibido (ilícito), por que então isso permanece ileso?

É um comentário que mais parece uma denúncia, porque afirma uma prática ilegal que acontece pelo poder simbólico que há por trás

dos envolvidos. A ideologia por trás de nossas práticas sociais / discursivas revelam o que é o Brasil (de poucos, de muito poucos).

## DESFECHO

Análises como essa trazem à baila reflexões acerca dos discursos que circulam na sociedade brasileira. Mesmo sendo um vídeo em que dois enunciadores conversam “despretensiosamente”, há uma rede complexa de discursos (formações discursivas / interdiscursos) que se chocam. O viés histórico-social proporciona o jogo de críticas, emergência das ideologias e riquíssimo material linguístico-discursivo para reflexão.

Foram colocados conceitos de dois expoentes da análise do discurso de linha francesa; de um lado, Pêcheux (o criador da disciplina) e Maingueneau (pesquisador que continua a fazer a AD francesa crescer), com o objetivo de refletir sobre esse acontecimento discursivo.

A percepção de Pêcheux para tratar de ideologia e formações discursivas possibilitou entender não a origem, mas as regularidades que um discurso possui. Maingueneau aperfeiçoou bem a noção de interdiscurso de Pêcheux, facilitando a visualização dos choques interdiscursivos. Ainda há a dúvida (já levantada por Pêcheux) se ainda seria necessária a noção de formações discursivas, por conta do interdiscurso.

Cada um, a seu modo, nos traz bons argumentos e boas indagações para refletirmos acerca dos eventos discursivos. O problema de pesquisa que faz a provocação acerca da verdade ser um objeto

inexistente irá suscitar mais problematizações do que respostas fechadas. A “verdade”, como qualquer outro objeto, é concebida no intrincamento de dispositivos enunciativo-discursivos e, com isso, favorece a interpretação ampla dependendo de onde estão os coenunciadores (ou sujeitos); pois a cada filiação ideológica, seu olhar será diferente.

Na era da pós-verdade, mesmo grandes instituições são questionadas sem provas ou estudos sistematizados, levando milhares de pessoas (sujeitos) a se filiarem a essa perspectiva de olhar. Pela teoria, não teríamos uma verdade absoluta, ou algo “real” para todos; apenas nuances dessa verdade (como qualquer outro objeto). A vida em sociedade, para se blindar dessa interincompreensão (Maingueneau, 2008), criou sistemas e a busca por consenso, seja por coerção ou manipulação ideológica.

A noção de paradoxo do objeto (in)existente difere de Interincompreensão no ponto em que esta demonstra que pontos de vista são suscitados pela interpretação do simulacro enquanto aquela leva em consideração as formações ideológicas para conceber ou não a veracidade do objeto. Apresento dois exemplos para ilustrar esse conceito: a) a aceitação que existe uma pandemia real de COVID-19 pelo mundo contra aqueles que não concebem essa pandemia como real; b) o questionamento se houve realmente os campos de concentração coordenados pela Alemanha nazista.

Com efeito, as formações ideológicas da extrema-direita, alinhadas ao presidente Jair Bolsonaro, estavam considerando a pandemia da COVID-19 como uma “gripezinha”. Essa percepção não

é um simples posicionamento no campo (ou uma maneira diferente de ver a situação), mas uma negação do objeto em questão, comprovado pelo discurso metódico da ciência. É tão violenta tal reação que muitos apoiadores do governo estavam (ou são ainda) contra a vacina (único meio garantido de proteção contra a doença).

O outro exemplo também contempla a negação dos fatos. Há formações ideológicas que negam os campos de concentração nazistas. A interincompreensão poderia discutir as razões, as motivações e o peso desses campos para a história do mundo; enquanto o paradoxo do objeto (in)existente irá romper esse território das razões e partir para a negação dos fatos em si, tanto para negar sua existência, bem como para criar um objeto sem evidência alguma: kit gay; Terra Plana, por exemplo.

Estudos como este trazem reflexões sobre os discursos e o quão subjugados a eles todas as pessoas (sujeitos) estão. Afirmo que estudar análise do discurso por meio da reflexão social é uma forma de diminuir a alienação e aumentar a consciência das pessoas sobre seu consumo discursivo, tornando-as mais autoconhecedoras.

Outra questão levantada por mim é o aperfeiçoamento da análise do discurso para a realidade brasileira. Importar categorias europeias facilita o trabalho desde que ajustadas às condições sócio-históricas de produção. Venho desenvolvendo novas categorias e ajustando outras para uma análise mais satisfatória da nossa realidade e tornar a análise do discurso mais didática a fim de possibilitar seu conhecimento aos estudantes do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Bob. 1 vídeo (58 min). Jorge Furtado: Não há governo, elite cansou de perder eleição, criminalizou política e chutou balde. *Publicado pelo canal Bob Fernandes*, 2022. Disponível em < Jorge Furtado: Não há governo, elite cansou de perder eleição, criminalizou política e chutou balde >. Acesso em 28 de jan. de 2022.
- BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*. Catalão (GO), vol. 15, n. 1, p. 171-182, jan/jun 2011.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (organizadores) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani; et al. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 13-38.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 47
- MAINGUENAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Marcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- PÊCHEUX, Michel et al. Apresentação da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (organizadores) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel*

Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani; et al. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 253-282.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (organizadores) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani; et al. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. In: POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009, p. 153-168

## ANEXO I

### **Jorge Furtado: Não há governo, elite cansou de perder eleição, criminalizou política e chutou balde**

Terça-feira, dia 11 de janeiro de 2022

Jorge Furtado: Os foras-da-lei é uma comédia escrita por mim e pelo Guel Arraes sobre o labirinto de leis que a gente vive no Brasil. Especialmente a população de periferia, mais pobre, vive sob muitas leis. A lei do Estado, A lei da milícia, A lei da polícia, a lei da sobrevivência, a lei do tráfico... tem muitas leis. (37''- 1'04).

Jorge Furtado: Mas é uma ficção. Uma comédia. Uma ficção. Sobre as trapalhadas e a dificuldade que é viver num país sob muitas leis. (1'45'' - 1'58'').

Jorge Furtado: Não sei viver sem jornalismo, sem ler. E a democracia depende inteiramente do jornalismo. A qualidade da democracia está relacionada diretamente com a qualidade do jornalismo (8'10'' - 8'22'').

Bob Fernandes: O que o Brasil é hoje, (essa é a minha opinião, não sei qual é a sua) tem muito, mas muito a ver exatamente com o jornalismo (ou não jornalismo) de anos anteriores. (8'21'' - 8'34'').

Bob Fernandes: Todos nós sabemos (quem é minimamente do ramo) quem são eles, quem são elas que, conscientemente ou inconscientemente ajudaram a criar o espaço para que isso acontecesse: que a extrema direita, a escuridão, avançasse. (9'22'' - 9'39'').

Jorge Furtado: No momento em que a imprensa resolveu ser a oposição, ali, o negócio desandou completamente, porque a profissão de jornalista seja talvez uma das profissões mais simples de definir. A profissão de jornalista é uma pessoa encarregada de dizer a verdade. Mesmo que a verdade não exista, objetivamente, a busca é essa. (10'32'' - 11'01'').

Jorge Furtado: quando o jornalismo abre mão disso para fazer política, que não é essa a função da política (a função da política é chegar ao poder). [...] A imprensa, não. A imprensa tem a função de dizer: "não, acontece isso. Está acontecendo aquilo. Quando o jornalismo

deixa de cumprir essa função, o Brasil ficou à deriva." (11'15'' - 11'46'').

Jorge Furtado: coisas absolutamente sem sentido foram compradas, assim, como verdade (12'07'' - 12'13'').

Jorge Furtado: E houve uma criminalização da política. Todo dia. Não é nem o que se diz, mas se todo dia, a notícia da política é "ladrão, roubou, ladrão, roubou, dinheiro, dólar... As pessoas então... "tudo que está aí é péssimo". (12'21'' - 12'38'').

Jorge Furtado: O que aconteceu? Uma elite tentando voltar ao poder sem voto. Ela criminalizou a política. "Está tudo errado. Esses partidos... o partido do governo... são ladrões, roubo e roubo". Só que a população vendo isso, botou geral. (12'40'' - 13'07'').

Bob Fernandes: se você não tem a política como ela está posta, com seus defeitos e qualidades, você tem a escuridão (13'09'' - 13'13'')

Jorge Furtado: o que nós estamos vivendo hoje no Brasil é uma coisa, resultado diretamente de uma lógica teratológica que é qualquer coisa menos o PT. Bom, qualquer coisa menos o PT é PSL, por exemplo. Ninguém pensou "mas o que é o PSL? Que partido é esse? (13'19'' - 13'33'').

Bob Fernandes: É mais ou menos o mesmo debate da terceira via, agora. A terceira via, não é que exista já uma terceira via, vão tirar do armário, ou da geladeira, ou do fogão, ou debaixo da cama, algo que seja qualquer coisa menos o PT. E quando se diz isso, eu digo isso... Dirão: "Ah, porque é comunista ou é petista, não sei o quê". (13'35'' - 13'54'').

Jorge Furtado: Agora a coisa ficou qualquer coisa menos o PT e menos o Bolsonaro (13'54'' - 13'57'').

Bob Fernandes: Você falou da verdade. Se tiverem cem pessoas assistindo à nossa conversa, você provavelmente terá cem versões da nossa conversa. O que não pode estar errado é que ela foi feita pelo *streamyard*, sua camisa era preta, a minha era branca (a não ser que alguém seja daltônico). O resto, você vai ter cem versões, quer dizer, o problema da nossa imprensa, me parece, é que não tem uma estrutura que permite economicamente a pluralidade de visões. É esse que é o problema. Porque verdade, cada um terá a sua. Desde que não minta no que é o fato básico. (15'50'' - 16'22'').

Bob Fernandes: Tem uma lei que diz que o Estado é laico, mas quando você liga a televisão, à noite, só tem uma matriz religiosa basicamente de manhã, de tarde, de noite. (17'22'' - 17'31'').

Jorge Furtado: A TV Record é de propriedade da Igreja Universal do reino de Deus, certo? Todo mundo sabe isso. [...] Só que não são. Porque é proibido pela Constituição que seja. É proibido que uma Igreja tenha uma TV comercial. O que que acontece? Acontece que tem alguém que é dono da TV, que é dono do jornal. E não é exatamente a Igreja, mas é alguém ligado à Igreja. (17'51'' - 18'22'').

Jorge Furtado: Então, no Brasil, é aquela coisa. Entrevista-se bicheiro. "Estamos entrevistando um bicheiro". Mas "bicheiro" não é proibido? (18'22'' - 18'25'').

Jorge Furtado: Isso acontece inclusive agora, com Bolsonaro. Isso acontece agora com Bolsonaro quando a imprensa diz "pode bater"!

Ah, pode bater? Então libera! E as pessoas não checam absolutamente nada. (20'16'' - 20'29'').

Bob Fernandes: Uma das armas mais poderosas da imprensa brasileira é a imposição do silêncio. Por exemplo, que emissor de televisão publicou com destaque, o Nestor Cerveró dizendo "isso não é coisa do Lula, isso é coisa da época do Fernando Henrique Cardoso? [...] Não viu. (20'43'' - 21'03'').

Jorge Furtado: Os três grandes bandidos, no caso da Petrobrás, Petrolão, enfim; os três grandes bandidos [...] segundo a própria investigação da Lava-Jato, eles estavam roubando a Petrobrás desde 1997, no mínimo. 1997 é no primeiro governo do Fernando Henrique, primeiro governo. Os mesmos três. Isso acontece a todo momento. (21'08'' - 21'42).

Jorge Furtado: Tem gente fora do Brasil que faz *fake News* porque a *fake News* dá dinheiro (32'49'' - 32'56'').

## CAPÍTULO 6

---

### *“EM UMA SÓ VOZ ESCONDE A SUA VOZ”*<sup>1</sup>: O ENTRECRUZAMENTO DISCURSIVO NO PAGODE

Fernanda Araújo Dias Mendes Xavier

#### DIALOGIA, POLIFONIA, MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO: “AS VOZES DA MEMÓRIA VIVA”<sup>2</sup>

As reflexões que giram em torno do discurso, dos sujeitos discursivos, das identidades aí construídas e do contexto sócio-histórico-cultural que embebem o processo comunicativo e as mais variadas esferas da linguagem se mostram bastante acentuadas na atualidade. O interesse por revelar aquilo que é dito e que, possivelmente, já fora dito em outras ocasiões, transforma esse estudo em um universo infundável de possibilidades. Possibilidades que, a todo o momento, questionam as intenções dos dizeres, a originalidade, a interação, o sentido, a memória e, acima de tudo, o discurso.

Nesse intento, algumas categorias são postuladas com o intuito de analisar os discursos que constantemente são desenvolvidos pelos sujeitos e que afirmam nossa identidade, cultura e história. Apesar de sermos sujeitos de nossa história, não a escrevemos sozinhos. Somos conjunto de uma memória que há muito já vem sendo escrita. Se hoje concebemos o pagodeiro como um sujeito que afirma sua identidade através dos discursos de resistência e luta é porque, antes mesmo de

---

<sup>1</sup> Trecho da Música “Caraluna” de Bacilos.

<sup>2</sup> Trecho da Música “Caraluna” de Bacilos.

concebê-las, ele já refletia o discurso de outrem – que há séculos lutou na escravidão. Sobre isso, Pêcheux (1997, p. 54) afirma ao evidenciar que “um enunciado sempre traz outros em redes de memória e história, na condição de refutá-lo, contradizê-lo e, também, de ressignificá-lo e em redes de significantes”.

A reconstrução ou reafirmação da identidade cultural desse povo favelado, tão discursivizado nesta pesquisa, não se dá no vazio monológico de um discurso homogêneo proferido no individualismo, mas no dialogismo heterogêneo que evoca uma memória. Para entendermos esse processo que transforma o discurso do pagodeiro – favelado – como arma de reafirmação identitária, precisamos primeiro, apossar-se do sentido que seus discursos traduzem. Assim, chegaremos ao objetivo deste capítulo que busca investigar como são construídas as relações entre as vozes polifônicas e dialógicas, a memória e o interdiscurso vistos nos discursos de pagode e os sentidos atribuídos para a formação identitária do povo periférico.

A dialogia, a polifonia, a memória discursiva, o interdiscurso são categorias fundamentais na análise de um discurso, pois apresentam conceitos interdependentes, mas diferenciados ao mesmo tempo (BAKHTIN, 2003). Isso porque, enquanto sujeitos historicamente em processo de construção, não nos fazemos sozinhos e isoladamente de uma conjuntura social. Como afirma Brandão (2004, p. 62), “o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam a outro” e com isso, fazemo-nos no diálogo e na memória, e não no monólogo que abafa uma história. Entender esse processo de construção do discurso através

do diálogo amplia as possibilidades de análise existencial dos textos formulados na singularidade.

Para qualificar um discurso à base dessas categorias, precisamos primeiro ter ciência de que os sentidos ali atribuídos “têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, como o que poderia ser dito e não foi” (ORLANDI, 2009, p. 30). Só a partir dessa relação de sentidos que entendemos e diferenciamos dialogia e polifonia nos discursos elaborados.

Assim, a dialogia aparece diferenciando-se da monologia por construir “a imagem do homem num processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro” (BRAIT, 2005, p. 194) e não no individualismo homogêneo que afirma não existir fora de si outro universo e se prender à completeza existencial e ao não reconhecimento do outro no meu processo de formação.

É preciso entender que os discursos se fazem a partir das relações sociais. Não existe um sujeito enunciativo que fuja de sua história, memória e contexto sociocultural. Ele carrega consigo as interferências discursivas de outrem. Para Bakhtin (1992, p. 117), “o pensamento não existe (...) fora da orientação social (...). a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total de inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui (...) um território social”. Desse modo, a dialogização apresenta-se como ponto importante nos estudos analíticos ao promover um diálogo entre o sujeito discursivo e suas interferências interiores e exteriores.

Faraco (2006, p. 56-57), ao discutir as teorias Bakhtinianas, caracteriza e apresenta de forma construtora a dialogização, especificamente a das vozes sociais, como:

o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante. Em outras palavras, “o verdadeiro ambiente de um enunciado (...)” é o plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais.

É o que caracterizamos também, popularmente, como o diálogo travado entre esses sujeitos. Nessa relação intrínseca de dialogização a identidade e a cultura passam a correlacionar-se através das vozes sociais que sempre se propõem a revelar novos enunciados e novos ditos. É uma constatação de diálogo que possibilita sempre uma nova resposta a uma resposta já existente aos sentidos e discursos a partir dessa movimentação constante.

Nessa mutabilidade presente na construção dos dizeres e dos sentidos desses dizeres, vemos a dialogia a partir de três concepções básicas e essenciais. Para a análise dos discursos, neste caso os discursos dos sujeitos pagodeiros, a dialogia apresenta-se como fundamental por carregar consigo a possibilidade de conhecimento e relações intrínsecas entre o discurso analisado e os “outros discursos”. Esses que se constituem a partir dos fios socioideológicos e histórico-culturais que agregam o dizer do povo.

A discursividade expressa nos dizeres marginalizados, vistos aqui nos discursos dos pagodeiros, se mostra bastante perceptível quando conseguimos enxergar, em suas nuances, os reflexos do diálogo e do já-dito com e pela história. *“Eu quero saber quem pintou o Castelo de Branco/ Na Senzala do Barro Preto/ Todo mundo é irmão”* (CONCEITO – FANTASMÃO) é uma afirmação através de uma interrogativa feita indiretamente aos leitores, que nos leva à história antiga e questiona em seu discurso a existência de uma luta já dita e que privilegia o resgate à identidade negra e à união entre os povos, sem distingui-los por raça, cultura, cor ou etnia. Percebermos que aí já existia um discurso que se reafirma e que ratifica a construção identitária do sujeito favelado uma vez que, “todas essas lutas contestam formas de poder e têm lugar no cotidiano dos indivíduos, pois são justamente o que os caracteriza em termos identitários e os tornam sujeitos” (FERNANDES, 2007, p. 57)

Essa visão leva a ideia de que os discursos são sempre reflexos de uma resposta. É a categorização discursiva da dialogia sendo exemplificada. É um processo que, ao reafirmar aquilo que já fora dito, espera sempre uma réplica de outros discursos. É uma possibilidade de afirmar, reafirmar ou contra afirmar os enunciados produzidos pelos discursos ao longo dos anos e da história, construindo um processo dialógico que ratifica a heterogenia presente nos discursos e nos faz acreditar no discurso heterogeneamente construído. Uma construção que se baseia, além do diálogo, da dialogização, na articulação das várias vozes eminentes em um discurso. Assim,

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, constituem, [...], parte inerente de todo enunciado, entendido este não como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas. (FARACO, 2006, p. 64)

Percebemos nessa relação que o dialogismo se faz a partir e na linguagem e que, através dela, apenas uma voz se faz ouvir diante das outras, que o diferencia da polifonia que agregam vozes que dialogam e se refletem nos discursos. “Na polifonia, o dialogismo se deixa ver ou entrever por meio de muitas *vozes polêmicas*”(RECHADAN, 2003, p. 3).

Além do diálogo travado entre a história e a cultura nos discursos pagodeiros que sobrepõem uma voz entre as demais, percebemos que nele há também uma manifestação de outras vozes que não se anulam, mas que se confrontam ou se reafirmam. É o reflexo da existência do sujeito a partir das relações com outros sujeitos que faz com que “eu me projeto no outro que também se projeta em mim, [...] que o meu reflexo se projete nele e o dele em mim, que afirmemos um para o outro a existência de duas multiplicidades de ‘eu’” (BRAITH, 2005, p. 194).

Essa é a essência polifônica que emana os estudos e análises dos discursos de outrem. É quando percebemos que se é dito, o já-dito se afirma mais não na individualidade ou homogeneidade, mas na heterogeneidade e complexidade das polêmicas vozes que circundam os discursos espalhados em todas as esferas da linguagem.

A polifonia aparece, nesse caso,

como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro ‘eu para si’ infinito e inacabado. (BRAITH, 2005, p. 194)

Um coro de vozes que, em seu âmbito, representam o universo ao qual pertencem e carregam consigo as marcas deixadas por ele. Não que elas passem a ser objetos a serem utilizados pelos seus sujeitos, mas se tornam também os sujeitos desses discursos.

Ao analisarmos a história de escravidão, marginalização e preconceitos dos pagodeiros e de seus ancestrais, conseguimos confrontar sentidos marcados em seus discursos com outros de séculos atrás. É a presença constante do outro no um, do interdiscurso, da memória discursiva. É o reflexo da convivência e da interação promovido pelas relações entre esses sujeitos. É quando percebemos a presença do outro em nosso processo de formação identitária, uma vez que não somos entidades estáticas, mas marcas de uma identidade em construção. O discurso do grupo *SamHop*, “*Rapaz se olhe no espelho, Repare o cabelo, Compare o nariz. Sua origem é África, Mesmo que não queira todo mundo diz.*” (Ser Negão é Massa), evoca dizeres de uma memória baseada na escravidão e inserção do negro em nossa cultura brasileira, construindo, mediante o discurso do outro, a identidade do negro ou do sujeito pagodeiro, ao citar os atributos de um sujeito que se sente estereotipado. Criaram uma marca ideológica preconceituosa sobre os sujeitos pagodeiros e sobre os discursos por eles proferidos. Assim,

a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma forma social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução /transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 1997, p. 147)

Essa ideologia se faz contraditória ou reprodutiva porque várias lutas pelo sentido se baseiam e refletem lutas históricas ou, até mesmo, lutas anteriores a essas. Caracteriza-se como sujeito discursivo favelado e pagodeiro porque, involuntariamente, uma conjuntura social impôs essa relação. Se por analogia assim podemos comparar, ao dizer que “todo mundo diz”, o autor desse discurso já afirma a presença de outras vozes que comungam da mesma ideia. E nesse processo, a polifonia se dá porque “não interfere nas vozes nem as controla, deixa que elas se cruzem e interajam, que participem do diálogo em pé de igualdade contanto que permanecem imiscíveis” (BRAITH, 2005, p. 198). Aí, cada sujeito discursivo mantém mesmo na heterogeneidade discursiva e na coletividade identitária, uma individualidade proveniente das relações de poder a que se submete em seu espaço. É a “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (BRAITH, 2005, p. 198), mesmo que a ideologia se faça através das relações de poder dialogadas às relações humanas.

A essa multiplicidade de vozes que, refletidas ou dialogadas, se fazem presentes nos discursos atrelamos também uma marca histórica que se manifesta naquilo que denominamos de memória discursiva. “São práticas discursivas que constituem verdadeiros dispositivos identitários e produzem subjetividades como singularidades históricas a

partir do agenciamento de trajetos e redes de memórias” (GREGOLIN in BARONAS, 2011, p. 268) que, ao falar de formação, afirmação e reafirmação da identidade do favelado através dos discursos por eles proferidos, não poderia distanciar ou deixar de agregá-la já que é na memória que está nossa história.

A relação história e memória se mostra bastante acentuada, não apenas para os estudos filosóficos e históricos, mas, sobretudo, para os estudos linguísticos e analíticos. Só ao entendermos esse elo é que passaremos a compreender a função da memória no discurso. Consoante a essa relação, importantes nomes dos estudos analíticos se tornam também fundamentais nos estudos históricos.

Dentro dessa perspectiva histórica, entendemos o quão imbricado está à história a memória ao notar que desde os primórdios uma já se utilizava da outra para relatar fatos e acontecimento. O que, antigamente, também era fator importante na concepção dos estudos sobre a memória. Não necessariamente a base dos estudos dessa, mas de grande importância para eles já que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 366).

O interesse por atualizar ou rememorar as informações passadas é que tornam a memória tão próxima à história. Para ela, não é apenas lembrar ou utilizar-se de fatos passados, ou em alguns casos reflexos memoráveis do imaginário, mas reconstituir, através de imagens

linguísticas organizadas, as reações e experiências vivenciadas por uma massa ou por um povo. O grande papel da memória está na capacidade de recuperar o passado, no presente, através dos processos de interação verbal (SANTOS, 2003, p. 273). “O conceito de memória, portanto, nos permite entrelaçar passado e presente, por um lado, ultrapassar a antinomia teórica clássica entre indivíduo e sociedade, por outro” (SANTOS, 2003, p. 273). E isso também comunga dos propósitos históricos, essa recuperação do passado ao presente e o resgate as vivências individuais e coletivas. Porque, tanto a memória quanto a história se fazem a partir da coletividade. Nunca seremos capazes de construir nossa história se não rememorarmos o “nós”, porque queiramos ou não, a memória também ultrapassa as barreiras da informação e do relato e atinge o esquecimento. Daí a necessidade da coletividade – do “nós” – na construção histórica.

Dessa forma, temos na linguagem essa memória que nos antecede que nos possibilita questionar e entender a relação estabelecida com a história. É através do resgate a essa memória que cristalizamos pessoas, objetos, arquivos, monumentos, imagens, transcrevendo aquilo que nos serviu de experiência e vivência. As definições de história e memória acabam assumindo características similares a partir do momento em que se percebe a necessidade de uma para outra. Para a história, “não se trata de investigar o passado através da memória, mas de procurar compreender o presente a partir das reconstruções que são feitas do passado.” (LE GOFF, 1990, p. 275). Assim também a memória não se torna apenas o relato histórico, mas “resultado de um

processo de interação social, e que ela tanto está em nós quanto é exterior a nós” (LE GOFF, 1990, p. 274); e é através desta concepção histórica da memória a partir da coletividade que entenderemos a memória discursiva. Uma memória que nos leva sempre a reafirmar a assertiva de que um dito reflete sempre o já-dito em consequência de o outro está em mim e eu nele, sempre em consonância, estabelecendo um sentido – base também para os estudos analíticos.

Se queremos estabelecer um sentido para os discursos dos favelados – pagodeiros – entendidos também como sujeitos discursivos, a memória discursiva se faz necessariamente obrigatória nesta análise. E tomando-a como conceito, comungamos da mesma ideia de Pêcheux (1999, p. 52) quando aponta que:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

O que justifica que a polifonia e o dialogismo trabalham com a ideia de um discurso já construído e reafirmado. Um discurso que afirma a ideia do pré-construído estabelecido por Pêcheux (1997, p. 164) que “corresponde ao sempre já aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido sobre a forma de universalidade (...) de modo que ela representa, (...), aquilo que determina a dominação da forma-sujeito”. É a ideia de que novos sentidos serão sempre construídos a partir das relações e embates com outros sentidos já existentes. Nesse sentido, Orlandi (2009) acredita ser a existência de

uma palavra em face de outra. É a necessidade de ler os implícitos que um discurso carrega. Aquilo que está dito, mas que na maioria das vezes não é percebido.

É a ratificação de que aquilo que dizemos vem através do esquecimento do outro ou da memória discursiva que se carrega. Assim,

o gesto interpretativo do sujeito leitor é determinado pela sua relação com a memória. Há uma gama de possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento correspondente a um processo de deslocamento da memória como virtualidade de significações. A memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Assim, o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória (já-dada) que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos. (MENDONÇA, 2004, p. 05)

Essa memória também passa a ser entendida, a partir de Orlandi, como um interdiscurso. Que trabalha a possibilidade de significar sempre, um novo discurso, em novas situações comunicativas, discursivas. No caso que analisamos, todos os discursos sobre escravidão, marginalização e preconceito sob os negros, pobres e africanos, origens do pagode soteropolitano e pagodeiros, os dizeres sobre identidade, cultura, história e sociedade/comunidade já significaram e continuam a ser significados em cada novo discurso criado. São sentidos formulados mesmo no imperceptível desses sujeitos. Nesse intento,

O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim

dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscorso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito de interdiscorso sobre si mesmo, uma interioridade inteiramente determinada como tal “do exterior”. (PÊCHEUX, 1997, p. 167)

Essa constante necessidade de retomar o que já está aí e já fora dito reafirma a ideologia do pré-construído em relação ao interdiscorso e à memória discursiva. Aqui, todos os sentidos sugeridos anteriormente e já-ditos em outros lugares provocam algum efeito nos novos leitores. A constância das palavras “negro” e “periferia” podem, muitas das vezes, ser vistas sem sentido ou passarem despercebidas, mas, quando partimos para analisá-las dentro de um discurso que carrega consigo uma memória discursiva forte e as máscaras identitárias continuamente construídas, é que percebemos o quão imbricada de significados elas estão, ou seja, o quanto os discursos fazem parecer o já dito.

A palavra “negro” retoma a inconstância do preconceito, das eras escravistas, da diferença étnica, racial e identitária, da marginalização, da exclusão. Assim como “periferia” estabelece sentido concreto com o marginal, insignificante, aquilo que está à margem da sociedade elitizada, o pobre, favelado, etc. e nos reportam, também, às vivências passadas dos índios, escravos, imigrantes, à plebe, à “ralé” e aos discursos que aí já eram ditos que nos levam a entender que “o interdiscorso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2009, p. 33). Observa-se que o negro só aparece quando o sujeito consegue amarrar os implícitos, pelos explícitos que transbordam no texto: ao trazer à baila uma discursividade

que provoca efeitos de sentido de exortação, numa tentativa de lembrar ao outro quais são suas origens, quais atributos carrega e o porquê de serem tão marginalizados pelo outro. Ao citar, “*Rapaz se olhe no espelho, Repare o cabelo, Compare o nariz...*”, o sujeito discursivo faz um resgate à memória evidenciando a identidade cultural e étnica dos negros. “*Cabelo*” e “*Nariz*” nos remotam à visão do negro a partir da concepção identitária do crespo, do blackpower e do achatado, largo, grande, respectivamente. É a reafirmação de uma característica étnica e genética que faz com que os negros, os sujeitos aqui discursivizados, assumam identidades culturais de pertencimento por assemelharem-se à essas peculiaridades.

Essas comparações analíticas interpretativas apontam o interdiscurso e a memória discursiva como partes interdependentes de um processo discursivo, uma vez que envolvidos na construção discursiva, reportam a discursos e vivências de outrem. E “mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 30). Sujeitos esses que se formam a partir dos discursos e das zonas de atuação desses discursos – a formação discursiva. Em quem seriam esses sujeitos? O que seriam as zonas de atuação discursivas que embasam as formações discursivas?

*“ECO A UM MURMÚRIO A MEMÓRIA DE UM CANTO”<sup>3</sup>*:  
FORMAÇÃO DISCURSIVA E SUJEITO DISCURSIVO

Assim como partimos de conceitos para entender e formular questões pertinentes à formação identitária de um sujeito, não podemos pensá-lo fora de suas zonas de atuação, pois é através do diálogo construído que o sujeito constitui sua identidade. É nos discursos que as ideologias às quais os sujeitos são apresentados se materializam e se entrecruzam. Dessa forma, os discursos carregados de sentidos “não existem em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2009, p. 42).

Essa alteração à mudança de sentido dos discursos se dá devido a aplicabilidade, ou melhor dizendo, à colocação que os sujeitos discursivos lhes dão; ao seu emprego. Ela proporciona um deslocamento desse discurso, permitindo assim que várias sejam as produções de sentidos existentes. Fato que também se confirma através do deslocamento do sujeito identitário na modernidade líquida. Assim como os sujeitos podem ser representativos em diversas instâncias e momentos – construindo sua identidade instável, os discursos assumem, em consonância, tal característica a fim de justificar a presença, nos sentidos, dos sujeitos, dos poderes e da história. Entretanto,

é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras

---

<sup>3</sup> Trecho de “Vozes do Subúrbio” – Wanderley Monteiro

são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2009, p. 44)

Nesta perspectiva, retomamos o pensar Pecheutiano que não vê os discursos com um sentido pronto, acabado e próprio, mas como um emaranhado de vozes que, ao perpassar os dizeres de outros e de outros lugares – interdiscursivamente, se significam e se confrontam em novos sentidos – à base do “dito” e do “já-dito”. É apenas no espaço de formação discursiva que esses discursos apresentarão sentido. Quer dizer, as palavras assumem características diferentes e diferenciadas a partir da análise significativa das formações discursivas às quais estão inseridas.

Nos discursos em análise, a palavra “pagode” quando dita por um cantor deste gênero musical, marginalizada em discursos de outrem, gera novos efeitos de sentido que tendem a fugir da marginalização. Para aqueles adeptos da cultura elitizada, vai encará-la unicamente como ritmo musical oriundo e atuante das capitais paulistas e cariocas. O que o diferencia dos sentidos atribuídos pelos pertencentes a uma cultura menos elitizada, a exemplo do povo baiano. O que nos faz perceber essas diferenças é a presença constante das condições de produção desses discursos que fazem com que eles tomem sentidos diferentes.

Essas condições de produção são efetivamente as situações favoráveis à produção do discurso desenvolvidos pela formação discursiva, ou seja, o que determina aquilo que “pode e deve ser dito” diante de uma situação discursiva, embasados em circunstâncias históricas, culturais, sociais e discursivas. Isto acontece porque, para

Pêcheux (1997), o sujeito não é dono de seu dizer, ele não se torna autor daquilo que diz, apossa-se dele. O próprio discurso tem força e autonomia sobre ele. É o discurso que se faz e constitui o sujeito. No pagode é o sujeito, reflexo desse discurso, que o constitui. As formulações identitárias, culturais e históricas são construídas e refletidas a partir das relações discursivas de poder agregadas pelo sujeito-falante, conseqüentemente, emissor e receptor dele, constituindo um espaço de discussão e de formação discursiva.

Granjeiro (*In* BARONAS, 2011), apresenta à análise essa concepção de formação discursiva a partir das teorias consonantes de Pêcheux e Foucault. “Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, [...] mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria etc.” (p. 35) O que reafirma a ideia de que o discurso não se forma em si só – nas escritas formais da sintaxe linguística, não se faz isolado das esferas sócio-históricas e culturais, mas dialogando com elas. É o que chamamos atenção para as relações que devem ser travadas entre aquilo que é dito e aquilo que é feito. Essa relação se mostra bastante acentuada e enriquecida com a percepção ideológica de discurso por Pêcheux, ao perceber um elo entre as duas noções: formação ideológica e formação discursiva.

A essa formação atribuímos dois tipos de funções e/ou funcionamentos. A paráfrase, em primeira instância, entendida como “um espaço em que enunciados são retomados ou reformulados num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da

preservação de sua identidade” (BRANDÃO, 2004, p. 48) e, em segunda instância, o pré-construído, que para “Pêcheux (1975), [...] designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (BRANDÃO, 2004, p. 48).

É preciso ao analista identificar quais são os espaços e as condições de produção dos discursos para, a partir disso, efetivar uma análise profunda em determinados discursos. Enquanto discurso do pagodeiro, as condições de produção e o espaço formativo são observados territorialmente falando, nas comunidades suburbanas da cidade baiana de Salvador e, discursivamente analisando, nos discursos por meio dos pagodes. Em análise, esses papéis e níveis na categoria territorial e espacial devem ser trabalhados, não como essências à análise, mas como demarcadores da história, cultura e memória a qual pertencem. Porque “analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições” (BRANDÃO, 2004, p. 50-51). Contradições essas que são postuladas pela língua, através dos discursos e dos sujeitos que conduzem esses discursos.

São sujeitos que, construídos e constituídos a partir da linguagem, possuem uma identidade histórica e cultural que se mesclam e se deslocam quando interagidas às situações discursivas. É o que, atrelado à ideia da “crise identitária” ou até mesmo “crise dos próprios sujeitos” são apresentados na análise do discurso não como em estado de crise, mas sujeitos deslocados, dispersos e descontínuos em suas funções.

Assim, o sujeito discursivo é aquele que não se apresenta na homogeneidade e na construção imanente. Esse não está desde já dado, mas está sendo construído a partir das relações discursivas que compõem sua história.

Por ser reflexo das *vozes polêmicas*, do diálogo estabelecido entre elas, da memória discursiva e do interdiscurso, o sujeito tem liberdade de produzir “seu discurso”, mas ao mesmo tempo se vê submisso aos discursos de outros que, notoriamente, fazem parte, de alguma forma, do discurso próprio. Dessa forma, o sujeito discursivo pagodeiro ao assumir identidade cultural própria, reflete-se na não autonomia discursiva ao lembrar sujeitos escravistas, favelados, pobres, negros, que detinham discursos similares. Assim,

numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do outro. O centro da relação não está, como nas concepções anteriores, nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos – a formação discursiva [grifos meus]. O sujeito só se completa na interação com o outro. (BRANDÃO, 2004, p. 55)

É nessa relação e interação com o outro nas condições de produção – formação discursiva – e através da polifonia, da dialogia e da memória discursiva que o sujeito discursivo aqui analisado – pagodeiro – pode ser apresentado e analisado. Em seus discursos, (re)afirmadores de uma identidade sucumbida pela classe elitizada, esses sujeitos mostram uma realidade que a muito vem sendo discursivizada, mas que nem tanto é compreendida e aceita.

O anseio desse sujeito em se afirmar e construir sua identidade se mostra fortemente acentuada na assertiva “*eu sou favela, respeite o*

*povo que vem dela*” (Eu Sou Favela – Parangolé) onde a colocação pronominal “eu” intensifica esse desejo e, sobretudo, identifica o sujeito enquanto formador e pertencente a esse conceito, denunciando, nesse caso, as condições de sua produção de seu discurso. Dessa forma,

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2009, p. 53)

Portanto, o sujeito discursivo “(se) significa” a partir do momento que, construindo sentidos, significa sua história, cultura, memória e identidade. E, para percebermos essa relação explícita ou implicitamente presente em seu discurso, faz-se necessário uma análise que configurará, a partir de uma interpretação analítica, (in) conclusões sobre a afirmação e reafirmação da identidade cultural dos sujeitos discursivos - pagodeiros.

Em termos teóricos, não significa que trabalharemos o sujeito enquanto personalidade e pessoa, mas enquanto discursividade que o torna inconstante, mutável, fluido e não detentor de uma autonomia discursiva, mas que a todo instante tenta afirmar a sua formação identitária cultural através de seus discursos.

## (EM) CONCLUSÃO

O presente trabalho apresenta-se em conclusão, porque acreditamos que nenhum projeto de pesquisa se finda nele e somente

nele. Há sempre um novo a descobrir, a investigar, a analisar. Há sempre novos olhares que, direcionando um mesmo objeto, nos levam a novos horizontes. Como afirma Orlandi (2009, p. 27), “Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais.” Com esse não seria diferente. Pautado inicialmente no anseio inquietante de desvendar o universo musical e, conseqüentemente, inseri-lo no acadêmico é que nos projetamos diante de uma problemática comum na atualidade que busca inserir o marginal no universo seletivo – “elitizado”: como os discursos dos pagodes baianos se materializam e se entrecruzam na reconstrução e reafirmação da identidade cultural do sujeito periférico, o favelado.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do Russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARONAS, Roberto Leiser. *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2011.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. *Enunciado/enunciado concreto/enunciação*. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. – São Paulo: Contexto, 2005.

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo:Unicamp, 2004.
- FANTASMÃO. *Conceito*. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=GRg--r-ssYU>. Acessado em 10/06/2011.
- FANTASMÃO. *Eu Sou Negão*. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=ytGPGmP8qpg>. Acessado em 10/06/2011.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. – Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na AD*. In: FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, João Bôsko C.(Org.) *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.
- GRANJEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. *Foucault, Pêcheux e a formação discursiva*. In: BARONAS, Roberto Leiser. *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2011, p. 235-263.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. In: BARONAS, Roberto Leiser. *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Araraquara: Letraria, 2011, p. 377-393.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MENDONÇA, K. S. *Assentamentos da memória: (re)construções de memória discursiva na revista Veja*. In: XIII COMPOS Congresso da Associação Nacional das Pós-Graduações em Comunicação, 2004, São Bernardo do Campo. CD do XIII COMPOS Congresso da

Associação Nacional das Pós-Graduações em Comunicação, 2004. In:  
<http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf/CD-KleberMendonca.pdf>

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*.  
Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*.  
Trad. Eni P. Orlandi (et. al.) \_ Campinas, SP: Editora da  
UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: Achard, P. et al. *Papel da memória*  
(Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.

PSIRICO. *Sou Periferia*. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=D2zxCOAvDf0>. Acessado em  
10/06/2011.

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida. *Dialogismo ou Polifonia?*  
Departamento de Ciências Sociais e Letras - Universidade de  
Taubaté, 2003. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/soft-livre-  
edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf](https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf)

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História e Memória: o caso do Ferrugem.  
*Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 46, p. 271-295 –  
2003.

## CAPÍTULO 7

---

### A ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA TEORIA PECHEUXIANA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Jannice Moraes de Oliveira Cavalcante

Tayson Ribeiro Teles

#### INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, desde seu surgimento, na conjuntura dos anos de 1968/1970 no panorama histórico da França, teve como pano de fundo o Marxismo e a Linguística. Nesse contexto, a AD tem como objeto de estudo o discurso, já que via a língua não só como transmissora de informações, mas era tratada com uma visão discursiva, perpassando os aspectos formais, levando em consideração o contexto histórico, ideológico e social no qual o discurso veio a ser produzido. Desta feita, a linguagem era vista como um processo, um meio de interação social, um caminho por onde o homem tem a possibilidade de expressar seus pensamentos, valores e sua cultura de modo geral. Expressões essas que são sempre condicionadas por um leque de fatores que o assujeita.

Nesse sentido, a AD como método estruturado surgiu oficialmente com Michel Pêcheux, na França do século XX. Este teórico:

[...] nasceu em Tours em 1938 e morreu em Paris em 1983. Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar

particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político. (ORLANDI, 2005, p. 10)

No contexto histórico-político da França dois nomes merecem ser citados quando se fala na fundação da AD: Jean Dubois (linguista francês e também lexicólogo) e Michel Pêcheux (filósofo), ambos influenciados pelo marxismo e pela política, porém com visões distintas.

Nota-se que:

Para Dubois, a AD seria uma continuação natural da Linguística; trata-se de colocar um modelo sociológico para entender a análise linguística à enunciação e o dispositivo de análise tinha como objetivo o controle das variantes de um corpus contrastivo. Para Pêcheux, tratava-se de criar um novo campo de investigação e suas preocupações eram a epistemologia, o ‘corte saussureano’, a reformulação da parole. (GREGOLIN, 2003, p. 5)

Pêcheux age “[...] deslocando conceitos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise e questionando as evidências (do sujeito, dos sentidos, da história) para fundar um outro modo de inscrição teórica/analítica nas Ciências Humanas e Sociais, no qual a noção de sujeito é colocada no centro” (PATTI; SOUSA; GARCIA, 2017, p. 220). Para ele os discursos podem ser analisados a partir de seus contextos sócio-histórico-enunciativos e os contextos são produzidos por pessoas, as quais se relacionam nas sociedades.

O projeto de formação teórica da Análise do Discurso na França - após a obra *Análise Automática do Discurso (AAD)* de Michel Pêcheux - é marcado por mudanças. Não são de ordem cronológica,

mas as três épocas repercutem ideias diferenciadas que são evidenciadas principalmente nas obras de Pêcheux. A saber:

- AD1: Nessa primeira época percebe-se que o sujeito é assujeitado e o discurso é homogêneo.
- AD2: Surgem as noções de formação discursiva e de interdiscurso baseadas na obra de M. Foucault.
- AD3: Surge a noção de “maquinaria discursiva fechada”. Michel Foucault questiona-se acerca de vários conceitos estabelecidos, conduzindo a AD a caminhos diferenciados das primeiras fases.

Como vemos, a Análise do Discurso parte de conceitos definidos como sujeito, discurso e, também, ideologia. Em Linguística esses conceitos são assim elucidados.

Sujeito, segundo Fernandes:

[...] o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um ‘eu’ individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico. (FERNANDES, 2005, p. 33-34)

Discurso: é notório que “existem várias concepções do que seja discurso nos estudos linguísticos, da mais concreta a mais abstrata, sendo a toda concepção de discurso subjacente uma outra de língua e de sujeito” (MELO, 2009, p. 2). A despeito disso, na perspectiva que utilizamos aqui, o discurso é o acontecer da língua na história, sendo tal acontecer erigido sobre um plasma de condições/perspectivas sociais e ideológicas. Assim, “o acontecimento discursivo materializa o contato

entre o acontecimento histórico e o acontecimento linguístico” (BRITO, 2012, p. 559).

Em consonância com Fernandes, o:

[...] discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As oposições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real. (FERNANDES, 2005, p. 20)

Assim, o discurso é a materialização da língua/fala (enunciação) somada a relações sociais ideológicas acontecidas entre os sujeitos pertencentes às várias classes sociais existentes. Noutro dizer: um texto promana um discurso, mas nem todo discurso é um texto. Discurso é algo com sentido(s), produzido sempre na luta ideológica. Pode ser uma fala (discurso político, por exemplo), pode ser um simples ato. Um juiz de futebol, por exemplo, quando ele oferta um cartão vermelho a um jogador, tal ato é um discurso, é proveniente de uma enunciação forjada em relações de poder contextualizadas. “O Discurso é um suporte abstrato que sustenta os vários Textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas” (GREGOLIN, 1995, p. 17).

E a ideia de enunciado/enunciação? “Pode-se dizer que o discurso constitui, com Michel Pêcheux, um campo de investigação em torno do enunciado” (CARVALHO, 2008, p. 17). Isto é, “o discurso [...] determina o falante, mas não da mesma forma que a *língua*, que o faz por uma restrição gramatical, e sim, por uma restrição inerente ao campo da enunciação” (CARVALHO, 2008, p. 16-17). A enunciação é a língua em movimento social, acontecendo, sendo usada contextualmente.

Surge uma indagação: Quem atua na produção do(s) discurso(s), em sociedade? O(s) sujeito(s), seu(s) Outro(s)<sup>1</sup> e a(s) ideologia(s)? Em relação ao sujeito, ele “é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude” (BRASIL, 2011, p. 174). O sujeito é incompleto porque precisa do seu outro para existir. O sujeito não é fonte primária/originária de sentido, porquanto ele só significa em ações/relações coletivas, de classe. “O sujeito não é a fonte absoluta do significado, do sentido, não é a origem, pois ele se constitui por falas de outros sujeitos. Assim, o sujeito é resultante da interação de várias vozes, da relação com o socioideológico, portanto tem caráter heterogêneo” (GUERRA, s/d, p. 5). Bakhtin (2017) diz que somente somos nós (e sabemos que somos nós), porque nos relacionamos (e nos comparamos) com o outro e percebemos que não somos ele e que ele não é nós. Caso

---

<sup>1</sup> Na perspectiva lacaniana, Outro com “O” maiúsculo é o inconsciente. Recomenda-se a seguinte leitura:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151994792010000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151994792010000100005).

houvesse apenas um ser humano no mundo, ele não saberia que *é/era* humano.

Baronas (2006, p. 8), afirma que Pêcheux via o sujeito “ao mesmo tempo ancorado em blocos de realidade e tomado em seus efeitos discursivos transversos”. Ou seja, o sujeito é de carne e ossos, age na vida prática, mas também está imerso em efeitos discursivos subjetivos e ideológicos. “O discurso não pode ser concebido fora do sujeito e nem este fora da ideologia, uma vez que esta o constitui” (GUERRA, s/d, p. 16). Desse modo, o sujeito é sempre ideologizado e fazedor de atos inconscientes. Dessa maneira, “o sujeito interpelado pela ideologia<sup>2</sup> desconhece as determinações que o colocaram em seu lugar e se reconhece em papéis reais ou imaginários no interior da intersubjetividade” (BRITO, 2012, p. 550-551). O sujeito não é livre. Ele é assujeitado pelo seu exterior. O mundo o domina. Ela tenta escapar, mas as amarras e prisões ideológico-discursivas têm muita força. O sujeito é interpelado pela ideologia, porque o discurso é “determinado pelos interesses de determinadas classes sociais, na luta ideológica de classes” (NARZETTI, 2010, p. 53). É evidente que “o sujeito não tem total domínio de seu discurso, pois está inserido em um determinado contexto em que a memória discursiva e formação imaginária influenciam o que vai ser dito” (PICCIN, 2016, p. 19).

---

<sup>2</sup> “O discurso como pensado por Pêcheux está em íntima relação com uma série de conceitos da teoria marxista: estrutura da formação social, ideologias, posições de classe. Destes, o conceito de ideologia é aquele com que o discurso mantém uma relação mais direta”. (NARZETTI, 2010, p. 54)

E as Condições de Produção (CP)? Bem, elas erigem/possibilitam as Formações Discursivas (FDs). “Pêcheux propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias. Sendo assim, concebe as formações discursivas (FD) como elementos constitutivos das formações ideológicas (FI), as quais estão relacionadas à produção dos discursos” (NARZETTI, 2010, p. 56). Dizendo de outro modo, é “[...] no discurso é que as ideologias se materializam passando pelo filtro das diversas formações discursivas que elas comportam” (NARZETTI, 2007, p. 37). Dessa forma, “é a partir da inscrição do sujeito em uma FD que este se constitui como sujeito ideológico, capaz de produzir sentidos” (COSTA, 2018, p. 6).

“Para Pêcheux, a instância ideológica existe na materialidade concreta, sob a forma de formações ideológicas - referidas aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), abordados por Althusser” (ROCHA; GONÇALVES; BARBOSA, 2018, p. 384). Pêcheux entende que as condições de produção originam as FDs e estas formam as FIs. Em resumo, “todo discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção” (BRITO, 2012, p. 349) e, conforme Pêcheux, “a interpelação dos indivíduos em sujeitos realiza-se sempre através de FDs, que derivam de *condições de produção* específicas e refletem a *exterioridade*<sup>3</sup> que as constitui” (OLIVEIRA, 2020, p. 279).

---

<sup>3</sup> “[...] a noção de condições de produção permite à análise do discurso pensar a situação de interioridade/exterioridade do discurso em relação a seu contexto sócio-histórico e, como consequência, pensar que o sujeito não é um organismo humano individual, mas determinado na estrutura de uma formação social caracterizada por meio do *modo de produção* que a domina e por um estado determinado pela *relação de classes* que a compõem” (BRITO, 2012, p. 551).

É preciso levar em consideração “a afirmação de Pêcheux que *o discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas*” (BRITO, 2012, p. 552). Nesse fluxo, “a prática da AD produz no discurso uma relação do linguístico com o exterior da língua; portanto, todo discurso deve ser concebido como sempre pronunciado a partir de condições de produção” (BRITO, 2012, p. 560). Quando o agente enuncia (ou produz) um discurso, o faz situado em seu plano contextual, subsumido às suas relações sociais e ideológicas.

E quanto ao sentido ou aos sentidos do(s) discurso(s)? “O sentido escapa a toda redução que tenta alojá-lo numa configuração mecânica da língua, na medida em que o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua” (BRITO, 2012, p. 554). Pêcheux dizia:

[...] que o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc não existe ‘em si mesmo’, ou seja, colado ao significante, mas ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Para Pêcheux a ideologia é a matriz do sentido. (BARONAS, s/d, p. 3)

Por certo, “os sentidos são histórica e socialmente construídos e, portanto, não são fim em si mesmos, mas estão determinados pelas posições ideológicas existentes no processo sócio-histórico em que os discursos são produzidos” (ROLIM, 2017, p. 193). O que se quer dizer é que o sentido dependerá sempre do contexto. Noutros vocábulos, “o que é dito ou enunciado não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que os interlocutores ocupam. Tudo isso implica [...] que o locutor [...] tenha a habilidade de prever onde o seu interlocutor o espera. [...] A

antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva de qualquer discurso” (BRITO, 2012, p. 550). Ademais, “o sentido não é evidente, não é transparente, mas opaco, uma vez que cada enunciado imerge em uma rede de relações associativas implícitas” (BRITO, 2012, p. 557).

Esse “contexto social” que determina o dizer e o agir tem a ver com os grupos específicos que se relacionam na produção e na circulação dos discursos. Em Pêcheux “só há discurso produzido por um dado grupo social, que se define como intelectual/locutor coletivo. O discurso é o produto de uma interação linguística de um dado grupo social ou classe social” (NARZETTI, 2010, p. 59). Camargo (2019, p. 172), expende que “os discursos são formados na convergência e não podem ser vistos fora dos seus contextos sócio-históricos de produção. Logo, o contexto histórico é formador de sentido e de significado”.

Nessa perspectiva, temos de perceber, ainda, que “o discurso é um lugar de rupturas, assim como a língua e a história que o engendram” (BRITO, 2012, p. 555). No discurso, as rupturas diretas são os esquecimentos que nos atingem durante a realização discursiva. Para Pêcheux, o sujeito, em sua relação com o discurso, está envolto em dois esquecimentos. Sobre isso, Guerra nos diz:

*O “esquecimento nº 1” é aquele em que o sujeito se coloca como origem de tudo o que diz. Esse esquecimento é de natureza inconsciente e ideológica: o sujeito procura rejeitar, apagar, de modo inconsciente, tudo o que não está inserido na sua formação discursiva, o que lhe dá a ilusão de ser o criador absoluto de seu discurso. Para esse autor, com o “esquecimento nº 2”, de caráter pré-consciente ou semiconsciente, o sujeito privilegia algumas formas e “apaga” outras, no momento em que seleciona determinados dizeres em detrimento de outros. Com o*

“*esquecimento nº 2*”, o sujeito tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado. Ele acredita que todo interlocutor captará suas intenções e suas mensagens da mesma forma. Os outros do discurso que determinam seu dizer não são percebidos pelo sujeito, assim como ele não pode ter controle total sobre os efeitos de sentido que seu dizer provoca, precisamente porque sentidos indesejáveis são mobilizados. (GUERRA, s/d, p. 6) (Grifos nossos)

Ou seja, Pêcheux “denomina *esquecimento nº 1* [...] a ilusão do sujeito de estar na *fonte do sentido*” (OLIVEIRA, 2020, p. 279) e “Pêcheux vê, no que chama de *esquecimento nº 2*, a constituição do enunciado a partir da seleção e da rejeição de dizeres pelo sujeito, que o faz mais ou menos conscientemente” (OLIVEIRA, 2020, p. 283). Desse modo, em consonância com Pêcheux, “o *esquecimento nº 2* é enunciativo, da ordem do semiconsciente e dispõem sobre o fato de o sujeito se apoiar na aparência de que o que ele diz só pode ser dito de uma forma, ou seja, de que a linguagem é transparente, havendo uma equivalência unívoca entre forma e sentido” (SANTOS, 2019, p. 101).

## BREVE HISTÓRIA E ESTRUTURAÇÃO DA AD DE LINHA FRANCESA

A Análise do Discurso, que tem como base as ideias de Michel Pêcheux e outros autores importantes, articula-se também com outras áreas do conhecimento, quais sejam: o materialismo histórico (com a releitura dos textos de Marx feita por Althusser); a Linguística (releitura de Saussure); e a teoria do discurso (processos semióticos). Essas teorias supracitadas são influenciadas também pelos estudos de Lacan que faz uma releitura da teoria psicanalítica de Freud. Percebe-se que:

[...] da articulação entre propostas de Saussure, Marx e Freud surgirão novos conceitos (sujeito, História, língua) e deles vai derivar o objeto ‘discurso’, tensionado por uma relação entre esse novo ‘estruturalismo’ (releitura de Saussure), um novo ‘marxismo’ (releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito. (releitura de Freud) (GREGOLIN, 2004, p. 25-26)

Convém lembrar que a noção de sistema linguístico (formulada por Saussure) “... acontecerá primeiro em disciplinas como a antropologia e a sociologia e só depois alcançará a linguística propriamente dita” (GREGOLIN, 2004, p. 22).

Nesse processo de fundação da AD francesa quatro nomes (pilares) se destacam: Louis Althusser, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Lacan, já que “as contribuições de Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin vão operar essa articulação entre regiões do conhecimento no alicerce da AD” (GREGOLIN, 2004, p. 7).

Influenciado pelas teorias marxistas, Althusser preconiza que a economia tem influência direta e significativa tanto na vida social quanto política e intelectual de uma sociedade, determinando uma formação social. Reitera a ideia de ideologias que se caracterizam por não serem arbitrárias, por terem uma função definida em uma sociedade, serem inconscientes e serem matérias; os chamados “aparelhos ideológicos”. A partir das formações ideológicas compreende-se que tudo o que é dito faz parte de um contexto único onde todo discurso reflete as ideologias de um sujeito assujeitado.

Michel Foucault publica em 1969 o livro *Arqueologia do Saber* onde expressa ideias determinantes para a AD. No ano seguinte, 1970, durante uma aula inaugural no *College de France*, M. Foucault se

propõe a analisar vários conjuntos de discursos, a saber: literários, religiosos, éticos, médicos e jurídicos, dentre outros, para verificar as ideologias neles incutidas. Surge também o conceito de “acontecimento discursivo”.

Igualmente importante para a formação da AD são as ideias de Mikhail Bakhtin produzidas na Rússia de 1930 a 1970. Bakhtin introduz conceitos chaves “como gênero, polifonia, cronótopo, carnavalização, formas de incorporação do outro à linguagem, definição do ‘outro’ bakhtiniano, vozes, etc.” (GREGOLIN, 2003, p. 14).

Bakhtin faz críticas às ideias saussurianas. Críticas essas que não são aceitas por Michel Pêcheux e seu grupo. Percebe-se que:

O ponto teórico fundamental, em torno do qual se assentam as críticas de Pêcheux a Bakhtin, é o modelo bakhtiniano da interindividualidade, que tem na sua base a ideia de interação sociocomunicativa. Para Pêcheux, a produção do sentido não pode ser pensada na esfera das relações interindividuais; do mesmo modo ela não pode ser tomada em relações sociais pensadas como *interação* entre grupos sociais. (GREGOLIN, 2004, p. 15)

No quarto pilar na formação da AD surge o nome de Lacan. As obras de Michel Pêcheux são influenciadas por Lacan, que fez uma releitura das obras de Sigmund Freud, o pai da psicanálise. A psicanálise, que é um método de tratamento para perturbações ou distúrbios nervosos ou psíquicos, estabelecia relações entre os sinais expressos pelo inconsciente e tudo aquilo que era vivenciado pelo paciente. Freud achava que existiam conflitos entre os impulsos humanos e as regras que regem as sociedades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos conceitos aqui abordados, indagamo-nos: será possível, em alguma perspectiva, chegarmos a conclusões ao nos debruçarmos sobre conceitos-chave da AD? De certo:

Análise do Discurso se caracteriza como uma disciplina de intermeio que está aberta para novas atualizações, e concluir-se é uma ação impossível, pois neste caso as conclusões só aspiram novos questionamentos: Seria a linguagem algo sem modificação? Que sentidos foram produzidos quando nos movimentamos de uma análise de discurso a outra? A AD constrói ou destrói um discurso? Existe um caminho metodológico para se fazer uma AD correta? Quando ela é correta? (BRANCO; DIEZ, s/d, p. 8)

Por certo, não há jeitos “corretos” ou “mais corretos” de fazer uso da AD. O fato é que abordagem teórica nos faz refletir e transitar pelo universo da significação variado, nos oferecendo uma vasta possibilidade de compreensões de objetos linguísticos, a fim de superar discursos unívocos, estanques, homogêneos e hierarquizantes, entronando um respeito à diversidade de língua(gens) e identidades.

Desta feita, acreditamos que este *paper* é apenas um esforço teórico discursivo mínimo. O dizer de haver uma possibilidade outra de ver as coisas – na verdade várias factibilidades. Uma fuga do óbvio, que não é tão óbvio. Ou uma fuga do que querem que tenhamos como óbvio. Uma tentativa profícua de alinharmos a teoria às nossas pesquisas em andamento.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.
- BARONAS, Roberto Leiser. Bakhtin, Foucault e Pêcheux na Análise de Discurso: problema sociológico ou epistemológico? *Estudos Linguísticos XXXV*, 2006.
- BARONAS, Roberto Leiser. *Efeito de sentido de pertencimento à análise de discurso*. Texto presente no Google, sem indicação de data e local, p. 3.
- BRANCO, Viviane Prux; DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. Análise do discurso e formação discursiva. *Anais do V SIRSSE*. S.d.
- BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan/jun 2011 - 11 by UFG/Campus Catalão.
- BRITO, Luiz André Neves de. (Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva? *Eutomia – Revista de Literatura e Linguística*, v. 1, n.9, 2012.
- CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social. *Saber Humano*, ISSN 2446-6298, V. 9, n. 14, p. 167-181 Jan./Jun. 2019.
- CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. *O sujeito do discurso: Pêcheux e Lacan*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- COSTA, Yanca Marcelle Costa da. *Análise do discurso: um olhar sobre a ambiguidade em propagandas das havainas*. TCC – Licenciatura em Língua Portuguesa. Abaetetuba: UFPA, 2018.

- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- GUERRA, Vânia Maria Lescano. *Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso de linha francesa*. Texto presente no Google, sem indicação de data, s/d, p. 5.
- GREGOLIN, Maria do Rosário: *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise: *Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos*. In: FERNANDES, C. e SANTOS, J.B. (org.). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: UFU, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. *Revista Alfa*, São Paulo, 1995.
- MELO, Iran Ferreira de. *Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções*. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009- ISSN 1807-5193.
- NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. *As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70*. *RevLet – Revista Virtual de Letras* Volume 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125.
- NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. *Relações entre a Análise do Discurso e a ciência da história*. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 23-42, 2007, p. 37.
- OLIVEIRA, Giovani Fernandes. *A enunciação em Michel Pêcheux: uma questão inquietante*. *Bakhtiniana*, São Paulo, 15 (3): 267-296, jul./set. 2020.
- ORLANDI, Eni. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, junho/2005.

- PATTI, Ane Ribeiro; SOUSA, Lucília Maria; GARCIA, Dantielli. *Pelos entremeios da Análise do Discurso: nos fios de Michel Pêcheux*. Psicologia Política. vol. 17. nº 39. p. 220-231, mai. – ago. 2017.
- PICCIN, Stéla. A constituição da análise de discurso de Michel Pêcheux. *Revista DisSol*, Pouso Alegre, ano III, nº 4, jul-dez/2016 – ISSN 2359-2192.
- ROCHA, Tacia; GONÇALVES, Luana Vitoriano; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. Foucault x Pêcheux: o conceito de sujeito do discurso. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 14 - n.23 – 2º Semestre – 2018 – ISSN 1807-5193.
- ROLIM, Ana Carine Arruda *et al.* Contribuições da Análise do Discurso pecheutiana para a Saúde Coletiva. *Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud*/Volume 2, 2017.
- SANTOS, Kátia Roseane Cortez. Sujeito e Subjetividade na Análise de Discurso Pecheutiana. *Revista Porto das Letras*, Vol. 05, Nº 02. 2019, Estudos da Linguagem.

## SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

**Bruna Maria de Sousa Santos** é mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional pela Unicesumar. Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Integra o grupo de pesquisa Observatório do Discurso, cadastrado no CNPq. Desenvolve e orienta pesquisas em Análise do Discurso de linha francesa, com interesse nos seguintes temas: Política e educação; Discurso político-educacional brasileiro; Discurso e resistência; O discurso no espaço virtual.

**Fernanda Araújo Dias Mendes Xavier** é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2018). Especialização em Práticas Docentes Interdisciplinares na UNEB - Campus VI (2015). Especialização em Docência do Ensino Superior pela FG (2014). Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UNEB, Campus VI/Caetitê (2011). Membro do Grupo de Estudos sobre Texto e Enunciação (GETEn), vinculado ao Instituto de Letras - UFBA.

**Gabriela Pacheco Amaral** é graduada em Letras pela UEMG. Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais na área de Análise do Discurso. Atualmente é professora efetiva na Universidade Federal de Roraima.

**Illa Pires de Azevedo** possui Licenciatura em Letras Vernáculas e Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Mestrado em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É professora EBTB de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Baiano, campus Itapetinga. Membro do GEPEAD /UEFS e do GEPEDET/IFBAIANO, é Doutoranda em Linguística (UEFS) e desenvolve seus estudos no campo da Análise Materialista do Discurso.

**Jannice Moraes de Oliveira Cavalcante** é professora Licenciada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Acre - Ufac (1998). Especialização em Visão Interdisciplinar em Educação pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2001). Mestrado em Letras- Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre - Ufac (2013). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Identidade (PPGLI) pela Universidade Federal do Acre - Ufac (2020). Atualmente é Professora Titular Adjunto Nível 01 da Universidade da Universidade Federal do Acre - Ufac. É coordenadora de Estágio Supervisionado do Curso de Letras/Inglês e suas Respectivas

Literaturas no campus sede de Rio Branco- AC. É coordenadora do Programa Residência Pedagógica do Curso de Letras/Inglês Tem experiência nas áreas de Letras/Inglês e atua no campo de ensino de Língua Inglesa, da Investigação e Prática Pedagógica do Ensino da Língua Inglesa e de Estágios Supervisionados. É vice coordenadora no Curso de Letras/Inglês. É membro do grupo de pesquisa DALI - Digitalidades para Aprendizagem de Língua Inglesa. E-mail: *jannicedeoliveira@gmail.com*.

**Sarah Vicente Cabral da Silva** é graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (2021). Possui interesse na área de pesquisa em Análise do Discurso com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso e virtualidade.

**Tayson Ribeiro Teles** é doutorando em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC) [2020-2024]. Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela UFAC (2016). Graduado em Finanças (UniSEB/SP), em Matemática (Ceucar/SP) e em Direito (UFAC). Especialista em Gestão Administrativa, em Educação Profissional, em TICs e em Gestão de Políticas Públicas. Líder do Grupo de Pesquisa NUPEGEN-Acre (Núcleo de Pesquisas em Gestão e Negócios do Acre), do IFAC/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa Grupo de Pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória – GPHCLIM, da UFAC. Professor de

Economia e Finanças no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC). E-mail: tayson.teles@ifac.edu.br.

**Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez** é professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Linguística (UFBA). Membro do Núcleo de Pesquisa do Discurso. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD).

**Victor Hugo da Silva Vasconcellos** é doutorando em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui mestrado em Língua Portuguesa pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2015. É Licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2009. Possui experiência no ensino básico, no superior, no corporativo e em consultoria educacional. Atua na área de Letras, com ênfase em Análise dos Discursos: amoroso; literário; religioso; astrológico; e político.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Anderson de Almeida Santos** é doutorando em letras pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa (UEFS). Licenciado em Duração Plena em Letras Vernáculas (UEFS). Membro pesquisador no Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise de Discurso.

